

Transcrição das entrevistas – ordenado por questão

ANTES DE BARACK OBAMA

Pesquisadora: — [Q01-A] Qual a ocupação dos pais?

E01-A: — Minha mãe é do lar e meu pai era militar.

E02-A: — Minha mãe do lar, meu pai também era lavrador, cuidava de vaca, trabalhava em fazenda, serviços braçais e também mexia com roça.

E03-A: — Meu pai é funcionário público aposentado, foi por muito tempo funcionário do ministério dos transportes. Ele era na verdade funcionário de uma empresa que tem muito a ver aqui com a história do Estado, que era a Companhia de Navegação da Bacia do Prata. Uma empresa que tinha a sede na minha cidade... Não tinha sede em Guaíra no interior do Paraná, e tinha duas filiais vamos dizer assim, uma em Presidente Epitácio que é a minha cidade de origem e outra em Corumbá, aqui no Estado, então é uma empresa que tem muito a ver aqui com o desenvolvimento do Estado. E ele foi funcionário público praticamente a vida inteira, se aposentou na condição de funcionário público. Minha mãe é uma estória interessante, ela é... era do lar. Eu me lembro, adolescente ainda e minha mãe ela tinha estudado, tinha feito o Primeiro Grau. Aí depois dos filhos já semicriados, vamos dizer desta maneira, ela lutou muito, voltou a estudar, se formou, fez magistério, fez concurso público, se tornou professora, deu muito... deu aula muito tempo no estado, no estado de São Paulo, ela era funcionária pública do governo do estado e se aposentou como professora.

E04-A: — Meu pai foi comerciante durante 33 anos, minha mãe foi sempre do lar.

E05-A: — O meu pai biológico ele é borracheiro, minha mãe do lar e o meu pai adotivo médico.

E06-A: — Olha a minha mãe fez..., ela fez a pré-admissão, estudou até a admissão e daí quando não tinha, eram dez filhos, ela foi trabalhar em casa de família, mudou da cidade do interior de Mato Grosso, e daí que ela veio aqui pra Corumbá trabalhar em casa de família. E o meu pai já ajudava o..., começou a trabalhar ajudando o pai também no campo, fazendo cercas, montando a cavalo, com gado e com isso.

E07-A: — A ocupação dos pais: minha mãe doméstica e meu pai motorista. Vai ser a mesma coisa dos meus avôs.

E08-A: — Meu pai hoje é aposentado do exército e minha mãe é doméstica.

E09-A: — Meu pai trabalhou em fazenda, ele era capataz de fazenda, agora ele está aposentado. Minha mãe do lar e agora os dois estão aposentados.

E10-A: — O meu pai é advogado e minha mãe é tabeliã.

E11-A: — Pais adotivos eram trabalhador braçal, trabalhava carregando e descarregando caminhões, e a mãe era líder do lar.

E12-A: — Como o senhor já o falou o pai foi parlamentar, mãe do lar.

- E13-A: — Meu pai ele está aposentado por invalidez a profissão do meu pai era campeiro, a minha mãe costureira porem ela deixou, agora ela pinta ela borda.
- E14-A: — Aos 14 anos meu pai era serralheiro e marceneiro, e minha mãe desde os quinze anos trabalhava na lavadeira.
- E15-A: — Meu pai ele é aposentado trabalhou numa multinacional em São Paulo e minha mãe é do lar.
- E16-A: — Meu pai trabalhou em lavoura e minha mãe do lar.
- E17-A: — A minha mãe há uns trinta anos atrás era ainda domestica, na necessidade de ter uma vida melhor se aventurou de fazer um concurso público e começou a melhorar a vida trabalhar e estudar e hoje ela é aposentada, formada em Direito “Advogada” meu pai é morto eu tinha um ano.
- E18-A: — Pai Advogado e mãe tabeliã.
- E19-A: — O pai braçal e a mãe doméstica todos aposentados.
- E20-A: — Funcionários públicos.

Pesquisadora: — [Q02-A] Qual o grau de escolaridade dos pais?

- E01-A: — Primário, pai e mãe.
- E02-A: — Eles não eram alfabetizados, nem meu pai e nem minha mãe.
- E03-A: — Meu pai ele cursou Direito, mas não terminou, então é superior incompleto. A minha mãe é superior, ela fez Pedagogia e se eu não me engano História, alguma coisa assim.
- E04-A: — Minha mãe teve o primeiro ano, meu pai teve o Primeiro Grau incompleto, mas ele era muito estudioso, foi um autodidata, ele desenvolveu bem, foi o que nos estimulou.
- E05-A: — Os meus pais adotivos, os dois têm nível superior, ele médico e ela pedagoga. E os meus pais biológicos têm só o ensino fundamental.
- E06-A: — O meu pai é alfabetizado, porque ele lê, ele escreve assim e tal, e a minha mãe que estudou até naquela época até a Admissão.
- E07-A: — Os dois tinham o Primeiro Grau incompleto.
- E08-A: — Nem terminou o Primeiro Grau.
- E09-A: — Minha mãe deve ter feito somente o Segundo Grau, a segunda série na época. E o meu pai eu acho que ele estudou até o quarto ano mais ou menos.
- E10-A: — Nível superior os dois.
- E11-A: — Pais adotivos, a escolaridade é pai primeiro ano, mãe segundo ano do antigo curso.
- E12-A: — Dos pais adotivos nível superior.
- E13-A: — Minha mãe terminou o ensino médio e o meu pai o Primeiro Grau incompleto.
- E14-A: — São alfabetizados.
- E15-A: — Minha mãe completou agora faz pouco tempo o ensino médio e o meu pai o ensino médio.
- E16-A: — Semianalfabetos.

- E17-A: — Meu pai e minha mãe primário coisa assim não tinha como saber.
E18-A: — Superior.
E19-A: — O pai primário, a mãe alfabetizou recentemente.
E20-A: — Segundo grau completo.

Pesquisadora: — [Q03-A] Qual a primeira ocupação dos pais e qual a idade?

- E01-A: — Minha mãe nunca trabalhou fora [do lar]. Meu pai [serviços gerais]. Acho que desde moleque, ele já fazia serviço pra ganhar um troco.
- E02-A: — A primeira ocupação sempre foi mexer com roça, trabalhavam em fazenda. Eu acho que mais ou menos assim com dez ou onze anos meu pai começou a trabalhar, porque eu tive mais contato assim com o meu pai.
- E03-A: — Meu pai a estória da minha família por parte do meu pai é pelo que eu conheço, meu pai foi é... trabalha desde criança, na verdade eles são retirantes. Minha avó dizia, ela contava esta estória muito, falo que minha avó pra mim é um exemplo, porque eu cresci, e como a casa dos meus pais era perto, era próximo da casa dos meus avós, então eu fui criado meio na casa da avó e meio na casa dos pais. E eu cresci com a minha avó contando, eu sempre fui apaixonado pelas estórias que ela contava, ela sempre falava dos treze dias de pau-de-arara, que foi quando eles migraram da Bahia para as margens do rio Paraná, na época na divisa com São Paulo. Meus avós são fundadores, um dos fundadores de Presidente Epitácio que é a cidade aqui logo após, depois do rio. E meus pais nasceram já aqui em Presidente Epitácio. Minha avó quando veio do interior da Bahia ela ainda não tinha meu pai e nem minhas tias, todos nasceram aqui. Então ela contava esta saga e aí como eles vieram de pau-de-arara sem nenhuma perspectiva, sem trabalho, sem nada, foi uma vida muito difícil. Então meu pai ele conta isso, desde criança é com certeza uma pessoa que gozou pouco da infância, porque tinha que trabalhar muito pra ajudar no sustento da família, esta coisa toda. Ajudava o meu avô, meu avô era... ele era... ele mexer com roça e era funcionário de fazenda, mas fazia logicamente uma série de serviços na comunidade. E meu pai era o auxiliar dele, único filho homem que acompanhou, que acompanhava ele até se tornar adulto muito na ajuda e na sobrevivência da família. Então origem geralmente humilde, mas de uma formação de caráter, e de é... eu tenho um... muito orgulho da minha formação, principalmente por parte da família do meu pai que foi com quem eu tive mais contato. Meu avô materno eu mal conheci na verdade, meu avô por parte da minha mãe, minha avó não, minha avó chegou a morar com a gente, a mãe da minha mãe, mas o meu avô se separou muito... há muito tempo quando eu era criança da minha avó, voltou pra Argentina, ficou na Argentina, até hoje, na verdade até hoje eu não sei que a gente perdeu o contato com ele. Mas a minha avó não, ficou muito tempo, chegou a morar com a gente. E a minha mãe, a origem dela também desde criança, batalhadora, família humilde também. Minha mãe é do interior do Paraná, de Foz do Iguaçu, a minha avó era argentina que... minha mãe ela contava pra mim esta estória interessante. Minha mãe foi gerada na Argentina, o meu avô e eles moravam próximos a fronteira do Brasil, e minha mãe veio nascer em Foz do

Iguaçu. Mas a origem toda, a família toda é da Argentina e, mas com esta mesma característica de muita dificuldade e muita humildade, tanto quanto meu pai.

- E04-A: — Meu pai veio da Bahia, fazendo serviços gerais e com pouca idade, até que ele se tornou um comerciante já a partir dos vinte e poucos anos, até vinte e cinco anos.
- E05-A: — Meus pais biológicos estão na faixa etária dos 45 a 50 anos, e os meus pais adotivos... A primeira ocupação, o meu pai borracheiro e o outro médico. Olha quando ele começou a trabalhar foi tal ocupação, que você ficou sabendo. Eu não me lembro do meu pai biológico, eu sai de casa muito pequena, mas os adotivos eu não sei por que eu troquei de família.
- E06-A: — Não sei.
- E07-A: — A primeira ocupação no caso foi trabalhar de babá, no caso da minha mãe, trabalhar de babá e depois acabou sendo no caso doméstica, tomando conta de todo serviço, mas não passou, não teve ascendência fora dessa... duas trajetórias mesmo, sempre trabalhando em casa de família, ou como babá ou como doméstica. E a idade no caso minha mãe começou cedo com 14 anos, e o meu pai no caso a mesma coisa, ele começou, entrou pra dentro de uma oficina, e foi aos poucos no caso pegando outras funções até chegar como motorista. Ele pegou naquela época era mais fácil ser motorista, e aí no caso atingiu a parte de motorista, meu pai entrou com 13 anos pra dentro da oficina e aí quando ele atingiu a idade ele já podia dirigir, ele fazia... Primeiro começou dirigindo dentro da própria garagem, e acabou fazendo como motorista de ônibus urbano, e chegou a trabalhar como motorista intermunicipal.
- E08-A: — A primeira ocupação era rural também. Quatorze pra dezoito anos.
- E09-A: — A primeira ocupação, ele começou a trabalhar com treze anos, trabalhava em fazenda, assim ele começou como ajudante. Minha mãe já começou mais tarde, ela veio pra cá, deixou os meus avós lá na fazenda, no rio negrinho, ela trabalhava no interior, e veio pra cá e começou a trabalhar aqui como empregada doméstica.
- E10-A: — A primeira ocupação da minha mãe foi doméstica, e a ocupação do meu pai foi no Ceasa, ou ajudante, alguma coisa nesse sentido.
- E11-A: — A primeira ocupação na fase em que eles eram meninos era ajudar o pai e a mãe na roça, no roçado, na casa, todos os afazeres dos adultos eles ajudavam como crianças.
- E12-A: — Meu pai era soldado, a primeira ocupação do meu pai era soldado da polícia militar de Minas Gerais, das fusíveis de 1930 e qualquer coisa, e minha mãe era do lar. Eu desconheço depois outras ocupações que meu pai teve, porque eu não vivi com ele e durante o tempo que ele permaneceu vivo, boa parte eu morei sozinho.
- E13-A: — Minha mãe é doméstica, e o meu pai confeccionava colchão de capim.
- E14-A: — Serralheiro, e minha mãe lavadeira.
- E15-A: — Minha [mãe] trabalhou como doméstica e meu pai sempre empresa mais ele começou bem cedo não sei dizer a idade mais bem cedo pra poder estar ajudando a família.
- E16-A: — Eles trabalharam na lavoura desde jovem, oito anos dez anos por ai.

- E17-A: — Não tenho informação eu não tinha nem um ano quando ele morreu a minha mãe começou a trabalhar entorno dos sete e seis anos mais ou menos.
- E18-A: — O pai aos 13 anos foi sorveteiro e mãe aos 16 anos foi doméstica.
- E19-A: — O pai como trabalhador rural e a mãe do lar, todos quando criança.
- E20-A: — Bancário [pai, 18 anos] e funcionária pública [mãe, 20 anos].

Pesquisadora: — [Q04-A] Quantos irmãos você tem e quantos concluíram o ensino superior?

- E01-A: — Nós éramos sete, atualmente somos seis, e cinco concluíram o curso superior.
- E02-A: — Eu tenho uma irmã do primeiro casamento do meu pai, que eu fui criada junto com ela, e tenho três irmãos do segundo casamento do meu pai. Nenhum deles concluiu ensino superior não, só eu.
- E03-A: — Nós somos quatro, dois casais. Eu sou o segundo, tenho uma irmã mais velha, depois de mim tem outro irmão e a mais nova, somos quatro filhos. Somos três, dos quatro três concluíram o ensino superior.
- E04-A: — Tenho dez irmãos e tenho sete com ensino superior completo.
- E05-A: — Na minha família biológica eu tenho três irmãos e nos adotivos dois, só eu concluí nas duas famílias, sendo que na família adotiva os dois ainda são pequenos, o mais velho tem treze anos, e na minha família biológica eles não tiveram condições de cursar o nível superior, nenhum deles.
- E06-A: — Eu tenho uma irmã que é formada em medicina.
- E07-A: — No total nós somos seis irmãos hoje, somos de uma família no caso de quatorze irmãos, todos da mesma mãe e do mesmo pai. E hoje nós somos seis vivos, e desses seis vivos no caso só eu que tenho o nível superior, sem contar que nenhum dos outros cinco no caso tem sequer o Primeiro Grau. Não vem de uma família tradicional de estudo, nenhum deles no caso tem um emprego estável assim, é tudo no caso ou são domésticos ou então trabalham no caso de bico.
- E08-A: — Tenho seis irmãs e nenhuma conseguiu terminar o curso superior [apenas eu conclui].
- E09-A: — Uma irmã e ela têm o ensino superior também, ela é professora.
- E10-A: — Eu tenho uma e ela está fazendo, ela está estudando o nível superior, tem vinte anos.
- E11-A: — Eu tenho seis irmãos e apenas eu concluí o terceiro grau.
- E12-A: — Tenho três irmãos, dois por parte de pai e duas irmãs por parte só de mãe. Desses três irmãos um deles, meu irmão precisamente concluiu o ensino superior, é formado em letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, capital, na época capital do Brasil.
- E13-A: — Somo em três e todos são formados.
- E14-A: — Cinco e quatro com formação superior.
- E15-A: — Eu tenho três irmãos todos formado.

- E16-A: — Eram oito irmãos, mais só dois que concluiu, eu e mais um irmão o ensino superior.
- E17-A: — Tenho dois irmãos, uma irmã e um irmão, e os dois são formados, a minha irmã é formada em Engenharia Econômica e o meu irmão é formado em Engenharia Civil.
- E18-A: — Dois, sendo um adotivo e os dois com formação superior.
- E19-A: — Tenho oito irmãos e apenas eu concluí o ensino superior.
- E20-A: — Sou filha única

Pesquisadora: — [Q05-A] Que tipo de escola você estudou: pública ou particular?

- E01-A: — Eu estudei até o ginásio em escola pública, e depois o antigo científico em escola particular.
- E02-A: — Escola pública e depois a faculdade, eu fiz faculdade particular.
- E03-A: — Eu fiz o primeiro e o Segundo Grau em escola pública. Depois o ensino superior eu fiz faculdade de Direito e de Ciências Contábeis, ambas particulares.
- E04-A: — Em princípio até... na primeira formação foi em escola pública, até inclusive estudei também o curso superior em escola pública também, jamais tive escola particular.
- E05-A: — Até oitava série eu estudei em escola pública, porque na minha cidade não existia escola particular, então o Segundo Grau eu fiz aqui, que foi na escola particular “Dom Bosco”.
- E06-A: — Eu estudei um ano na escola pública do município e daí eu já fui pra escola particular.
- E07-A: — Eu estudei em escola pública, até a quarta série regular e depois eu estudei em escola particular, em escola pública que eu lembro a primeira que eu falei até a quarta série, e depois eu fiz escola particular, mas foi o supletivo. Eu estudei na federal, na Universidade Federal de [inaudível].
- E08-A: — Pública no Primeiro Grau e particular no Segundo Grau.
- E09-A: — Particular.
- E10-A: — Particular.
- E11-A: — Em nível de Primeiro Grau, eu fiz em escola pública. Em nível de Segundo Grau, eu fiz Contabilidade, já foi privada.
- E12-A: — Sempre estudei em escolas públicas, porque sempre tive uma vida pontuada de extrema dificuldade.
- E13-A: — Pública, tive a oportunidade de estudar no Seminário e estudei em escola particular mais gratuitamente no Colégio Dom Bosco quando eu terminei os meus estudos.
- E14-A: — Pública.
- E15-A: — Escola publica.
- E16-A: — Publica e particular.
- E17-A: — Na formação fundamental e média em escola pública, a particular só foi a Universidade só.

E18-A: — Particular.

E19-A: — Pública até o ensino fundamental e particular na universidade.

E20-A: — Particular.

Pesquisadora: — [Q06-A] Quem pagava os seus estudos? Ou você recebeu algum incentivo financeiro para efetivar seus estudos?

E01-A: — No científico o meu pai, mas na faculdade já foi eu mesmo.

E02-A: — Meu tio, eu tinha um tio que trabalhava em uma firma e ele ganhava um pouquinho melhor, e ele que pagou os meus estudos e eu também solicitei bolsa de estudos, na época tinha.

E03-A: — Quando eu fiz escola particular, tanto na faculdade de Direito quanto de Ciências Contábeis, quem pagava era eu. Eu já, eu entrei na Secretaria de Fazenda, o Almir é de 1985, eu sou de 1981, eu sou do primeiro concurso público. Quando dividiu o Estado, o primeiro concurso público que teve na Secretaria da Fazenda pra PE foi de 1981, e aquela época era Segundo Grau o acesso, não era superior como é hoje, hoje já é superior. Eu terminei o Segundo Grau, prestei o concurso, passei na época, eu consegui ser bem classificado, já assumi de imediato. Na verdade quando eu comecei a trabalhar na Secretaria da Fazenda, eu até então trabalhava com o meu pai, meu pai tinha um escritório de contabilidade e eu ajudava ele no escritório. E eu tinha um sonho morava no interior de São Paulo, eu tinha um sonho até porque tenho amigos, parentes, todos de ir para capital. Acho que tem isto até hoje, as pessoas do interior querem ir pra capital. Lá tinha muito isto, na época que eu estava terminando o Segundo Grau, tinha planos, meu sonho era fazer Jornalismo, meu sonho era ir morar com a minha tia, era tocar minha vida em São Paulo, tinha lá já um monte de amigos e parentes, queria fazer isto. Aí eu vim pra Campo Grande, me inscrevi no concurso pra PE, vim pra Campo Grande prestar o concurso e passei. Aí meu pai, meu pai já sabia mais do que eu na verdade sobre a função, sobre tudo o que era ser PE. Eu me lembro que eu falava pro meu pai, eu tinha dezoito anos de idade, era a idade mínima do concurso, eu lembro que eu falava pro meu pai, eu falava: “Eu vou lá fazer o concurso por causa de você, mas eu vou pra São Paulo, eu não quero saber de Mato Grosso, eu quero ir pra São Paulo, meus amigos, minha família, um monte de sonho, um monte de coisa na cabeça.” E aí ele falou assim: “Você vai lá em Campo Grande, você passou no concurso, você vai primeiro saber exatamente o que você vai fazer, como é que são as coisas e tal.” Aí eu vim pra cá, fiz um curso e fiquei um mês, a sede do governo ainda era onde era o fórum, era a sede do governo. Eu vim fiz um curso de um mês antes de assumir o cargo, e aí eu comecei a me aprofundar sobre o que era o exercício da profissão, e aí resolvi. Mas uma das coisas que com certeza também foi fundamental foi o salário na época. E isto lógico e a família humilde e eu vi o que eu poderia ajudar a minha família, assumindo aquela função. Tanto que os meus dois irmãos que se formaram depois, tiveram oportunidade de pagar, de pagar a minha faculdade, pagar a faculdade da minha mãe, terminar de pagar a faculdade dela, pagar a faculdade do meu irmão mais novo, e o meu irmão mais novo pagou a faculdade da minha outra irmã. Mas a minha... o fato de eu ter feito a opção de vir pra cá, de

construir minha vida, de ser funcionário público, teve uma influência na vida da minha família inteira.

- E04-A: — Eu pagava.
- E05-A: — Meus pais adotivos.
- E06-A: — O meu pai, ele já tinha uma boa condição na época, então ele bancou os nossos estudos, meus estudos, tanto os meus como da minha irmã até a faculdade.
- E07-A: — Sim, todo o período no caso que eu... apesar de ter estudado em uma instituição pública, numa federal. Nos finais de semana no caso eu trabalhava na padaria e durante a semana eu fazia estágio remunerado.
- E08-A: — Na escola particular, no Segundo Grau foi através de atividades esportivas onde eu ganhei bolsa.
- E09-A: — Meu pai, aí depois eu tive uma bolsa de dois anos, com o projeto Negra Eva que eu recebia a bolsa pra estudar.
- E10-A: — Era pago pelos meus pais.
- E11-A: — Eu mesmo já era adulto, eu mesmo pagava do meu salário.
- E12-A: — Eu.
- E13-A: — Quando eu estudei meu pai pagava aí foi quando eu me deparei que determinado momento que eu não queria ficar lá não era aquilo como vocação para o sacerdote eu sai e comecei a trabalhar.
- E14-A: — Eu estudava em Universidade Pública.
- E15-A: — Sempre estudei em escola publica meu curso técnico na faculdade, mais o ensino superior quem pagou foi eu trabalhando.
- E16-A: — Eu.
- E17-A: — Meus estudos quem pagava era eu mesmo.
- E18-A: — Pais.
- E19-A: — Eu mesma.
- E20-A: — Meus pais.

Pesquisadora: — [Q07-A] Qual a idade que terminou o ensino superior?

- E01-A: — Por volta dos vinte e três anos.
- E02-A: — Com vinte anos.
- E03-A: — 30 anos.
- E04-A: — Vinte e seis anos.
- E05-A: — Vinte e três anos.
- E06-A: — Não me lembro.
- E07-A: — Vinte oito anos, eu ingressei com vinte e quatro e terminei no caso, fui aluno regular com muito esforço, mas no caso a minha idade, era uma idade já com média acima da média da minha turma.
- E08-A: — Quarenta e um anos.
- E09-A: — Não sei.
- E10-A: — Com vinte e dois anos.

- E11-A: — O ensino superior completo eu devo ter terminado com uns, acima dos trinta anos, trinta e dois, trinta e quatro mais ou menos.
- E12-A: — Entrei já com a idade, digamos inadequadas para média dos acadêmicos, entrei na universidade com 26 anos e saí com 31.
- E13-A: — Vinte três anos.
- E14-A: — Aos vinte cinco anos.
- E15-A: — Eu terminei com vinte e dois anos.
- E16-A: — Vinte e seis.
- E17-A: — Com quarenta e um anos.
- E18-A: — Vinte e três.
- E19-A: — Concluí três graduações e a primeira com 24 anos.
- E20-A: — Vinte e um anos.

Pesquisadora: — [Q08-A] Como foi o acesso ao ensino superior?

- E01-A: — Eu tive uma boa formação no nível médio, o antigo científico, então para mim foi relativamente tranquilo o acesso.
- E02-A: — Entrei e passei no vestibular. No início eu só estudava, depois no último ano eu comecei a estudar e trabalhar.
- E03-A: — Difícil porque trabalhava e estudava.
- E04-A: — Foi muito trabalhoso, foi mais um sonho. E como eu já tinha trabalhado já em farmácia, eu queria ser médico. E aí se viveu um sonho, fui buscando as formulas as soluções, até que consegui.
- E05-A: — Eu fiz o Segundo Grau numa escola boa, então me deu uma base muito boa, então no primeiro vestibular que eu prestei, eu fiz cursinho, no primeiro vestibular que eu prestei eu passei e cursei, eu fiz a faculdade de processamento de dados.
- E06-A: — Vestibular.
- E07-A: — O acesso ao ensino superior foi uma trajetória muito árdua, em função no caso que eu tinha ficado nove anos parado de estudar, e depois quando eu retornei, eu em um ano eu não tive, eu não... fiz o Primeiro Grau, depois mais um ano eu fiz o Segundo Grau. Eu parei na quarta série, e aí em um ano eu fiz quinta e sexta num semestre, e sétima e oitava no outro semestre, então era o antigo Primeiro Grau, fui entrar para o Segundo Grau e dentro de um ano eu fiz todo o Segundo Grau também. Então foi muito difícil porque eu não tinha estrutura pra fazer o Primeiro Grau, ou seja, eu só tinha a quarta série e nove anos parado de estudar e séries que eu não tinha conhecimento, não tive contato. No Segundo Grau eu fui fraco também, em função porque eu já fui fraco no Primeiro Grau, eu tinha que me esforçar muito pra eu conseguir concluir no tempo oferecido, ofertado pela instituição.
- E08-A: — Foi com muita luta e consegui cumprir com dez anos de atividades na escola.
- E09-A: — É como assim? [Como que você entrou no ensino superior?] Através do vestibular.

- E10-A: — Pelo vestibular.
- E11-A: — Foi através de vestibular, onde eu fiz vestibular e consegui uma colocação e fiz o curso superior.
- E12-A: — O ensino superior foi também pontuado de extrema dificuldade, eu já estava casado, já pai de filhos, de dois filhos, os três que nós temos, e trabalhava com muita dificuldade eu concluí o Segundo Grau já casado. Depois do Segundo Grau eu fui fazer o já chamado curso pré-vestibular, não tinha dinheiro pra pagar um ano de curso pré-vestibular, e peguei dinheiro emprestado e fiz uma preparação de seis meses, com muita dificuldade, com muita intensidade, porque eu só poderia fazer, prestar um exame pra uma universidade pública, uma vez que em hipótese alguma teria dinheiro pra pagar uma universidade particular, e mediante esse esforço eu tive um acesso a uma Universidade Federal do Rio de Janeiro, e cursei Direito.
- E13-A: — Com incentivo de uma namorada negra, eu não queria estudar e um dos motivos para ingressar na Universidade foi através dela.
- E14-A: — Através de vestibular.
- E15-A: — Foi difícil porque tive que pagar, não conseguiu entrar numa escola publica eu tinha que trabalhar para poder pagar.
- E16-A: — Foi através de bolsa.
- E17-A: — O que me motivou ao ensino superior foi o trabalho, que foi motivado pelo incentivo da minha mãe. Ela me incentivava e acabei indo acompanhando o estímulo dela. Em relação a mim, eu declarei o Enem, já em condições de fazer faculdade porque as minhas filhas já tinham crescido então eu tinha mais tranquilidade de estudar e também motivada pela dificuldade profissional, não consegui adaptar as mudanças dos novos tempos que estava surgindo e medo de ser mandada embora ou qualquer coisa assim. Então eu tive que estudar pensando porque eu não tinha qualificação era só profissional não tinha nem habilitação naquela época apesar de dirigir a muito tempo ai então eu vi que estava na hora deu me explicar fazer alguma coisa, porque se eu fosse mandada para rua eu não tinha nem uma profissão não saberia o que fazer então eu tive que estudar mais pela iminência do desemprego.
- E18-A: — Fácil.
- E19-A: — O acesso ao ensino superior foi difícil, a primeira graduação foi ainda mais difícil.
- E20-A: — Fácil.

Pesquisadora: — [Q09-A] Quanto tempo você estudou?

- E01-A: — Eu continuo estudando até hoje, então desde criança.
- E02-A: — Todo tempo.
- E03-A: — Muitos anos.
- E04-A: — Eu estudei todo o primário, e o ensino médio e fiz faculdade, mais seis anos.
- E05-A: — Eu fiz três anos na tecnologia de processamento de dados, e no último ano quando eu estava terminando eu já prestei vestibular, quando eu acabei a

faculdade de processamento de dados, eu comecei a faculdade de pedagogia, que hoje eu também já concluí.

- E06-A: — Não sei no momento, teria que fazer as contas.
- E07-A: — No caso contando tudo, eu fiz quatro anos de Ensino Regular antes de..., primeira, segunda, terceira e quarta séries, depois eu fiz mais um ano como Primeiro Grau, depois de nove anos e aí depois de um ano eu fiz o Segundo Grau e fiz um ano de cursinho pré-vestibular e aí com muito esforço eu consegui ingressar na universidade. Aí eu fiquei quatro anos na universidade regulares, depois eu fiz dois anos de especialização, e agora no caso estou fazendo mestrado.
- E08-A: — Como eu já falei antes, dez anos pra concluir o ensino superior.
- E09-A: — Quatro anos.
- E10-A: — Cinco anos.
- E11-A: — Num total eu devo ter estudado uma média de uns vinte anos ou mais.
- E12-A: — Não sei, teria de fazer as contas.
- E13-A: — Se nós formos voltar naquela época que agente tinha que entrar com sete anos, então praticamente podemos dizer que tem vinte três anos.
- E14-A: — Quatro anos na educação superior.
- E15-A: — Dois anos e meio.
- E16-A: — Seis anos o ensino superior.
- E17-A: — Somando tudo nossa fiz todo o ensino médio reprovei um ou dois anos parei porque engravidei e depois quando eu mudei para o interior continuei estudando foi mais um ano me formei no interior e em Campo Grande fiz a faculdade e mais um ano por dependência de matéria.
- E18-A: — Dezesesseis anos.
- E19-A: — Parei de estudar por apenas uns anos, mas estudo até hoje.
- E20-A: — Quatro anos.

Pesquisadora: — [Q10-A] Você fez curso pré-vestibular?

- E01-A: — Não.
- E02-A: — Não.
- E03-A: — Não, eu saí já do Segundo Grau e já prestei vestibular e já passei.
- E04-A: — Fiz por dois anos.
- E05-A: — Não.
- E06-A: — Não.
- E07-A: — Fiz no caso um ano de curso pré-vestibular.
- E08-A: — Não fiz curso pré-vestibular.
- E09-A: — Não.
- E10-A: — Não.
- E11-A: — Não, na minha época quando eu fiz vestibular foi porque eu estudei num colégio muito bom, em nível de rede privada, eu consegui passar direto, porém

naquela época eu estudava muito pra concurso, e estudar pra concurso foi muito bom pra mim, que eu não precisei fazer o curso preparatório.

E12-A: — Sim.

E13-A: — Eu fiz, porque quando eu fiz o ensino médio no Colégio Dom Bosco por mais que seja uma instituição privada não oferecia meios como para encarar uma Universidade que era um sonho de entrar numa Universidade Federal e não tive essa oportunidade porque não estava bem preparado e eu tive que estudar numa Faculdade particular.

E14-A: — Não.

E15-A: — Não.

E16-A: — Não.

E17-A: — Não.

E18-A: — Sim.

E19-A: — Não.

E20-A: — Não.

Pesquisadora: — [Q11-A] Qual o curso que você fez?

E01-A: — Era o antigo científico e depois na faculdade o Direito.

E02-A: — Pedagogia.

E03-A: — Direito e Ciências Contábeis.

E04-A: — Curso de medicina.

E05-A: — Processamento de Dados e Pedagogia.

E06-A: — Direito.

E07-A: — Enfermagem. Sou formado em enfermagem obstetrícia, eu tenho especialização em terapia intensiva.

E08-A: — Terminei administração de empresas.

E09-A: — Eu fiz Pedagogia.

E10-A: — Direito.

E11-A: — Graduei Direito.

E12-A: — Direito.

E13-A: — Conclui a primeira Faculdade de Graduação de Professores na Universidade Católica Dom Bosco, depois comecei Matemática na Universidade Federal e conclui na UNIDERP e sou Pós-Graduado em Educação Matemática pela Universidade de Cuiabá.

E14-A: — Matemática.

E15-A: — O curso superior eu fiz Hotelaria.

E16-A: — História.

E17-A: — Publicidade Propaganda.

E18-A: — Medicina Veterinária.

E19-A: — Administração de Empresas, Direito e Psicologia.

E20-A: — Enfermagem.

Pesquisadora: — [Q12-A] Qual o intervalo de tempo do término do ensino superior e o ingresso na ocupação?

E01-A: — Eu, já enquanto fazia a faculdade eu trabalhava, prestei concurso público e já trabalhava, e daí eu só continuei trabalhando na verdade.

E02-A: — Dois anos, mais ou menos dois anos.

E03-A: — Na função que eu trabalho? [Sim.] Eu entrei já não tinha curso superior quando eu entrei. Eu fui fazer curso superior depois de estar na ocupação, porque quando eu prestei concurso o grau de exigência era de Segundo Grau. De exigência pra você ingressar na carreira era de Segundo Grau, hoje é superior, mas na época não era.

E04-A: — Foi de imediato, já havia até... tinham alguns estágios que a gente já vinha sendo remunerado, então não teve dificuldade, foi automático.

E05-A: — Fui instantâneo, antes de eu terminar a faculdade eu já comecei a trabalhar, e dentro da empresa onde eu estava eu tive algumas chances de crescimento profissional, e que quando eu terminei o ensino superior isso aumentou.

E06-A: — Quando eu terminei a faculdade eu trabalhava no Tribunal de Justiça, então era incompatível o exercício da advocacia com o cargo que eu tinha lá, então eu continuei trabalhando até fazer o concurso de procuradoria do Estado.

E07-A: — Foi basicamente imediato porque como eu fiz muitas atividades durante a minha graduação, tinha um bom currículo para um recém-formado, então eu me formei 24 de setembro e início de outubro, ou seja, em menos de uma semana no caso já estava, já tinha vaga em um processo seletivo, já tinha oferta de treze empregos dentro do estado, e aí como eu... vim aqui pra Mato Grosso do Sul.

E08-A: — É praticamente eu já trabalhava na área, então não houve esse tempo de trabalhar como administrador não.

E09-A: — Foram seis meses pela primeira experiência, que eu comecei em 2005. Logo quando eu terminei a faculdade, eu já no final do ano, em outubro eu já comecei a trabalhar, mas foram só três meses, e aí depois eu demorei mais um ano pra conseguir serviço ainda.

E10-A: — Não houve intervalo.

E11-A: — Uns dois anos depois de formado.

E12-A: — Teve dois momentos, no primeiro momento cerca de três anos e meio, eu passei a exercer uma atividade privativa de bacharel em Direito, em que era delegado em Brasília, mas sempre perseguindo um sonho de ser juiz de Direito, que essa foi realmente a minha..., a minha verdadeira vocação, e fiz o concurso pra juiz de Direito. Então entre a formatura e o acesso ao curso de..., a função privativa de bacharel, me ocorreu cerca de um ano e meio, pra ser delegado de polícia e depois para ser juiz, mais ou menos quatro anos, entre o término do curso e o início dessa carreira que eu abracei definitivamente.

E13-A: — Como eu tinha que compatibilizar família e salário e já estava concursado então eu saí da Universidade Federal e fui para UNIDERP.

E14-A: — Imediato.

- E15-A: — Foram mais ou menos quatro anos.
- E16-A: — Não, já continuei não teve tempo de esperar já foi de imediato.
- E17-A: — Foi a minha própria ocupação e profissão me deu condições de fazer a minha faculdade não houve intervalo nesse caso tive certo conflito formando em publicidade trabalhar num ramo de trabalho especificamente exigido Direito e muito consistente eu tenho tentado, condições de conciliar.
- E18-A: — Imediato.
- E19-A: — Eu já era graduada em Administração, mas como meu cargo exige Direito depois graduei. [já trabalhava na área].
- E20-A: — Um ano.

Pesquisadora: — [Q13-A] Qual a primeira ocupação e qual a idade que iniciou?

- E01-A: — Dezenove anos de idade. Concurso público.
- E02-A: — Eu iniciei com dezoito anos mais ou menos, como estagiária, como aluna bolsista e depois quando eu passei no concurso, que eu já comecei dar aula eu tinha vinte e dois anos.
- E03-A: — Eu comecei a trabalhar muito cedo também, eu fiz de tudo. Eu fiz de tudo, eu me lembro de criança eu engraxava sapato, eu entregava jornal, eu limpava a casa dos outros, eu fiz muito isso. Entreguei muito jornal, por exemplo, eu me lembro que meu pai durante um bom tempo ele foi representante do “Estado de São Paulo”, o “Estadão”, na cidade ele era representante. Então todo dia chegava aquela pilha de jornal, aquela época a cidade era pequena, tinha noventa quase cem assinantes, mas todo dia eu tinha que andar noventa, quase cem casas, debaixo de sol, eu e meu irmão mais novo. Eu na verdade ficava com boa parte, porque o outro era mais novo, e era uma bicicleta só. Você andava vários lugares da cidade, vários, às vezes longe e tal, nós tínhamos que fazer aquele trajeto todo dia pra entregar o jornal. E domingo cansa, tamanha era o “Estadão” de domingo, sempre foi aquela... aquilo era um sacrifício. E eu tinha dez, onze anos de idade e eu fazia isto.
- E04-A: — Em princípio eu era auxiliar, auxiliar do meu pai que tinha comércio e a partir daí eu fui trabalhar em farmácia.
- E05-A: — Aos dezenove anos eu fui operadora de telemarketing.
- E06-A: — Eu acho que me parece que foi com 19 ou 20 anos que eu comecei na Legião Brasileira de Assistência como Telefonista.
- E07-A: — Comecei a trabalhar com oito anos de idade, então eu... com oito anos de idade eu comecei a trabalhar na ajudante na padaria.
- E08-A: — A primeira ocupação minha foi auxiliar administrativo, com dezessete anos de idade.
- E09-A: — Vinte e seis anos. Como professora mesmo na escola.
- E10-A: — Com doze anos, foi no Cartório de 1º Ofício de Protesto.
- E11-A: — A primeira ocupação? A primeira ocupação eu fui trabalhador braçal, na verdade, quando eu era... ainda na adolescência.

- E12-A: — A minha primeira ocupação formal foi aos quinze anos de idade, como funcionário público de uma caixa de aposentadoria e pensão dos ferroviários do estado de São Paulo. Mas desde os sete anos de idade em colégio interno agrícola, eu já trabalhava na lavoura, nas oficinas e estudava ali, quer dizer desde os sete anos eu já tinha um trabalho cotidiano e a partir dos quinze, trabalho formal.
- E13-A: — Carteira registrada com quatorze anos quando eu saí do Seminário era empacotador.
- E14-A: — Com vinte sete anos.
- E15-A: — Eu iniciei o estagio, eu tinha uns dezoito anos.
- E16-A: — Vinte anos na mesma.
- E17-A: — Eu comecei trabalhar no Foro com dezenove anos limpando, fazendo faxina como zeladora, e depois de um ano já estava estudando e depois de um ano eu passei no concurso no interior do estado.
- E18-A: — Estagiária [20 anos].
- E19-A: — Empregada doméstica e iniciei aos 16 anos.
- E20-A: — Coordenadora de projetos sociais em uma ONG [22 anos].
- Pesquisadora: — [Q14-A] Você trabalha ou trabalhou na área que você estudou?
- E01-A: — Trabalho.
- E02-A: — Eu trabalho toda vida trabalhei na área que estudei.
- E03-A: — Trabalho como Agente Tributário, pela Secretaria de Fazenda e estou afastado para exercer o mandato de parlamentar.
- E04-A: — Trabalhei por 3 anos, foi aonde eu me identifiquei. [trabalho].
- E05-A: — Eu trabalho na área em que eu estudei, eu já trabalhei na área de processamento de dados, que foi da minha primeira faculdade e hoje eu trabalho como pedagoga de uma grande empresa.
- E06-A: — Trabalho.
- E07-A: — Não, no caso eu hoje trabalho, mas até no caso da minha formação eu não trabalhava, eu era... Trabalhava em padaria, eu sou padeiro e depois quando eu me formei que eu ingressei literalmente, não tinha nenhum parente, familiar ou uma referência. Mas na área que você estudou? Isso.
- E08-A: — Eu trabalho hoje como contabilista, e atuo também na área de administração.
- E09-A: — Trabalho na área que eu estudei.
- E10-A: — Sim, eu trabalho na área que eu estudei.
- E11-A: — Eu trabalho.
- E12-A: — Trabalhei.
- E13-A: — Trabalho.
- E14-A: — Trabalho na área.
- E15-A: — Sim eu trabalho na área.
- E16-A: — O trabalho é similar.

E17-A: — Não trabalho na área que eu estudei a perspectiva dessa próxima aposentadoria já está em andamento em criar condição para eu trabalhar na minha formação profissional.

E18-A: — Sim.

E19-A: — Trabalho.

E20-A: — Sim.

Pesquisadora: — [Q15-A] Você é concursada ou não?

E01-A: — Sou concursada, sou promotora de justiça.

E02-A: — Sou concursada do estado.

E03-A: — Concursado.

E04-A: — Sou sim, sou concursado.

E05-A: — Sou concursada.

E06-A: — Concursada.

E07-A: — Sim, sou concursado.

E08-A: — Não sou concursado.

E09-A: — Não, não sou concursada.

E10-A: — Não, cargo de confiança.

E11-A: — Não, eu trabalho na rede privada, eu sou profissional autônomo.

E12-A: — Fui concursado e hoje aposentado.

E13-A: — Concursado.

E14-A: — Sou concursado na rede estadual e na rede municipal.

E15-A: — Não.

E16-A: — Não.

E17-A: — Concursada.

E18-A: — Não, sou autônoma.

E19-A: — Concursada.

E20-A: — Não.

Pesquisadora: — [Q16-A] Como você ingressou no cargo ou na função que ocupa?

E01-A: — Através de concurso público e provas de títulos.

E02-A: — Na função, no cargo que eu estou agora foi através de eleição. [concurso].

E03-A: — Concurso público.

E04-A: — Ingressei através de informações de alguns amigos que na época eram secretários de saúde, e naquela época não tinha ainda concurso, foi através de indicação.

E05-A: — Através de concurso, já fiz o concurso pra esta vaga e assumi há quatro meses.

E06-A: — Através de concurso público.

- E07-A: — Por concurso.
- E08-A: — Como eu trabalho na área de contabilidade, estou trabalhando na contabilidade desde os trinta e três anos de idade.
- E09-A: — Através de conhecidos mesmo, e me chamaram pra trabalhar na área. Na primeira vez que eu fui nesta escola mesmo, eu deixei o currículo lá e ninguém me conhecia, então eles me deram oportunidade sem me conhecer, daí depois como eles já conheciam o meu trabalho, eles começaram a me chamar.
- E10-A: — É cargo de confiança, eu ingressei como *office boy*.
- E11-A: — Eu ingressei, graduando em Direito, na época eu tirei a carteira de advogado pela OAB, e comecei a trabalhar, montamos um escritório, eu e mais outros amigos e hoje eu trabalho sozinho.
- E12-A: — Por meio de concurso público.
- E13-A: — Por meio de concurso.
- E14-A: — Através de concurso publico.
- E15-A: — Sempre tive dentro da área eu fiz o meu curso e o estagio na área, companhia aerea, em uma agência em São Paulo, estou aqui em Campo Grande [MS] faz três anos em seguida já consegui trabalho nesta agência.
- E16-A: — Indicação.
- E17-A: — Por concurso, três concursos de Oficial de Justiça.
- E18-A: — Por meios próprios.
- E19-A: — Por meio de concurso público.
- E20-A: — Através de seleção e análise de currículo.

Pesquisadora: — [Q17-A] Qual a importância do ensino superior para você?

- E01-A: — O ensino superior foi determinante, porque sem a formação de Direito, de bacharel em Direito, eu não teria a possibilidade de ingressar no concurso de promotor de justiça, na carreira e na função.
- E02-A: — Eu acho que o ensino superior é muito importante pra todos nós, porque a vida, as coisas são assim é difícil pra todo mundo, então nós, que tentam, que tem acesso ao ensino superior, quem lê, a pessoa vai ter mais chance, mais oportunidade na vida.
- E03-A: — Vital, eu fiz Direito, eu falei no começo eu tinha vontade de ser jornalista, sempre gostei de escrever e de ler muito. Tinha jornal na escola que a gente fazia, eu e um grupo de amigos e tal. Aí eu acabei fazendo Direito, e eu tive uma identificação muito grande, na verdade a faculdade de Direito, e o convívio e até também pela minha área de formação, eu trabalhei na Secretaria nesta área, trabalhei com consulta de julgamentos, e fiz especialização em Direito Tributário. Fundamental hoje pela função que eu exerço principalmente, depois eu me descobri na Secretaria da Fazenda como funcionário. Aí eu fui pela quantidade de contatos, de acesso e de ler e de me interessar por política. Quando me vi um dia eu era presidente do sindicato da minha categoria, e fui uma das pessoas que lutei muito pra organizar, pra fundar aquele sindicato. Aí eu me vi fazendo política e

chegar onde eu cheguei hoje, dentro do parlamento do estado, a formação, o Direito principalmente pra mim foi fundamental, porque na faculdade por exemplo eu comecei a militar na política, militar no partido político, eu fui secretário do diretório acadêmico da minha faculdade e aí junto com os outros companheiros, a gente já fazia... A faculdade de Direito é muito propícia pra isto, se pensa muito, se pensa o sistema na verdade, como que funciona a lei, as leis do país, as instituições, isto te coloca face a face com a realidade e as suas possibilidades de perspectivas de intervenção. Então o curso de Direito principalmente a formação para mim foi fundamental no que eu sou hoje.

- E04-A: — Isso é fundamental e necessário, hoje sem curso superior, a chance do desemprego é muito alta.
- E05-A: — É importantíssimo, porque assim eu aprendi lá que as pessoas não têm discriminação, e como eu disse quando eu tinha vergonha de não trabalhar, é que as pessoas sempre falam que as pessoas..., que índio é vagabundo, que negro, que segunda-feira [não] é dia de preto, então assim é tudo relacionado a trabalho, então esse tipo de coisa me fez pensar nisso.
- E06-A: — Acho que foi fundamental, pra o que eu tenho hoje, acho que foi o passo fundamental, porque os meus pais não tinham assim... Para minha ascensão, eu acho que o ensino superior foi fundamental.
- E07-A: — O ensino superior no caso ele contribuiu e muito, abriu inúmeras portas, porque até eu me formar, até no caso de ingressar na universidade eu não saía da minha região. Mas longe que eu tinha viajado no caso era 250 km, que era até a capital, Pelotas até a Porto Alegre. A partir do momento que eu entrei na universidade, eu comecei a viajar bem mais, comecei a conhecer outros lugares, comecei a conhecer outras oportunidades, tive contato com pessoas de mentalidades mais abertas, no caso ficava mais fácil o diálogo, a conversa. A partir do momento que eu me formei, a minha formação no caso enfermagem, ela me oportunizou no caso a conhecer bastante todas as regiões do Brasil, então eu já trabalhei em Rondônia, que faz parte da região norte, eu já trabalhei... Eu já fui ao congresso em Salvador, que faz parte da região nordeste, aquela parte mais... Fui no caso para encontros, simpósios, seminários no Rio de Janeiro e São Paulo, faz parte da região sudeste. Hoje eu convivo na região Centro-Oeste e venho da região sul, então assim já viajei bastante dentro de todo o Brasil, em função da minha formação, em função da minha profissão e basicamente foi a minha profissão que me levou, ou seja...
- E08-A: — Abre muitas portas para a pessoa.
- E09-A: — Agora é de fundamental importância pra conseguir serviço, mas mesmo assim tá difícil; é difícil você falar que o ensino superior vai garantir o ingresso no mercado de trabalho. Hoje em dia está muito concorrido.
- E10-A: — O ensino superior ele traz opções pra pessoa conseguir uma mobilidade social, então ele é muito importante, é uma coisa que ninguém tira da gente.
- E11-A: — O ensino superior foi muito importante que era..., é como se a gente tivesse numa multidão e entrasse numa fila e depois lá na frente você saísse daquela multidão. Você se torna uma pessoa diferente, você é diferente e as pessoas te olham de forma diferente. Você tem outro senso crítico, você tem outras palavras, você tem um modo diferente de ver, ouvir e enxergar as pessoas.

- E12-A: — É o ensino superior tem uma importância geral para todas as pessoas, para qualquer nação de um modo geral. Vou tentar fazer esta análise sob o ponto de vista de uma pessoa negra, e, portanto, pertencente a um grupo discriminado. O ensino superior tem uma importância porque aumenta a qualificação humana, aumenta a escolaridade da pessoa, e, portanto, aumenta as possibilidades de ascensão social e, portanto, as suas possibilidades de mobilidade social e ao mesmo tempo o padrão de sua dignidade humana porque significa possibilidades de ganho, ganhos melhores, então é muito importante. Por esta razão sou daqueles que tem, por exemplo, no meu caso eu tenho uma militância de num movimento social, designado especificamente como movimento negro, de quase trinta anos. Nos últimos anos temos participado de uma forma muito ativa no implemento das chamadas cotas como uma espécie do gênero ação afirmativa. Quero até aproveitar a entrevista... [acabou a fita].
- E13-A: — Para mim foi um desafio, eu não gostava de estudar.
- E14-A: — Ascensão pessoal e financeira.
- E15-A: — É importante porque ele te dá mais chance, você consegue se destacar um pouco mais.
- E16-A: — Foi um sonho uma realização profissional mesmo.
- E17-A: — Confiança pessoal, confiança da minha pessoa, conhecimento com outras pessoas, valorização pessoal.
- E18-A: — É importante para a valorização pessoal e reconhecimento de seu trabalho.
- E19-A: — O ensino superior abre os horizontes da pessoa, por meio de conhecimento, valorização, idealização, oportunidade, qualidade de vida, atitude, comportamento e perspectiva de vida.
- E20-A: — Um meio de ter uma boa qualificação profissional e qualidade de vida.

Pesquisadora: — [Q18-A] Você já sofreu alguma discriminação?

- E01-A: — Sim. Eu lembro particularmente quando criança. E que nós moramos em Curitiba, uma das crianças eram todos descendentes de alemães, todos nórdicos. E a criança falou que não poderia brincar comigo porque eu era negra. Então a mãe dela proibiu o contato de pessoas como ela, branca com pessoas como eu, negra.
- E02-A: — Já sofri no trabalho, já sofri na minha adolescência, eu lembro bem do fato que acontecia na minha adolescência, na juventude. E até hoje eu sofro, até em casa mesmo, essas pessoas que vem fazer alguma propaganda, oferecer algum tipo de trabalho, eu já passei discriminação.
- E03-A: — Já com certeza. E uma das que mais assim marca que eu me lembro assim, eu não tenho assim nenhum tipo de problema com isso. A minha questão que me deixa intrigado na verdade é a forma como isto é manifestado pelas pessoas, mas eu tive. No meu serviço, por exemplo, quando eu ingressei na Secretaria da Fazenda, trabalhei no Porto Quinze durante muito tempo, em Bataguáçu, ali na divisa de São Paulo com Mato Grosso do Sul. Tinha um chefe do posto chamado Alberto Balburg, isto qualquer um daqueles colegas que você for até hoje lá que

moram lá e tal, eles contam esta história pra você, se você for lá. E ele era um árabe, um turco, e ele era uma pessoa extremamente racista, então eu lembro que tinha... Eu ia para o plantão com o meu carro e tal, e tinha uma Kombi que buscava os funcionários e levava proposto, buscava na cidade e levava para o posto, e dentre os funcionários que era o pessoal da limpeza, chapas que abria caminhão lá e tal, tinha uma boa parte deles que eram negros. Pra esses serviços menos qualificados, como é a realidade da gente, desses serviços que exige menos qualificação, tinham mais negros. Eu me lembro que eu ficava indignado, eu cheguei a brigar com ele, eu cheguei a ser perseguido por ele por conta disto. Eu me lembro quando a Kombi chegava, a maioria dos funcionários de limpeza e chapas, negros. Ele falava assim: “Lá vem a Kombi.” Como que ele falava. “Lá vem a Kombi dos macacos.” E aí o pessoal ria, uns riam outros não ligavam, mas eu ficava extremamente indignado com aquilo. Eu muito cedo, a primeira vez que eu vi ele fazer isto, eu fiquei já... Na segunda vez eu não deixei passar, eu já briguei com ele, cheguei discuti com ele porque que ele fazia aquilo lá e tal. E ele como era o chefe do posto, foi o suficiente pra ele me perseguir, me perseguiu e ele trabalhou lá uns... Eu fiquei sete anos lá, uns... ele foi chefe durante uns quatro anos lá. Isto que eu falando é de 1981, 1982, 1983, 1984, atual e foi durante este tempo inteiro ele me perseguia, ele falava que tinha vontade de mijar no túmulo da princesa Isabel. Ele falava isto abertamente, ele falava isto, ele se orgulhava de falar isso. Então é... não é revolta mas é indignação na verdade. Indignação porque na verdade isto pra mim sempre demonstrou um total despreparo, uma total falta de conhecimento, uma ignorância ao extremo. E o que eu condenava mais ele era exatamente isto, não era tanto a questão. Deu mal e eu estava lá ocupava o meu espaço, e eu sei o tipo de serviço que eu sempre fiz, minha qualificação, não era o melhor, mas com certeza não era o pior funcionário. Eu tenho certeza que eu sempre fiz o meu papel e fiz muito bem, mas era muito indignado com isto. Esse seu Alberto Balburg era o chefe do posto, esse é o mais marcante de todos os atos de discriminação que eu já sofri, mas esse foi... é o mais marcante, porque foi durante muito tempo. Durante muito tempo, eu convivia, eu trabalhava lá praticamente todos os dias. Eu convivia com este tipo de... Caminhoneiro por exemplo que chegava no pátio do posto, que era negro, ele fazia questão de manifestar o tratamento diferenciado. Eram os funcionários que eram negros, ele fazia questão. Ele ter mantido durante muito tempo lá, ele devia ter um costas quente na época que garantia isto pra ele, e que aprovava com certeza este tipo de... Porque ele era, ele era uma figura... Se você fizer uma entrevista hoje, se pegar os funcionários mais antigos da Secretaria de Fazenda do estado, uma grande parte deles que trabalharam no Porto Quinze, porque o Porto Quinze sempre foi o principal posto fiscal, na época que era a divisa com São Paulo e tal, ainda é até hoje o principal posto fiscal do estado. Se você conversar com as pessoas mais antigas da Secretaria da Fazenda, você falar sobre esse nome, eu tenho certeza absoluta que quem conhece ele, todos vão dizer que ele sempre foi uma pessoa extremamente racista.

E04-A: — Várias, mas isso eu nem levo em consideração porque geralmente são pessoas muito ignorantes.

E05-A: — Já, eu já desci o elevador com uma pessoa na empresa onde eu trabalhava, e a pessoa me perguntou se eu estava indo servir café.

E06-A: — Olha assim diretamente não, de ser impedida de alguma coisa e tal, mas eu acho que as pessoas discriminam um pouco, deixar de lado essas coisas assim.

E07-A: — Assim, aquela discriminação no caso, aquela parcialmente discreta, então aquela que não são... não vem contigo... não faz diretamente no caso o que quer dizer, mas já. Tipo no caso eu trabalhando no hospital, o pessoal pede pra chamar o responsável pelo plantão, ou então pede pra falar com o chefe da unidade, e quando me apresentam, da impressão realmente que eles não estão acostumados a ver negros em cargo de chefia, hoje no hospital eu sou gerente de enfermagem, e na universidade eu tenho uma disciplina que eu no caso sou o chefe da cadeira, e no caso isso onde eu fiz concurso, após a formação, só que isso no caso incomoda alguns. Quando o pessoal faz uma apresentação do professor, ou uma apresentação de quem vai no caso expor uma palestra ou dar um simpósio, quando o pessoal me veem, eu observo aquilo que esta evidente no meu rosto, na face das pessoas que eles expressam que não estavam esperando um negro. Então assim isso várias vezes, e sem contar assim no dia a dia, então inclusive hoje nós estávamos vindo pra cá, aí um colega meu passou na casa de um outro colega, aí ele foi dar carona no caso pra esposa desse amigo dele, e aí ele passou, decidiu tomar um café no final da madrugada, era umas cinco e meia. Ele disse assim: “Vamos lá tomar um cafezinho, fecha o carro aí se não neguinho bota a mão.” Fora aí foi só aturar, mas porque neguinho, porque bater nesse sentido, ou seja porque não branquinho, porque no caso que o neguinho não vai ofertar um dinheiro, ou vai fazer outra coisa, sempre que vai acontecer algo de ruim é o neguinho. Cuidado que o neguinho vai te botar a mão, fica de olho que se não você vai ouvir, então sempre esse tipo de pejorativo, aqueles tipos que sempre está denegrindo a imagem, então se no caso a gente... Piadas no caso com muitas frequências, isso é coisa de negão ou então não sabe, com frequência a gente sofre isso, só que eles encaram de uma maneira tão natural que parece que não está ofendendo a gente, mas no caso é com muita frequência, que eles acabam no caso comprometendo, ou então daquela maneira como se tu não fosse capaz. Tu estás fazendo uma atividade e acaba sendo, e aí tu acaba... eles acabam faz que te excluem. Eles acham que tipo os nipônicos, os japoneses que tem opção, tem mais capacidade que alguém no grupo, então o pessoal de origem alemã ou italiana no caso, acha que tem mais capacidade do que tudo. É como eu te disse eles não te escolhem muito pra trabalhos intelectuais, é mais pra trabalhos escravos.

E08-A: — Nessa corrida com o estudo sempre sofri discriminação.

E09-A: — Já.

E10-A: — Muitas vezes fica até difícil você falar de que tipo, porque muitas vezes elas são contextualizadas, só naquele momento que daria pra detectar, naquela circunstância, naquela situação. Outras vezes foi a pessoa proferindo palavras mesmo, discriminatórias, então foram nesses sentidos em geral.

E11-A: — Sim.

E12-A: — Como negro e dentro de uma das minorias sociais, sofri discriminação sim ao longo da minha vida. Hoje não percebo, há muito tempo não percebo essas discriminações pontuais e feitas as claras, mas é apropriado dizê-lo que o mundo de modo geral, particularmente aqui no Brasil, a discriminação se dá de uma forma às vezes sutil, costume dizer que ela acontece nos desvãos das relações

sociais, de uma forma disfarçada, quase que imperceptível. Só a pessoa que está sendo discriminada e quando ela tem uma certa clareza sobre o problema, um certo grau de instrução ou uma certa sensibilidade que permita detectar a discriminação é que ela percebe isso.

E13-A: — Na época agente talvez nem deparasse para isso porque nos chamavam de pretinho ou neguinho, naquela época agente não tinha entendimento talvez era mais difícil mais nós temos buscados nossos espaços.

E14-A: — Sim, por questão social, não ouve questão de etnia.

E15-A: — Sim, muito pouco mais eu tenho que reagir da melhor forma possível.

E16-A: — Sim, foi coisa natural mais eu não se descabelei não.

E17-A: — Meu chefe, eu a única pessoa de cor, ele conseguiu lesar de alguma forma e as outras conseguiram se safar eu fui a única que levei a penalidade.

E18-A: — Sim.

E19-A: — Sim, muitas vezes.

E20-A: — Sim.

Pesquisadora: — [Q19-A] Qual a sua relação com os seus descendentes atualmente?

E01-A: — Eu só tenho contato com a minha mãe, porque eu já não conheci os meus avôs e o meu pai é falecido. Eu tenho total contato e proximidade.

E02-A: — Eu tenho uma boa relação com meus descendentes, convivo com todos, e a gente tem uma relação de amizade e de respeito. A gente conversa muito sobre o que já passou na nossa vida, como que esta sendo agora, sobre as dificuldades. Para os meus descendentes é uma vitória, pra toda a minha família eu ter Pedagogia, porque sou a única que tem curso superior na família, então é uma relação boa.

E03-A: — Eu tenho uma relação muito forte, nós fomos criados muito com esta coisa da família, a criação que meu pai e minha mãe me deu é muito forte, a gente tem... Aqui em Campo Grande mora eu e um irmão meu, meus pais moram lá em Presidente Epitácio, e as minhas duas irmãs moram em Curitiba, mas a gente tem contato no mínimo por telefone, no mínimo uma vez por semana, no mínimo, isso é uma exigência. Minha mãe ela, ela até hoje, meu pai também, eles promovem isto, eles cuidam disso, eles zelam disso, é um contato muito forte.

E04-A: — Geralmente são boas, porque eu fui um dos primeiros da família que tive acesso não só ao curso superior, mas por ser da área de saúde, a gente se sente um pouco responsável por eles, e eu tenho aqui um controle da maioria dos meus descendentes.

E05-A: — Eu tenho acesso as minhas duas famílias.

E06-A: — É normal assim, nós... a gente tem o convívio normal, vou com eles, converso com eles, frequento e coisa e tal. Já fui até na Furnas do Dionísio, entendo, na época de regularização das terras dos quilombolas, tem bastante tempo, já fui lá, já fui na Boa Sorte e tal, mas eu não tenho um envolvimento maior com a causa.

E07-A: — A minha relação em função da distância da onde eu convivo hoje com meus pais, ela diminuiu bastante em função de eu ter que procurar emprego em outras regiões, diminui assim a distância geográfica, mas nós estamos bem próximo em função dos nossos traços, da nossa importância, dos nossos valores que no caso a gente mantém com muita, com muita força, inclusive a gente valoriza mais hoje isso. Porque nós nos mantemos mais unidos principalmente..., então quanto mais eu estudo, mais você vê a importância da tua raça, da tua origem, da tua etnia, da tua história, melhor a tua história, então tu tens mais consegue se identificar mais. Tipo assim, há um tempo é comum o negro no caso, ele com pouca instrução ou então há um tempo de ficar uns dez, quinze, vinte, trinta anos no caso, era muito comum o negro ter vergonha dele, ele ter vergonha do seu cabelo, ter vergonha da sua pele, ter vergonha... hoje mudou bastante, hoje eles estão inserindo cada vez mais o negro, mas também está inserindo cada vez mais campo de oportunidade, então no caso isso influenciou no quê? Eu observo assim que quanto mais opção nós tivermos, mais nós estamos fortalecendo a nossa raça, eu acho não de pegar e principalmente misturar e esquecer não, em função mesmo de pegar e valorizar, assim cada um nós somos apenas diferentes, nós não somos no caso incapazes, nós não somos deficientes, nós somos apenas diferentes, nós temos que aceitar nossas diferenças, não com essa mudança. Então eu vejo assim que a minha relação ela é melhor hoje do que há um tempo, porque é um fato assim, hoje eu valorizo bem mais a minha raça, a minha etnia do que eu valorizava há um tempo.

E08-A: — Muito boa.

E09-A: — Uma relação boa.

E10-A: — Minha relação é uma relação amistosa.

E11-A: — Normais, minha mãe já se foi, e os meus irmãos na medida do possível eu oriento, de todas as maneiras possíveis, se eles seguem é outra situação, mas quando chega a mim uma situação geralmente, dentro do Direito eu procuro mostrar pra eles, o caminho correto.

E12-A: — Boa.

E13-A: — Ótima.

E14-A: — Tenho contato e convivo bem.

E15-A: — Muito boa.

E16-A: — Ótima.

E17-A: — Das melhores.

E18-A: — Boa.

E19-A: — A minha relação é boa, às vezes sufocante, entediante, porque sendo eu a única da família a conseguir mobilidade social através da graduação superior e tendo melhor status social, tenho a obrigação de ajudar a todos e nunca estão satisfeitos e sou muito criticada. Eu penso que faço mais que minha obrigação, porque não sabem as dificuldades e os empecilhos que enfrentei para chegar onde estou e através de minha colaboração eles vivem fora do padrão social deles e não valorizam nada e isso é desagradável. Há grande disparidade entre nós em todos os sentidos, principalmente em perspectiva de vida, porque há um grande comodismo. Eu poupo e penso no amanhã e eles esbanjam e pensam apenas no hoje.

E20-A: — Não tenho.

Pesquisadora: — [Q20-A] O que já fez, faz ou tem a intenção de fazer para ajudar a sua etnia?

E01-A: — Eu já contribuo uma parte da minha vida. Fui uma das fundadoras de um grupo de combate, de conscientização e de combate ao racismo. E na minha atuação profissional, todo momento, toda hora na minha vida, em todas as minhas posições, quer no campo profissional, quer no campo pessoal, eu estou sempre trabalhando em prol desta causa.

E02-A: — Eu já estou tentando, através do meu trabalho e através da minha comunidade que eu participo, eu estou tentando fazer alguma coisa. Mas eu sei, eu tenho a consciência de que isso é pouco ainda e eu pretendo fazer algo mais.

E03-A: — Eu penso que eu fiz que eu faço e pretendo dentro das minhas possibilidades sempre fazer o que eu puder fazer, principalmente no que diz respeito a despertar consciência, eu acho que este que é o instrumento fundamental. Porque quem pode fazer, por nós negros, por exemplo, quem pode fazer pra cada um dos negros, mas do que qualquer um é a pessoa, ela pode fazer por si muito mais do que qualquer outra pessoa pode fazer. E o que vai dar condições de ela fazer cada vez mais é o nível de consciência que ela possa ter. Hoje por exemplo estou tendo oportunidade como parlamentar, como deputado de discutir e apresentar e creio que a gente vai conseguir aprovar um projeto de lei aqui do estado, que cria cotas pra acesso de negros no serviço público. Eu tenho a total convicção da justiça, de ser essa uma medida extremamente justa, primeiro porque ela tem se mostrado extremamente benéfica, que tem trazido resultados importantes. Nos Estados Unidos na década de 1960, isso já foi implantado, no Brasil vem agora a partir de 2002 pra cá, nas universidades públicas e no serviço público também e em algumas prefeituras e alguns estados. Nós vamos ter agora, por exemplo, vamos ter não acho que já foi dia vinte e pouco, uma audiência pública no Espírito Santo, Tribunal de Justiça do Espírito Santo, lá tem uma ação a ser julgada pelo tribunal de inconstitucionalidade [sic] numa lei semelhante a essa nossa aqui da prefeitura de Vitória. O tribunal esta fazendo uma audiência pública e colhendo opiniões da comunidade acerca desta questão pra ter mais subsídios antes de opinar a respeito desta questão. É um fato extremamente importante, extremamente valoroso, porque só por este debate já desperta um grau de consciência muito grande, inclusive nas cortes que julgam, inclusive naqueles que legislam no judiciário, no legislativo, no executivo. Então acho que despertar essa discussão, promover este debate, propor medidas como essa, eu penso que com este projeto, eu dou uma contribuição grande neste sentido, mas não é só pra discutir não, eu quero vê-lo aprovado, e quero se Deus quiser daqui um tempo, a gente poder olhar pra trás e falar assim: “Poxa vida!” Nós mudamos a realidade no quadro de funcionários que nós temos na Secretaria de Fazenda, na Secretaria de Educação, na Secretaria... seja qual for, no estado como um todo, não só no estado ente federativo, mas na prefeitura, no estado brasileiro. A média que nós

temos de negros no serviço público de uma maneira geral no Brasil é de 3 ou 4% no máximo. Quando nós somos praticamente metade da população, Almir sabe disso, Almir foi concursado na Secretaria da Fazenda. Quantos negros tinham na sua turma? Não é verdade, eu sei disso, na minha turma quando eu fui cursar mesma coisa. Então essa realidade, essa lei ela vem contribuir bastante e espero não parar por aí não, eu quero continuar fazendo esta discussão, propondo leis dentro do meu espaço de ação, poder continuar tendo iniciativas como esta pra poder mudar esta realidade. Espero que o meu filho e os meus netos não precisem conhecer um Alberto Balburg na vida, como eu conheci lá.

E04-A: — A gente vem fazendo um trabalho paralelo de procurar motivação, motivá-los a ponto de que eles entendam que a oportunidade ela existe, pode ser um pouco mais trabalhoso para o negro, mas ela sempre existe. Importante é você estar determinado pra você vencer algumas barreiras.

E05-A: — Não tenho... Nunca fiz nada assim, eu tenho interesse sim, eu penso em grandes projetos. A única coisa que eu fiz de maior assim até hoje pra ajudar a minha etnia, foi na minha monografia que eu me apliquei mais ao estudo voltado aos indígenas.

E06-A: — Olha sinceramente eu nunca fiz.

E07-A: — Eu participo com bastante frequência sempre que posso dos eventos, dos manifestos, ou quando convidam para palestras, ou de um projeto, eu sempre procuro estar presente. Porque como é uma comunidade que... que é menos privilegiada financeiramente em vários aspectos, no caso não só financeiramente, discriminada e marginalizada, sempre fica somente com a fatia menor e a pior fatia, no caso seria a pior fatia do bolo, então eu procuro sempre estar no caso estimulando e contando a minha história de vida. Tentando no caso dar um retorno e fazer com que eles enxerguem mais, então eu procuro participar sempre que possível. Na verdade assim onde há comunidades carentes eu procuro estar sempre participando, assim um evento, um movimento voltado pra etnia no caso e eu procuro participar com mais rigor.

E08-A: — Na verdade ainda não pensei nisso, mas tem aprovado essa situação que esta correndo hoje no país, diante da etnia.

E09-A: — Eu participava do projeto Negra Eva, agora como acabou, nós ajudávamos as crianças lá em baixo na igrejinha, agora o grupo já acabou.

E10-A: — Bem, pra ajudar a minha etnia, eu não tenho nada claro pra ajudar a minha etnia não, no momento. Mas provavelmente daqui uns anos, talvez eu possa ser algum, posso fazer um voluntariado, alguma coisa nesse sentido.

E11-A: — Eu todo dia faço, desde quando eu vejo uma criança, quando eu vejo um adulto, quando eu vejo um jovem, quando eu vejo mulheres, a gente acaba sempre estar olhando pra eles, sempre estar amparando, cuidando deles, zelando e mais importante é orientando. Fazendo com que eles abram os olhos, que eles prestem atenção nas coisas, prestem atenção na vida, que torna o caminho mais correto possível.

E12-A: — Sobre a minha militância eu já fiz..., já respondi isso nas... com relação as perguntas anteriores. Mantenho uma relação muito profícua com pessoas integrantes do chamado Movimento Negro, há várias entidade no Mato Grosso do Sul, sejam aquelas dedicadas a defesa dos interesses dos chamados quilombolas,

sejam aquelas entidades urbanas que defendem os interesses mais gerais. Atualmente eu estou muito concentrado numa instituição de ensino, que é um curso pré-vestibular que chama-se Luter King, que foi fundada a partir de uma ideia nossa, não é uma ideia original, porque copiada de ações semelhantes e exitosas como aquela feita pelo frei Davi na baixada fluminense do Rio de Janeiro. Então nós aqui criamos um curso pré-vestibular destinada a brancos, e negros, e índios e portadores de deficiência. Vale a pena dizer que 45% das vagas são para brancos, 45% para negros, 5% para portadores de deficiência e 5% para indígenas. Então hoje concentro a minha atividade mais nesta instituição, mas vez ou outra chamada para ajudar politicamente em outras ações destinadas a superar as discriminações. Como fui agora na semana passada, participar de uma ação política na Assembleia Legislativa, na condição de comissão e justiça, onde acabou por ser aprovado por unanimidade um ante projeto estabelecendo cotas para negros de 10% nos concursos públicos do estado.

E13-A: — Já tive oportunidade de participar de algum movimento no grupo de quilombolas, mas falta ainda àquela coisa você tem que estar lá não adianta apenas falar você precisa saber sobre sua etnia, saber o processo.

E14-A: — Agente participa de uma forma meio desinibida, independente de etnia e classe social é possível reverter qualquer situação.

E15-A: — Eu nunca fiz e gostaria.

E16-A: — Não fiz, não sei se eu estou com tempo não parei para pensar ainda.

E17-A: — Até sinto a consciência pesada, eu tento me aproximar mais como eu tenho outras ações sociais de transformação social tenho ainda a questão específica da cor.

E18-A: — Não.

E19-A: — Ajudo minha etnia de várias formas como: ajudo mensalmente uma ONG que mantém cursinho pré-vestibular para um percentual da minha etnia, faço trabalhos sociais, emprego afrodescendente, dentre outras ajudas.

E20-A: — Tenho intenção.

Pesquisadora: — [Q21-A] O que ou quem o incentivou a cursar a graduação superior?

E01-A: — Foi o meu próprio pai.

E02-A: — Minha família, principalmente meu tio, que era como pai pra mim. Ele que me ajudou a criar, terminar de me criar e ele que me incentivou bastante.

E03-A: — Olha o maior incentivador e o maior cobrador na verdade pra que eu fizesse faculdade pra que eu terminasse meus estudos e sempre foi extremamente insistente foi principalmente meu pai. Meu pai sempre foi muito... sempre cobrou muito, mas eu também sempre tive esta consciência, da necessidade que eu tinha, da minha realidade, da realidade da minha família, eu nunca tive dificuldades em entender isso. Mas meu pai sempre foi uma pessoa que me incentivou muito, que me cobrou muito isso, que conversava muito com isso, talvez até uma... [inaudível] de ver, de querer que um filho tivesse uma história, trilhasse um caminho diferente do dele.

- E04-A: — Ainda me lembro, foi uma professora de ciências quando eu fazia sexta ou sétima série do antigo ginásio, pela facilidade com o que eu vinha aprendendo a disciplina.
- E05-A: — A minha vivência eu acho, as dificuldades que eu encontrei na minha vida profissional. E tudo o que eu fui percebendo que fazia diferença quando uma pessoa concluí o curso superior, ela abria mais portas pra ela, principalmente pela discriminação que a gente vê muitas vezes em várias empresas, em vários lugares.
- E06-A: — Meus pais, o sonho deles desde pequeno, eles mudaram pra cidade para que as filhas estudassem e que tivessem uma graduação superior, porque eles não tiveram condições de estudar na época, então eles queriam que as filhas estudassem.
- E07-A: — Eu não tive uma pessoa específica pra pegar e me estimular pra me fazer eu cursar o ensino superior, o que fez no caso com que eu quisesse, porque como eu trabalhava muito, como eu trabalhava muito isso vai no caso, isso tinha, eu tinha contato com os meus colegas, eu tinha contato no caso, eu tinha minha moto foi através do caso, como eu trabalhava, eu trabalho há muito tempo, no caso eu comecei a trabalhar com oito anos de idade, então eu... com oito anos de idade eu comecei a trabalhar na padaria. Então o que aconteceu, eu nos meus dezessete, dezoito anos, no caso eu já tinha moto, mesmo naquela época eu não tinha habilitação, mas eu tinha moto e aí quando nós saíamos no caso, no caso nos meus dezessete, dezoito no caso o que acontecia, eu tinha vários colegas, nós nos encontrávamos e havia aparentemente nós tínhamos uma semelhança, porque nós estávamos em cima de uma moto, mas quando conversávamos havia uma diferença muito grande. O fato de eles serem..., eles falavam que cursavam o nível superior, que eles pegavam..., que quando eles voltavam para as suas residências. Eles tinham recursos, casas próprias, e no caso uma série de diferenças muito grande e que eu observei, eu dei por conta que eu estava em um mundo de ilusão, ou seja, aparentemente nós éramos iguais, mas na verdade nós tínhamos uma diferença muito grande, bem diferente, muito diferente. E também no caso eu trabalhava, onde eu estava padaria, eu estava, eu era chefe de produção, e o chefe de produção o dinheiro mal dava pra me sustentar, sem contar que eu já ganhava, eu era um do *top* de linha que ganhava, então eu solteiro, menor de idade, o que eu ganhava já não dava pra me sustentar, eu achava que não dava, como é que eu ia conseguir montar uma família e dar condições pra minha família. Então o único meio que eu acreditava em dar certo era o que, era estudar, então foi no caso que eu abandonei, eu cheguei deixar moto na casa de conhecido, bem em frente da minha casa, ia de a pé ou de o ônibus para escola, e retornei e resolvi retornar a estudar, e foi o que eu fiz, eu estudava em torno de cinco, dez, doze horas por dia pra eu conseguir me recuperar, porque como eu parei na quarta série do ensino regular, e estava há nove anos sem estudar, eu tive muitas dificuldades, isso foi um estímulo pra eu voltar a estudar.
- E08-A: — Foi eu mesmo, opinião própria mesmo de terminar o curso pra melhorar a minha situação.
- E09-A: — É a própria necessidade mesmo, além de ter na família duas pessoas já com curso superior, e a necessidade mesmo que o mercado pede.

- E10-A: — Meus pais.
- E11-A: — Quem incentivou é o local que eu trabalhava, na época era o Tribunal de Justiça e gostei do ramo do Direito, apesar de que quando eu fiz o Segundo Grau de economia, não fiz dois semestres de economia, mas sempre no Tribunal fazia a pessoa se voltar pro Direito, então foi ali que eu me senti incentivado.
- E12-A: — Eu próprio. Eu tenho que dizer sinceramente porque eu próprio senti a necessidade, compreendi a necessidade, até porque eu sempre, sempre não durante uma fase da minha vida passei a nutrir o desejo de ser magistrado, e para ser magistrado inevitavelmente eu tinha que frequentar um curso superior, no caso um curso de Direito. Então eu poderia dizer os sonhos e as circunstâncias da vida impulsionaram-me a busca dessa formação superior.
- E13-A: — Eu fui incentivado por uma namorada negra, gente muito boa.
- E14-A: — A família e incentivo dos irmãos mais velho.
- E15-A: — Meus pais sempre me incentivaram mais partiu de mim mesmo para ter algo de melhor.
- E16-A: — Não eu mesmo não tive incentivo de ninguém.
- E17-A: — Foi à necessidade do trabalho e da família e minha mãe, muita anos estimulando para estudar e estudar mais eu não tinha força para isso.
- E18-A: — Eu mesma e meus pais.
- E19-A: — A minha necessidade de vencer a fome, as dificuldades, a pobreza, o comodismo, os conflitos étnicos, enfim muitas outras barreiras que oprimem o ser humano.
- E20-A: — Meus pais me incentivaram e eu mesma tive essa motivação própria.

Pesquisadora: — [Q22-A] Quais os empecilhos encontrados na trajetória da sua graduação?

- E01-A: — Principalmente a falta de perspectivas, era uma coisa que me angustiava muito. O que fazer quais os caminhos trilhar, porque nesta área do Direito vale muito a tradição familiar, e eu não tinha nada disso. Então a dificuldade maior mesmo vinha desta falta de suporte, tanto familiar quanto econômica. A dificuldade maior mesmo era encontrar o meu próprio caminho, sendo que eu seria a única pessoa que teria que abri-lo.
- E02-A: — Assim a gente estudava, mas eu não tinha tanto aquele tempo assim para estudar, porque no início eu não trabalhava pra fora, mas tinha em casa. Todo mundo trabalhava então como eu era a mais nova, eu tinha que ajudar mais em casa, tinha que acompanhar as pessoas no lugar que fosse, principalmente porque os mais velhos de casa não sabia ler, então onde ia tinha que ir alguém. E assim eu estudava, mas não tinha aquele tempo pra aprofundar, tanto é que eu só fiz a Pedagogia e não consegui estudar mais, por que..., pelas condições financeiras.
- E03-A: — Olha eu fiz faculdade numa época que eu já trabalhava e trabalhava bastante. Agora pouco estava perguntando pra mim qual que era a escala que eu fazia na época. Eu fazia uma escala de plantão, porque como o posto fiscal na época em que eu trabalhava não fecha é 24hs aberto, a gente fazia escala e eu trabalhava de 12 por 24, quando trabalhava de dia descansava 24h, quando

trabalhava 12h à noite, das sete da noite às sete da manhã descansava 48 horas que eram dois dias. Era uma escala muito apertada, eu tinha que trabalhar e tinha que fazer faculdade ao mesmo tempo, e muitas vezes durante as minhas aulas era o meu horário de trabalho, eu tinha que trocar plantão, porque eu não podia perder o trabalho também, eu tinha que conciliar as duas coisas, então eu vivia praticamente pra trabalhar e pra estudar. Eu trocava muito plantão, eu chegava a ficar dois, três dias dentro do posto fiscal, trocando plantão com os outros companheiros, pra que eles cobrissem porque eu precisava estar ausente em função da faculdade, e conciliar isso tudo, e eu não podíamos largar nenhuma coisa e nem outra, porque ambas eram extremamente importantes pra mim, vitais pra mim e pra uma série de pessoas que já dependiam de mim, principalmente a minha família, esse foi um dos maiores empecilhos. Na questão do estudo em si eu sempre fui muito motivado, estudar pra mim sempre foi um prazer, nunca foi problema. Faculdade de Direito eu fiz na época, foi o último ano que ainda era quatro anos, depois eu me lembro que em 1987 passaram a ser cinco anos. Eu fiz o último ano em que eu terminei em quatro anos, graças a Deus, acho que foi uma ou duas vezes que eu carreguei dependência de um ano para outro, o resto eu fiz bem feito.

E04-A: — Muitos, geralmente o problema maior é o financeiro, não só o problema do negro, mas já vem rotulado como se tivesse uma situação financeira que não fosse compatível com os demais que são brancos.

E05-A: — Eu não encontrei grandes empecilhos não, a minha maior dificuldade foi na época em que eu trabalhava e estudava, que às vezes eu me prendia mais ao trabalho, e deixava a faculdade um pouco de lado, então isso me prejudicava depois nas notas, mas eu sempre dei um jeito de correr atrás. Trabalhava, porque eu saí... como eu vim de uma outra cidade e saí de perto da minha família, no início eu comecei a trabalhar escondida, eu tinha vergonha das pessoas que eu conhecia, essas pessoas que eu conhecia trabalhavam e eu não trabalhava. Então eu comecei a trabalhar, como eu morava numa cidade sozinha, eu comecei a trabalhar escondida, depois eles descobriram e foi bobeira minha não ter contado.

E06-A: — Olha sinceramente, acho que não teve muito empecilho, porque naquela época, eu acho que sou até privilegiada, porque o meu avô ele conta, até pelo trabalho dele no campo, ele adquiriu um grande volume de terras no Pantanal, na Necolândia e depois que ele faleceu, houve a divisão, a partilha dos bens e meu pai ainda ficou com uma boa quantia... quantidade de terras. Então na época ele alienou e nós mudamos para a cidade. Então ele conseguiu manter um poder aquisitivo, eu diria até em relação, até comparando com os outros negros até acima, um pouquinho acima, então eu acho que por causa disto eu não tive assim tanta dificuldade, porque eu sempre cursei em escola particular e coisa e tal, então não houve assim aquela dificuldade, aquela coisa assim de eu ter que trabalhar durante o dia e estudar a noite. Então eu acho que foi é..., eu acho que sou uma privilegiada.

E07-A: — Os empecilhos principais assim na verdade foram a questão financeira, então eu morava emprestado, eu morava em casa emprestada, então eu tinha, eu morava, morei um pouco com a minha irmã, ela era casada, eu morei um pouco com a minha tia. Porque a casa dos meus pais não tinha condição de eu ir morar como eles e conseguir estudar, porque era uma casa muito pequena, mas muito

pequena mesmo, tinha era, tipo dois metros e meio por dois metros e meio, nós tínhamos, somos vários irmãos, e isso no caso dificultava, de eu conseguir ter um ambiente pra conseguir estudar, então eu morava na casa dos meus primos, dos meus tios, foi onde eu fiz o básico mesmo, e o que acontecia, eles no caso não estavam no meu ritmo, então eles colocavam som alto, entravam e saiam de moto, queria e no caso como eu tinha moto, pedia muito as coisas pra mim, por causa que eu comecei a trabalhar muito cedo, então eles pediam muito a minha moto. E aí também o que acontecia, outro fator que dificultava era eu não tinha estrutura básica, infelizmente no caso de não estar estudando na varanda e ter uma banda de pagode tocando na sala. Porque meu primo de casa era como se fosse um empresário, então ele botava a banda lá e eu precisava estudar e ele não ia parar as coisas dele pra... [inaudível] por minha causa. Então tem vezes que eu passava a noite estudando, tipo no caso eu chegava em casa dez horas da noite, eu cansei de estudar e ficar até uma, duas, três, e amanhecer o dia literalmente estudando, também em função que algumas vezes tinha silêncio na casa, ia então toda aquela parte de contra tempo, então era som, bagunça, era não colaboração, eu tinha um monte de dificuldades mesmo. Além da dificuldade financeira pra comprar livros, materiais, um pouco de transporte, a parte de conseguir comprar algumas coisas, então eu era praticamente o patinho feio da turma, porque eu não conseguia acompanhar a turma no sentido que..., o que precisava comprar de imediato e também no caso a parte de conseguir, e também assim eu não tinha a mesma estrutura e o apoio que os meus colegas, estrutura de estudo. Eles vieram no caso de uma escola tradicional, escola convencional, estudou todos os anos regulares e chegavam em casa e tinha uma estrutura pra estudar. Eu tinha no caso que me virar trabalhar, tinha que eu mesmo lavar minha roupa, tinha que fazer, eu tinha que fazer tudo eu que tinha que fazer por mim, eu tinha a casa graças a Deus. O pessoal me emprestava a casa, mas eu trabalhava mesmo assim e ajudava na casa pra valer, tudo que eu botava no meu estudo, era através de mim, não tive se quer um livro de um tio, do primo, do pai, de uma mãe. Durante toda a minha trajetória, não teve isso aí. Eu até consegui ganhar dois livros dos meus padrões no caso da padaria, mas os meus parentes com quem eu morava ou dos meus pais, não tive sequer uma caneta ou uma borracha, um lápis não tive nada.

- E08-A: — Os empecilhos são a falta de material, livros, condições mais para estudo, ter que trabalhar e no caso estudando é mais difícil.
- E09-A: — É mais pra conseguir serviço mesmo, você estar formada e eu não conseguia serviço na época, na área.
- E10-A: — Os empecilhos na graduação? Empecilhos na graduação eu não tive empecilhos, eu só trabalhava e durante a minha graduação, às vezes eu estava cansado de um dia inteiro de ter trabalhado, mas empecilho, empecilho eu não tive.
- E11-A: — A falta de dinheiro falta de livros, falta de..., até de alimentação, eu ia pra escola, ia pra faculdade sem se alimentar e estudava com fotocópia dos livros, que emprestava de algum amigo, então era difícil também pagar a mensalidade, pagar o ônibus, tinha que ir de bicicleta, voltar de bicicleta e era tudo difícil. Trabalhava e estudava, trabalhava na época na polícia civil, fazia o plantão, saía no horário do plantão, ia estudava sem jantar, voltava e continuava trabalhando e no outro dia que ia embora para casa.

- E12-A: — Os empecilhos encontrados foram, sobretudo, empecilhos de ordem econômica e financeira. A universidade federal que eu cursei na época, situava-se e ainda situa-se no centro da cidade do Rio de Janeiro. E eu morava muito longe, na periferia do Rio de Janeiro em condições extremamente, de extrema pobreza e isso dificultava muito o acesso. E, além disso, eu trabalhava, já tinha dinheiro pra sustentar família, já tinha... já era casado, já tinha dois, três filhos, e a pobreza trazia todas aquelas consequências naturais. Pois eu terminei o meu curso sem ter muitos dos livros que eram essenciais, então eu estudei em livros emprestados, às vezes defasados, com apostilas quando podia comprá-las, foi com muita dificuldade que pude concluir o curso, mas essas dificuldades não me impediram de tirar o melhor proveito possível do curso de uma universidade daquele porte.
- E13-A: — Foram muitos, nós tivemos vontade de desistir e querer largar tudo porque tinha que levantar cinco horas da manhã, pegar o ônibus, eu sou de uma família simples mais foi a persistência aquele desejo de realmente querer vencer.
- E14-A: — Conciliar trabalho e estudo.
- E15-A: — Foi difícil porque eu trabalhava numa empresa e ganhava muito pouco eu tinha que me sustentar pagar minha faculdade mais deu tudo certo.
- E16-A: — Na época foi à cor, questão racial mesmo.
- E17-A: — Os empecilhos são vários: o trabalho, idade, financeiro, o físico porque fiquei doente, o familiar porque as filhas casaram e foram embora e essas coisas ocorreram na época da minha formação.
- E18-A: — Nenhum.
- E19-A: — Trabalhar e estudar, morar longe e precisar da ajuda das pessoas para ter onde dormir, ser mulher, ser negra, ter pai alcoólatra sem responsabilidade, ser pobre e passar fome. O salário era o mínimo e o valor da mensalidade era 90% o salário e muitas vezes eu frequentava as aulas no período noturno, além de cansada também com fome, eu tinha vontade de tomar coca-cola, era a bebida do momento e eu ficava no intervalo dentro da sala de aula com desculpa que estava descansando para não ver as pessoas tomar coca-cola porque eu tinha muita vontade e o salário era incompatível a esses privilégios.
- E20-A: — Nenhum.

Pesquisadora: — [Q23-A] Quais as diferenças econômicas e financeiras em relação a você e seus pais quando seus pais tinham a sua idade?

- E01-A: — Infinitas. Eu diria infinita não, foi uma maneira de se expressar, mas realmente há um fosso muito grande, porque hoje eu sou uma promotora de justiça, sou muito bem remunerada e os meus pais... Meu pai por mais força que fizesse ele terminou a carreira como sargento do exército, então é uma diferença gritante as nossas realidades.
- E02-A: — Agora eu tenho uma... a diferença é grande, porque eu tenho... eu recebo um salário até bom, um salário razoável, eu moro em casa própria. E assim meus pais naquela época até no fim da vida do meu pai ele estava trabalhando de empregado assim para os outros, não sabia aonde que ele ia ficar, não tinha assim

uma renda, uma economia pra ele. Então hoje em dia eu acho assim que eu tenho uma situação financeira bem melhor do que ele.

- E03-A: — A minha idade hoje? Eu como comecei a trabalhar muito cedo, eu fui casar, eu tinha trinta e poucos anos, 33 ou 34 anos de idade quando eu casei. Até então durante muito tempo, comecei na Secretaria da Fazenda a trabalhar com dezoito anos de idade, que foi o meu primeiro e grande emprego, porque eu tinha uma responsabilidade diferente, um salário diferente, mudou completamente a minha realidade. Eu morei muito tempo com os meus pais trabalhando, enfim eu fui criando uma condição de vida bem melhor, então hoje meu pai quando tinha a minha idade, eu me lembro eu era criança, a gente sempre teve uma vida muito modesta, muito limitada numa série de coisas. Então a realidade minha hoje pra eles quando tinham a minha idade é uma diferença brutal, muito grande.
- E04-A: — Muito pequena, a maioria dos... Em relação aos pais, não porque eles foram comerciantes, à época bem sucedidos, tiveram altos e baixos, chegaram inclusive a chegar próximo da falência, mas depois se recuperaram. Embora pelo número de filhos que meus pais tinham, eles tinham certa dificuldade, mas ele tinha um acesso a parte social, e meu pai foi político e todas as vezes que ele se candidatou, ele foi eleito.
- E05-A: — Acredito que a minha situação financeira atual é bem superior a dos meus pais quando eles tinham a minha idade, até porque quando eles tinham a minha idade eles já tinham vários, eles já tinham dois filhos, então eu acho que isso prejudicou bastante, e foi por eles não terem estudado também, implicava, implicou na formação deles em si.
- E06-A: — A diferença é grande, porque eles tinham que trabalhar mais, se esforçar mais, acho que era uma diferença, eu já estou mais light em relação a eles. Eu comecei a trabalhar já eu fazia o terceiro ano, que eu comecei a fazer estágio na antiga LBA, daí posteriormente eu fiz o concurso do tribunal de justiça e quando eu me formei eu já trabalhava no Tribunal de Justiça.
- E07-A: — As diferenças econômicas no caso elas são bem marcantes, tipo assim, na área que meus pais, meus pais não tinham casa própria, hoje eu graças a Deus eu tenho casa própria. Meus pais nunca tiveram condução, um transporte, uma moto, um carro, hoje eu graças a Deus eu tenho carro. E sem contar outros fatores no caso tipo, hoje eu graças a Deus sou concursado, eu tenho a oportunidade de ser concursado de uma instituição e hoje eu tenho bastante ofertas de empregos, mas e eles não tiveram esta mesma oportunidade, não puderam escolher empregos. Hoje eu graças a Deus, uma faixa que eu posso, “escolher empregos”, e no caso eles não tiveram esta oportunidade, tinha que abraçar o que tinha pela frente, e era bem complicado a situação financeira, toda parte no caso econômica era dificuldade, porque nós não tínhamos luxo, era muito básico do básico, e às vezes nem básico nós tínhamos.
- E08-A: — Enormes, meu pai não tinha condição nenhuma, hoje graças a Deus eu posso dar uma condição melhor para os meus filhos.
- E09-A: — Hoje eu estou assim ganhando um salário assim com mais facilidade, porque eu não tenho aquele serviço pesado, então pra mim assim a diferença é grande. Porque trabalhando como empregada doméstica, o meu pai como capataz de fazenda, que é um serviço braçal, pesado, lutando pra ganhar um salário. Hoje em dia eu ganho o mesmo salário que ele ganhava na época, porque eu estudei.

- E10-A: — É gritante a diferença econômica, porque quando os meus pais tinham vinte e seis anos como eu tenho hoje, eles moravam num padrão é escasso, pobre. Eles tinham, moravam em quatro cômodos, era um bairro retirado. Não tinha condução, eram outros tempos, eram funcionários públicos, muitas das vezes, nem recebiam salário por atraso do governo, e hoje é bem diferente, hoje eu com essa idade, a mesma que a deles, eles me deram condições e eu moro num local privilegiado, tenho condução própria, dois carros na garagem. Eu passeio no final de ano, viajo como muito bem e nada falta e tenho lazer também.
- E11-A: — A diferença é que na verdade eles na minha idade, eles trabalhavam na verdade de empregados, ou era empregados na lavoura ou eram empregados na casa de família. Eles eram totalmente diferentes que eu, da minha época de adolescência.
- E12-A: — As diferenças foram enormes, abissais as diferenças. Eles vivenciaram uma situação de extrema pobreza, sobretudo depois de casados, uma vez que minha mãe era filha adotiva de uma pessoa que tinha posses, mas depois de casados sofreram muitas dificuldade, e eu também sofri essas dificuldades, depois de casado. Depois de uma certa ascensão, cargos melhores remunerados eu passei a ter uma... desfrutar de uma, de uma condição econômica muitíssimo superior àquela que eles desfrutaram, numa idade comparativamente, correspondente àquela em que eu já tinha uma condição melhor.
- E13-A: — Eu acho que era muito mais difícil naquela época, hoje nessa nova geração é tudo mais fácil, cada família consegue assimilar todo aquilo que necessita.
- E14-A: — ... viveram uma situação de imensa pobreza, e hoje na minha época reverti.
- E15-A: — As diferenças eram muitas, porque eles não tiveram oportunidade não tinha incentivo dos pais nem da família.
- E16-A: — Eu não posso nem dizer era bem diferente não tem como analisar na época pra era sofrida.
- E17-A: — Eu tenho mais capacidade de assimilação para lidar com dinheiro, em decorrência disso eu utilizo pouco melhor o dinheiro.
- E18-A: — Muita diferença, porque meus pais eram muito pobres.
- E19-A: — Talvez no dicionário não tenha palavras para expressar as diferenças, não apenas econômicas e financeiras, mais em todos os aspectos.
- E20-A: — A diferença era grande, estudaram sempre em escolas publicas, não tinham condições de fazer cursos de outras línguas e ou outros tipos que tinham necessidades de serem pagos.

Pesquisadora: — [Q24-A] O que você acha sobre as cotas para os alunos afro-brasileiros?

E01-A: — Acho uma medida afirmativa, absolutamente válida. Não considero como uma discriminação positiva, porque o termo discriminação ele envolve exclusão, enquanto que a medida afirmativa ela tem uma finalidade de incluir. Ainda que tenha algumas dificuldades, erros e equívocos pontuais acham de fundamental importância para que se resgate esse histórico, essa vida de sofrimento, essa

história, esta trajetória dos negros e a forma de como nós, como todos nós fomos excluídos do processo de desenvolvimento do nosso país.

- E02-A: — Eu acho que é muito importante esta cota, foi uma coisa boa que esta acontecendo para os negros, eu acho que os negros tem que aproveitar isto, tem que brigar por isto e constantemente tem que estar falando sobre a importância das cotas, fazendo com que as outras pessoas entendam. Pra poder o negro ter mais condições de chegar na faculdade e fazer um curso superior.
- E03-A: — Acho justa, acho que veio tardiamente para o Brasil. Se nós tivéssemos feito isso em outro momento da história, governos que..., não só governos, com a sociedade que tivesse feito essa discussão lá traz, de uma outra maneira na realidade o nosso país seria outro. Aquilo que você fala, por exemplo, da..., que eu observo isso, não conheço os Estados Unidos por exemplo, mas sei da realidade lá, a lei, eu vejo muita coisa, a quantidade de negros que ocupam os cargos importantes, seja na televisão, no esporte, na política, no empresariado, na justiça, você vê negros ocupando cargos importantes em todos os lugares. Nos Estados Unidos tem 15% da população negra, aqui no Brasil nós temos metade e nós estamos numa realidade muito diferente. Por quê? Porque lá o sistema de cotas já foi implantado há muito tempo, trouxe resultados efetivos, que mudaram a realidade daquele país, e que tardiamente nós estamos fazendo aqui no Brasil. Sou totalmente favorável, defensor ferrenho, defensor ferrenho, acho que nós temos que fazer isso mesmo, discutir a necessidade que nós temos cada vez mais que buscar uma democracia racial.
- E04-A: — Eu acho que no momento ainda ela é necessária, por causa da injustiça de oportunidades. Até chegarmos ao ponto de podermos acreditar um pouco mais, nas nossas reais condições, e aí a situação pode até reverter, mas por enquanto ela é muito necessária.
- E05-A: — Eu acho uma coisa interessante, tem dois lados, tem o lado o ponto que ajuda essas pessoas, que muitas vezes tem mais dificuldade pra entrar no ensino regular, mas também tem o lado da discriminação, cotas para negros ou para índios já dão uma conotação de separar, de diferenciar dos demais.
- E06-A: — Olha eu acho que vai, pode até aumentar a discriminação, eu sou contra, eu acho que poderia favorecer mas o ensino médio, com maior... um ensino de qualidade, um ensino público de qualidade, porque daí eles são inteligentes, então eles tem condições de competir com os outros em igualdade de condições, eu acho que esses favorecimentos pode aumentar, fomentar uma discriminação.
- E07-A: — Quanto às cotas para os alunos negros eu sou da seguinte opinião, eu não concordo, mas eu apoio. Por quê? Eu acho que eu não concordo porque nós temos a mesma capacidade que os..., a comunidade no caso não negra, só que eu acho que é uma maneira, é uma ótima oportunidade pra oportunizar, porque eu vejo da seguinte maneira. Houve isso no caso já na Abolição, porque quando o negro sendo..., durante inúmeros séculos ele serviu, quando não precisava mais dele o que fizeram, simplesmente no caso, ele deixou de ser escravo, mas não deram condição pra ele melhorar, então não deram estudo, não deram saúde, não deram, não fizeram nada por ele e hoje querem tratar da mesma maneira, ou seja, quando vieram pra cá os italianos, os alemães entre outros no caso, eles ofertaram terras e deram casas, tantos hectares, tantos alqueires de terra lá deram pra eles, e o negro não, o negro trabalhou de graça e não ganhou nada, então como é que no

caso querem comparar hoje o branco com o negro, é comum que hoje o branco tenha uma estrutura financeira melhor do que o negro. Porque quando o negro no caso ele chegou aqui, ele chegou de maneira acorrentado, eles trouxeram a força, e quando liberaram, liberaram assim sem nenhuma no caso condição mínima pra ele conseguir atingir um patamar. Não deram as condições mínimas de saúde, hoje se eu tenho um cachorro, eu dou vacina pra ele, eu compro ração, eu levo no veterinário, eu tenho que dar um cuidado pra ele, e o que fez com o negro, eles libertaram sem condição mínima, ou seja, ele foi libertado, mas que liberdade foi essa que vieram no caso sem a menor condição, isso no caso há mais de um século no caso, em 1968. Agora se não der essas condições pra ele, hoje tem que fazer uma diferenciação também pra ele conseguir ter o mesmo nível do..., da comunidade não negra, ou seja, dos japoneses, os italianos, os alemães, entre outros no caso. Então tem que ter essa diferença sim, eu concordo porque quando é..., a nossa origem no caso foi muito destrutada com muita diferença, então eu enxergo o que, tem que hoje ser tratado com diferença, não concordo que eu acho que nós somos incapazes, nesse fato também não concordo, mas que tem que ser tratado, tem que ter uma cota, tem que ter uma cota maior porque nós temos uma grande população negra no Brasil, não é somente 10%, 20% como estão oferecendo como no caso de cota nas universidades, a cota deveria ser bem maior para os negros. Então assim não é o melhor, mas eu acho que dá uma ajuda muito boa no ensino. Como eu quero ver os negros da mesma forma, no mesmo patamar que os brancos ou então dos não negros, eu quero no caso que ele pegue e tenha as mesmas, o campo de oportunidade mais semelhantes no caso, então como no início ele não teve as mesmas oportunidades, hoje também eu quero que as oportunidades não sejam as mesmas que o branco, porque o branco a medida que ele vem de uma escola particular, ele vem no caso de uma escola regular, ele vem de uma escola bem preparada, e aí no caso ele tem inglês desde os sete anos de idade, ele tem no caso informática desde os dez, quinze anos, ele tem no caso computadores em casa, eles tem inclusive uma série de informação, uma série de recursos que o negro comumente não tem, não a maioria, mas o negro comumente não tem, então quer dizer, tem que criar cotas sim pra tentar dar uma mesclada nesse poder, porque esta totalmente nas mãos dos não negros.

E08-A: — Acho importante, acho que a população tem que se mobilizar para conseguir esta cota.

E09-A: — Olha é importante porque ajuda os negros a ter um curso superior, pra melhorar na qualidade de vida, pra conseguir um serviço e assim acho de fundamental importância pra eles.

E10-A: — Eu entendo que as cotas seriam como se fosse uma indenização, seriam umas correções das injustiças feitas contra os nossos antepassados e o pessoal afrodescendentes. Se você for verificar a porcentagem de negros que tem nas faculdades hoje, considerando a quantidade de pessoas da etnia branca, é uma disparidade muito grande, então eu temos que aplicar as cotas pra poder corrigir essa injustiça social, talvez seja uma das poucas maneiras que o negro talvez tivesse condições de estar entrando na universidade, porque a maioria dos negros é de classe pobre, não tem condições de ter um cursinho, pra conseguir entrar nas melhores universidades, ou seja, na particular, e fica complicado para o negro, então eu concordo com as cotas.

E11-A: — Acho importante, e eu tenho a certeza que na verdade é um resgate. É muito difícil ele estudar, é muito difícil ele trabalhar, é muito difícil ele se inserir, é muito difícil ele se impor. Então nada mais nada menos que é um resgate na verdade de outra oportunidade pra ele.

E12-A: — Eu sou extremamente favorável as cotas, não que as cotas possam significar a panaceia que vai resolver todos os problemas da discriminação racial, mas as cotas, sejam as cotas no sentido específico, seja as cotas que venham através do Prouni, que é um programa do governo, elas tem respondido pela inclusão de milhares de jovens dentro da universidade brasileira, que tinha até então as portas fechadas para esse acesso. E só daqui há alguns anos quando essa..., vamos chamar de elite intelectual estiver formada, incluída no mercado de trabalho, é que nós sentiremos a diferença que vai fazer isso. Até como estímulo a outros jovens negros, que vão se espelhar nesses futuros detentores de graduação superior e de pós-graduação também, para trilhar o mesmo caminho. Ao longo disso as cotas tem um outro efeito, que não é um efeito especificamente buscado, mas ele acaba acontecendo, porque a propósito de discutir cotas, as pessoas tem que discutir o porque das cotas, isto é, elas surge num contexto de discriminação racial e as pessoas de repente se dão conta que existe racismo no Brasil, que existe discriminação racial no Brasil. Não é uma coisa instituída formalmente pelo conjunto de leis, pelo contrário o conjunto de leis condena essa prática, mas no cotidiano nós vivemos isso, basta uma olhada, não precisa de dados estatísticos, basta uma olhada pra nossa sociedade para ver que os negros sempre ocupam posições subalternas na sociedade brasileira, e a gente espera que as cotas contribuam para a superação desses... E eu também queria aproveitar rapidamente para dizer o seguinte, há tanta resistência a cotas para negros no Brasil, um dos argumentos mais absurdos, mais ninguém absolutamente ninguém eu ouvi até hoje dizer que as cotas para as mulheres previsto na Lei n. 9.504 de 1997, salvo o engano se é o artigo 3º parágrafo 10 ou não me recordo bem, parágrafo 10 ou artigo 3º, isso não é importante, o importante é que está lá e as mulheres tem uma cota de no mínimo 30% pra participar, ter candidaturas aprovadas nas convenções dos partidos políticos. Os portadores de deficiência, segundo um dos incisos do artigo 37, salvo o engano da constituição federal, salvo o engano no inciso 8º, tem direito a cota como deficiente nos concursos públicos. E uma Lei n. 7.853 estabelece o mínimo de 5%, e no âmbito federal a Lei n. 8.112 de 1990, que é o estatuto do funcionário público federal, estabelece que essa cota para portadores de deficiência pode ser até 20%. Então com relação a esses dois segmentos, cuja previsão de cotas eu concordo plenamente, mas devo observar que ninguém, absolutamente ninguém, estou a... [inaudível] disso, ninguém disse que é inconstitucional ou é injusto e aí eu me pergunto: “Por que tanta resistência e tanta objeção quando se fala em cotas para negros?” Somente uma coisa explica isso, a palavra é simples, discriminação.

E13-A: — Eu acho positiva alguma parte, mas em outras partes eu não concordo, é bom que tenha a cota para os alunos negros porque muitas coisas eles não tiveram oportunidade talvez não terem condições socioeconômica para estar num banco de uma universidade fazendo aquilo que realmente gostaria de fazer eu vejo essa cota uma cota positiva mas agora essa cota tem que ser acompanhada de uma maneira democrático mais alguma coisa voltada para o negro ele tem que lutar por seus direitos isso ainda tem uma certa discriminação.

- E14-A: — Não consegui ter uma decisão direta eu acho que não só as etnias, mas a social é a mais agravante então eu acho que sou ao contrario a cotas especifica e sim a social.
- E15-A: — Eu acredito que é interessante.
- E16-A: — Eu acho ótimo desde que seja de acordo com a lei não só para beneficio mais às vezes as pessoas fala que é negro só para adquirir o direito e outra ocasião são brancas.
- E17-A: — Eu acho que deve mudar a política educacional do país, deve abrir mais Universidade mais escolas de tal forma que não seja necessária seleção por cotas.
- E18-A: — São uma forma de recompensar os negros pela e humilhação na época da escravidão.
- E19-A: — As cotas para os alunos negros é a melhor solução para o momento, seria o mesmo que a cesta básica representa para o assalariado brasileiro. Temos que apresentar uma ação afirmativa que supra as necessidades educacionais da população afrodescendente e tem algo melhor no momento? A cota é um benefício e quem usufrui são pessoas capazes. Da mesma forma que uma bolsa de estudo beneficia alguém que não tem condições de manter seus estudos e nem por isso é menos capaz que os demais as cotas na educação superior produz o mesmo efeito. Para obter a cota é preciso se identificar no momento da inscrição como afrodescendente e optar pelo benefício, ser aprovado no vestibular com pelo menos a média mínima de aprovação e a classificação será concorrendo com os demais afrodescendentes no percentual de vagas que abrangerem as cotas.
- E20-A: — Eu acredito que seja uma forma de inserção de jovens ao mercado de trabalho, uma vez que a população negra ainda sofre preconceitos e tem maiores dificuldades para conclusão dos estudos e entrada em uma universidade ou concurso.
- Pesquisadora: — [Q25-A] Que conselho você daria para o afro-brasileiro (a) que pretendia estudar e que está desanimado e internalizaram, introjetaram o pensamento que o negro não tem vez e nem voz?
- E01-A: — Todos nós temos vez e voz, temos condições de trilhar os nossos próprios caminhos, basta acreditar nisso e trabalhar efetivamente para isso. Apoiando-se em você mesmo e, sobretudo na sua força interior, porque ser negro significa ter que ter obrigatoriamente garra para transpor todos os obstáculos, e, sobretudo todo o processo de discriminação que nos foi imposto.
- E02-A: — O conselho que eu dou é que o negro assim procure olhar pra frente, acreditar mais nele. Acreditar mesmo que ele é capaz, que nós somos capazes e que nós somos iguais as outras pessoas, nós não somos inferiores. E que ele pode ir pra frente, tem que sair assim desta situação de ficar acomodado. O negro tem que buscar mostrar o seu valor.
- E03-A: — Eu acredito muito na força transformadora da educação de uma maneira geral, eu acho que o grau de consciência sobre a importância, o papel do negro e do índio, e de cada um de nós todos, de raças enfim... na sociedade. O maior grau de consciência tem que ser... ele... totalmente é dado através da educação, então o

acesso a educação é fundamental, valorizar entender o papel transformador que tem a educação, acho que é fundamental, acho que isso é uma coisa que nós temos que conversar, principalmente com os negros, pra que a gente possa discutir isso em sala de aula, em espaços que se pense, que se crie um pensamento, que se discuta questões importantes. Eu acho que esse é o primeiro grande passo, que é o que te coloca em confronto direto com a realidade, com essa questão cultural, primeiro entender como que nós chegamos hoje a esta situação, porque esse tempo tem todo um processo histórico atrás disso tudo. Nós estamos agora em 2008, há 120 anos da abolição da escravatura. Eu me lembro um carnaval, na década de 1980, não vou saber precisar o ano, mas no samba enredo da Mangueira, que eu acho uma obra prima que fala: “Será que já raiou a liberdade, ou se é tudo ilusão.” e fala que é: “Negro é livre do açoite da senzala e preso na miséria da favela.” Então quer dizer tem um processo histórico atrás disso tudo, que nos trouxe até hoje e a compreensão mínima desse processo histórico é fundamental para nos dar consciência. Eu acho que nós negros que temos esse nível de consciência, nós temos obrigações pra despertar esse grau de consciência nos outros negros também, porque o que nós temos de uma forma velada no Brasil principalmente, é um movimento contrário pela negação da existência do racismo, por exemplo, então eu ouço, por exemplo, na assembleia a discussão desse projeto. Você está mexendo com uma coisa que não tem necessidade de você mexer, não existe de racismo no Brasil, não existe... Como que não existe? Se você tem 50% da população que é negra e você tem nas ocupações mais importantes, no trabalho, no serviço público, nas universidades você tem um percentual de 2, 3, 4% no máximo sempre. Como que não tem problema? Tem problema nisso aí sim, e aí tem que ter a coragem, a consciência, e o compromisso de poder discutir esta questão de uma forma objetiva, e que possa realmente contribuir. Então eu acho que esta questão da autoestima do negro, a compreensão desse processo, porque nós fomos criados..., a cultura no Brasil é pra que a gente tenha baixa-estima mesmo. Quando eu falei a questão da certidão de nascimento, daquela historinha que eu contei da certidão de nascimento minha, é pra ter baixa-estima mesmo, porque o cara do cartório lá, eu não estou dizendo que a culpa é dele, mas é cultural. Ele falou assim: “Vamos colocar branco aqui porque esse menino vai crescer, ele vai ver que ele sendo branco aqui na certidão de nascimento dele, pra ele é melhor que se eu colocar negro.” Mas já é a realidade nossa, eu acho que essa questão da baixa-estima, eu acho que a educação e também esse trabalho que nós como negros fazemos com os nossos irmãos pra que a gente possa mudar esse quadro.

- E04-A: — Eu acho que um trabalho que nós temos que fazer, não só nosso pessoal, mas sim a nível também de coletividade, você faz a tua parte, você busca fazer o melhor que você pode, e procura incentivar quem está do seu lado, procura-se qual for, alguém que seja da mesma, que tenha o mesmo tipo de problema, porque aos poucos você vai vencendo essa barreira, você vai chegar lá. Embora as oportunidades sejam poucas, mas em princípio ele tem algum fator pra estar atribuindo esta dificuldade, que a nossa estatística não é tão favorável. Mas nós temos que reverter esta estatística.
- E05-A: — Eu acho que tem que mudar, que a gente é que muda a visão das outras pessoas também, que a gente não pode se sentir excluído, porque se não..., a

partir do momento que a gente se sentir excluído, nem que a situação não aconteça, a gente vai ver coisas aonde não existe.

- E06-A: — Não pode desanimar, tem que ir a luta, realmente não pode desanimar, porque se você ficar parado ali esperando, esperando que alguma coisa caia do céu, que alguém venha ajudar não tem, tem que ter..., batalhar mesmo porque não vai vir nada de graça, entende.
- E07-A: — Na verdade precisa procurar grupos ou pessoas que no caso conseguiram teve alguns destaques na percepção deste cidadão, ele deveria no caso chegar pra essas pessoas pra conseguir algum estímulo e pensar no caso que o estudo é a melhor saída, então ele pode ter, um cidadão pode ter conseguido se dar bem no futebol, outro, mas muito raro negro conseguir ter uma ascensão se não for pelo estudo, porque é muito raro. Então é comum no caso, há pouco tempo em pesquisa, são 27% dos presos, das pessoas que estão hoje no presídio são negras ou tem no caso contato com os negros, então é muito grande o número de negros que estão na parte da marginalização, na parte do tráfico, na parte da..., na pior fatia da comunidade em função dessas oportunidades. E eu vejo assim no caso que ele tem que enxergar dessa maneira, então que ele pode fazer umas coisas fáceis no primeiro momento, mas certamente esse não é o caminho, então qual é o melhor caminho no caso que ele vai ter, estudar, pegar se agarrar aos estudos, e encontrar a melhor maneira metodológica mais organizada possível pra conseguir atingir os seus objetivos, mas o estudo é o melhor meio que ele tem no caso pra atingir os seus objetivos, e é a coisa que não vai ser tomada na sua vez.
- E08-A: — Que o negro tenha objetivos próprios, tenha metas pra cumprir, não desanime, persevere, porque eu acho que é a única forma de melhorar a sua condição.
- E09-A: — Olha a primeira coisa é estudar, procurar pensamento positivo, não ligar para o que as pessoas falam e fazer o melhor, tudo o que for fazer procurar fazer o melhor.
- E10-A: — Eu diria que talvez a única opção para ele alcançar alguma estabilidade social seria estudando, porque hoje você ser funcionário de alguém e coisa e tal, dificilmente você vai chegar num espaço que você vai se tornar milionário, ou vai conseguir alguma coisa, você vai ser uma pessoa de destaque. Então estudando você tem essa oportunidade de você crescer e ter alguma coisa a mais.
- E11-A: — Não importa o que dizem, não importa o que falem, não importa a maneira que olhem pra você, se imponha faça a sua parte, estude, estude e estude. Seja simples, seja cordial, seja companheiro ou companheira, e se imponha só pelas suas atitudes, não importa o que falem, não importa como vejam você, o importante é que você é uma pessoa, é um ser, é você é muito importante. E você, muitas vezes muitos estão olhando pra você, por ser negro alguém vai discriminar, mas não tem problema, não tem importância, isso é mais um incentivo.
- E12-A: — De fato essa é uma construção perversa, porque ao longo de séculos os negros enfrentaram 343 anos de escravidão, mais cento e tantos anos de exclusão social, isso repetido através de séculos, muitos deles internalizaram essa crença de que são inferiores. Mas a gente os militantes, todos eles, a sociedade de um modo geral, seja brancos, negros, quaisquer um tem que desconstruir este preconceito. E mostrar para as pessoas, lembrá-las que elas são tão capazes,

independente da intensidade da sua cor de pele, de suas características físicas. Eu acho que contribui para isso exemplos, no Brasil mesmo nós tivemos Machado de Assis, que era um afrodescendente, filho de uma lavadeira negra e um pai branco, tornou-se um escritor dos mais famosos do mundo, fundador da Academia Brasileira de Letras, e respeitado mundialmente. Recentemente Harold Blum Blum que é um dos críticos mais exigentes e radicais dos Estados Unidos, classifica Machado de Assis ao lado de Shakespeare e outros escritores, como um dos mais importantes do mundo, ele filho de lavadeira, afrodescendente. Então no passado recente agora, o ministro Joaquim Benedito Barbosa Gomes, do Supremo Tribunal Federal, um homem cuja negritude é indiscutível, procurador da república, formado pela Universidade de Paris, doutorado em Paris, professor visitante dos Estados Unidos já há três anos, em duas universidades, onde ele escreveu, cuja visita ele escreveu um livro chamado “Ações afirmativas no princípio condicional da igualdade”, também é uma figura exemplar. E nos Estados Unidos menciono Barak Obama, um negro que hoje tem grandes chances de ascender a presidência da república, esses, essas figuras exemplares é como espelho no qual os negros tem que olhar e dizer, perguntar se é possível, que por certo a resposta será afirmativa, e lutar bravamente para vencer todos os obstáculos, e sobretudo através do estudo que é um instrumento muito importante, para permitir ascensão social, mobilidade social, alcance de padrões de dignidades melhores.

- E13-A: — Que o negro tenha objetivos próprios, tenha metas pra cumprir, não desanime, persevere, porque eu acho que é a única forma de melhorar a sua condição.
- E14-A: — Olha a primeira coisa é estudar, procurar pensamento positivo, não ligar para o que as pessoas falam e fazer o melhor, tudo o que for fazer procurar fazer o melhor.
- E15-A: — Eu diria que talvez a única opção para ele alcançar alguma estabilidade social seria estudando, porque hoje você ser funcionário de alguém e coisa e tal, dificilmente você vai chegar num espaço que você vai se tornar milionário, ou vai conseguir alguma coisa, você vai ser uma pessoa de destaque. Então estudando você tem essa oportunidade de você crescer e ter alguma coisa a mais.
- E16-A: — Tem que correr atrás, tem que ultrapassar esses desafios e não adianta esperar ficar achando que dessa forma não dá, tem que mostrar que é diferente.
- E17-A: — Tem que estudar e tem que começar já e tem que esquecer essa história de que estou sendo discriminado independente das circunstâncias que a pessoa tiver tem que lutar muito mais para chegar num mesmo nível igual de outra pessoa.
- E18-A: — O sucesso está dentro de nós, basta corrermos atrás daquilo que queremos sem ouvir opinião alheia.
- E19-A: — Não desanimem, não perca as esperanças, estudem, estudem e estudem. Esse conselho é para todo ser humano. As pessoas podem tentar tirar até nossa dignidade, mas a educação só quem pode tirar é Deus. Então faça a diferença.
- E20-A: — Eu diria a ele que hoje qualquer individuo tem direito e necessidade de estudo para projetar e ter uma vida melhor, que apesar de sermos negros, temos as mesmas capacidades e habilidades e devemos mostrar para o mundo que somos isso e podemos.

Pesquisadora: — [Q26-A] Como você se sente hoje na posição que você se encontra: você se sente respeitada ou discriminada?

E01-A: — Eu me sinto respeitada, agora não da para ignorar que por vezes o preconceito ele existe. Agora discriminada não porque na verdade a força da autoridade e do cargo permite que eu usufrua de todos os benefícios enquanto cidadã. E, sobretudo me reveste de uma autoridade capaz de desenvolver o meu trabalho, só que isso não me faz esquecer que a discriminação existe e ela esta permanentemente estigmatizada na nossa cor, não por sermos inferiores, mas por sim quererem nos infringir uma superioridade inaceitável enquanto seres humanos.

E02-A: — No meu trabalho ainda tem muito a falta de respeito e a discriminação, Às vezes eu não sou assim bem aceita por causa da minha cor, por causa até assim da posição social, eu não sei, mas é que eu sinto a discriminação ainda eu sinto.

E03-A: — Eu acho que eu me sinto respeitado, eu me sinto respeitado, me sinto com o exercício da minha função, pelo grau, pelo nível das discussões que eu faço, e talvez por não ter nem medo, nem receio de fazer as coisas com convicção, com convencimento, de defender as minhas convicções. Eu vou falar uma coisa para você, eu sou um parlamentar de primeiro mandato, eu penso pelo menos ter mais um mandato, pelo menos, não sou de..., mas eu sinceramente. Teve um deputado que falou pra mim assim: “Você fica mexendo com esse negócio de negro, isso não dá voto.” Eu sei disso. “Isso não dá voto e pelo contrário você pode perder votos com pessoas e setores.” Ele quis fazer uma discussão totalmente equivocada comigo. Eu falei: “Olha, eu posso ter só este mandato, mas eu vou ter um mandato e pro resto da vida, eu vou ter a minha consciência tranquila, porque no momento que eu tive a oportunidade eu não desperdicei de defender coisas que eu acredito, eu sempre acreditei, eu sempre acreditei.” Entendeu? Então eu estou aí pra ter um mandato, pra ter dois, pra ter três, pra ter quatro, também não me importa isso. Se eu tiver mais um, bom, mas se eu não tiver também, tranquilo, não tem problema. Eu volto pra casa, vou ser PE, nunca tive problema nenhum com relação a isso, mas eu tenho certeza que os meus filhos, que a minha família... Esta questão deste projeto, por exemplo, esse final de semana eu fui visitar o meu pai lá em Epitácio. Eu estava explicando pra ele, falando com ele e tal, o meu pai é assim... O meu pai esta com 70, quase 80 anos de idade, ele falou assim pra mim: “Eu queria que a sua avó estivesse viva.” Eu falei assim: “Mas ela esta viva, ela esta em algum lugar com certeza me ajudando, porque eu sempre senti ela próximo de mim, sempre me inspirando, me ajudando.” Minha avó era uma pessoa com uma consciência assim é intrigante, eu não sei como uma mulher... Ela morreu em 1998, com 96 anos de idade, esta questão racial, ela tinha consciência e ela era analfabeta, ela era analfabeta. Ela tinha uma consciência desta questão assim além do tempo dela. Então eu acho que a contribuição, o papel que eu posso fazer, não estou desperdiçando essa oportunidade, eu acho que é uma ação extremamente importante, gostaria que tivesse mais pessoas fazendo isso.

- E04-A: — Profissionalmente eu me sinto respeitado, mas, porém de outro lado você se sente na obrigação de primeiro se identificar pra depois ser respeitado. Pra quem não te conhece, você continua um negro, é rotulado por isso.
- E05-A: — Eu me sinto respeitada, o cargo que eu exerço na organização, é um cargo de status bom, é um cargo onde eu tenho acesso as pessoas, a minha equipe é uma equipe de pessoas todas de nível superior, em zootecnia, veterinária, agronomia, e eles me respeitam muito e utilizam muito do meu conhecimento pra dar andamento no trabalho deles.
- E06-A: — Olha eu sou respeitada.
- E07-A: — Eu me sinto respeitado e discriminado, respeitado porque aonde eu já cheguei e aonde eu pretendo chegar por causa eu tenho intenção de estudar mais ainda na onde eu já estou, e eu me sinto discriminado porque comumente são poucos no caso quanto mais vai afinando os estudos, menos negros eu encontro no meio disso daí, então eu me sinto discriminado, porque eu vejo cada vez menos negros, no caso fazendo mestrado, doutorado, entre outros no caso [inaudível], e também no sentido de é discriminado porque quando eu chego num setor, ou no lugar no caso, quanto mais [inaudível] o que acontece as pessoas não esperam um negro, eles não estão esperando, eles não querem no caso, vai chamar no caso pra realizar uma palestra, vai chamar no caso pra fazer uma entrevista, então comunicar por telefone, comunicar no caso por currículo, se não tem uma fonte pra te indicar, no começo você leva um choque, então você esta sendo discriminado. Então quando você se identifica, e você esta andando com o seu carro, e a pessoa no caso ela quase ela pega, se tem que fazer uma blitz, ela te executa com mais rigor, com mais energia, porque acha que aquele carro não é teu, tu és um traficante, tu és um ladrão, tu és um certo, nesta questão de poder, os caras acabam fazendo alguma coisa querendo investigar, achando que tu estava errado, que tu conseguiu aquilo ali por meio ilícito, então eu observo desta maneira.
- E08-A: — Hoje eu me sinto respeitado.
- E09-A: — A gente, nós... Eu encontro discriminação ainda, mesmo na área que eu estou, então não é porque eu sou professora que eu não vou ser discriminada, as pessoas olham pra mim e acham que eu sou empregada doméstica. Se eu vou lá na escola, eu vou trabalhar na escola eu sou empregada doméstica, então ainda tem essas coisas.
- E10-A: — Na posição que eu me encontro, hoje aqui no nosso serviço apesar, que no cartório a gente está num patamar que todo mundo é como se fosse uma vitrine, todo mundo está nos observando, tudo o que a gente faz, eu seria só da posição do trabalho, eu seria uma posição de destaque, mas a gente se sente respeitado. Mas a gente passa por momentos ruins aqui no serviço, já teve pessoas que me discriminaram diretamente no balcão, proferindo expressões discriminatórias, tanto diretamente quanto indiretamente.
- E11-A: — Há momentos que há discriminação, mas essa discriminação também na verdade é até um respeito, até uma inveja também, mas de uma maneira geral eu me sinto normal, não me importo, não fico preocupado. Quem tem que discriminar são as pessoas, eu não, eu faço a minha parte da melhor maneira possível, se você for negro, japonês, alemão, não me interessa. Eu chego

normalmente com a minha educação, e eu me imponho pela minha educação, pela minha presença.

- E12-A: — Me sinto respeitado. Não percebo nos ambientes que frequento, no meu entorno com relação a mim, qualquer hábito de discriminação. Agora nem por isso fico numa posição cômoda, porque essa minha insubordinação digamos assim, essa minha insurgência, quanto a discriminação, não é uma questão pessoal, é uma questão política. Política no meu sentido da palavra, política representa o interesse coletivo, então eu por ser um negro que ascendi uma condição melhor, uma condição de... confortável, um padrão de dignidade, então pode me tornar uma pessoa cômoda, conformada. Dizer não eu atingi os outros que façam o mesmo, há pessoa que fazem isso, eu não faço isso, eu sei o que é passar por dificuldades e, portanto, sem que queira me intitular herói, muito menos detentor de uma aura messiânica, eu acho que me sinto no dever de enquanto vida tiver, emprestar o melhor dos meus esforços na militância contra a discriminação, porque a discriminação é um desvalor, contra o qual nós temos que lutar.
- E13-A: — Sou respeitado sou feliz.
- E14-A: — Respeitado.
- E15-A: — Sim, muito respeitada.
- E16-A: — Eu sinto respeita pelos amigos e colegas e no trabalho e tudo.
- E17-A: — Respeitada e não procuro guardar mais magoas raiva e revolta de qualquer coisa que ocorreu.
- E18-A: — Discriminada por estar em uma profissão onde atuam a maioria homens.
- E19-A: — Sinto-me respeitada e às vezes discriminada, porque tenho uma ideologia diferenciada e na posição que ocupo me distanciei muito das pessoas e isso causa muita inveja, porque é histórico e cultural o afrodescendente ser pobre e eu fujo às regras.
- E20-A: — Ainda me sinto em cima do muro, por alguns me sinto respeitada, por alguns ainda me sinto discriminada.

Pesquisadora: — [Q27-A] Qual o seu sonho para o futuro do afrodescendentes daqui a dez anos?

- E01-A: — Que a igualdade seja realmente mais do que uma utopia, e que o negro enquanto raça ele realmente ocupe o seu lugar na sociedade, e que o estudo, a escola, o lazer, o trabalho sejam mais do que direitos contidos na carta constitucional, que seja realmente uma realidade, e que chegue até o negro e que nós possamos realmente ser cidadãos.
- E02-A: — Que não haja mais, por exemplo: igual agora as crianças negras já vê assim que elas estão sempre desmotivadas, que as pessoas veem elas assim como quem não querem nada, como quem não acredita no futuro. Eu espero que os negros estejam sempre assim nos cargos melhores, que esteja principalmente estudando, porque eu acho que o estudo é que vai levar todo mundo pra frente assim.
- E03-A: — Nós temos cada vez mais, nós ocuparmos os espaços, nós temos que ocupar a sociedade brasileira. Nós não podemos servir apenas pra construir a riqueza

deste país, e não ter direito a desfrutar desta riqueza na proporção que nós temos dentro da população. Nós somos quase 100% pra construir e nós somos 2, 3% pra usufruir. Isso que me indigna, eu não aceito isso, na verdade eu não aceito, e me incomoda. Não é porque hoje como deputado eu estou tendo condição de, por exemplo, apresentar um projeto de lei. Mas eu na minha vida, eu sempre nos espaços, na escola, no trabalho, na rua, na família, aonde quer que seja, eu sempre tive essa preocupação, e uma postura muito clara com relação a isso. Sempre busquei fazer uma ação, na minha vida particular que seja, fazer a minha parte, dentro da minha esfera de influência, pra que a gente possa mudar este quadro. Eu acho que eu pretendo continuar, eu tenho uma motivação muito grande pra continuar dando minha contribuição neste sentido. Me sinto com a minha consciência em paz.

- E04-A: — Vamos melhorar, não sei quando vamos melhorar, mas eu tenho visto que estamos desenvolvendo. Conseguimos através da própria família incentivar a área da educação, tanto os meus irmãos já trabalham com escola, e através desta escola esta dando oportunidade a todos os nossos descendentes.
- E05-A: — Seria enxergar assim como todo mundo, não ter essa separação, que hoje ainda existe muito esse negócio de ele é moreno, ele é branco ou ele é negro.
- E06-A: — Olha que tenha mais negros ocupando os cargos como eu tenho hoje, com assim mais, eu não diria evoluídos, com maiores oportunidades, em cargos de chefia, em cargos de direção, ou como juizes, promotores, procuradores, porque tem isso..., eu sou a única procuradora negra, e tem outro colega também, outro, mas então eu acho que deveriam ter, poderiam ter maior número de negros assim.
- E07-A: — Bom, na verdade que ele tenha, que nós no caso que a comunidade geral no caso tenha a mesma oportunidade que hoje a comunidade não negra tem, e de que maneira isto, isso é muito simples, nossa comunidade no caso, eu acho ela com muita hipocrisia, porque ela diz que gosta do negro, que se dá bem com o negro, mas ele não deixa, ele ou ela no caso não deixa o filho ou a filha casar com um negro. Então no caso ele acha bonitinho, mas bonitinho pra jogar futebol com o filho dele, ele acha bonitinho pra cozinhar pra ele, pra limpar a casa dele, ele diz que não, eu não discrimino nenhum negro, eu trato bem o negro, porque lá na minha casa a cozinheira é minha amiga. Mas ele não deixa no caso o filho daquela cozinheira negra casar com a filha dele. Então assim e outra coisa, na política quantos negros nós temos no poder, poder literalmente, então quantos negros já foram presidentes no Brasil, quantos negros tem no senado, na câmara dos deputados, quantos negros nós temos juizes, então isso no caso é na igualdade, isso realmente esta dividido em todas as fatias, quantos negros nós temos como reitores, professores universitários, no poder da secretaria de saúde, prefeitura, vereadores, então assim a nossa comunidade é muito grande, pra ter tantas pessoas no poder, eu creio que fosse assim, nem que tivesse só um negro no poder, eu creio que fosse dividido em cargos iguais. Então na direção de uma empresa, nas gerências, nas reitorias, no caso nas universidades, em todas as esferas que tivessem também negros de maneira semelhante como tem japoneses, italianos, alemães então isso no caso é meu sonho, e também no caso condições financeiras reais, sabe residências, transportes, moradia e assim na parte de saúde, tudo no caso que tivessem as condições básicas, mínimas, que tivesse de maneira por igual e isso no caso é meu sonho.

- E08-A: — Eu espero que o afrodescendente esteja mais incluído realmente na sociedade, que ele possa realmente perseverar e buscar esse lugar que ele com certeza têm condições de se encontrar.
- E09-A: — Espero que daqui dez anos esteja melhor que hoje, que a igualdade social sem essa discriminação, as pessoas olharem umas para as outras, a mesma visão assim, sem discriminação, mais respeito um com o outro.
- E10-A: — O meu sonho para o futuro daqui a dez anos é que pelo menos a nossa sociedade chegue próximo ao que aconteceu nos Estados Unidos, e outro também as ações afirmativas, lá deram bons resultados. Então se o nosso modelo alcançasse pelo menos o modelo americano, eu já estaria muito contente.
- E11-A: — Que ele tenha melhores condições, melhores estudos, que ele se imponha, que eles se respeitem, que ele se dê o respeito, que as pessoas respeitem ele, que eles sejam estudiosos, que as pessoas olhem nele e vê que eles são estudiosos, eles estão num lugar, vão chegar num lugar pela competência deles. As portas estão abertas, serão mais abertas ainda, só que ele tem que assumir o seu lugar.
- E12-A: — Falar em dez anos é muito otimismo da entrevistadora, eu não acredito que daqui há dez anos nós tenhamos superado a discriminação. Até vou fazer uma avaliação aqui, sincera, pode não ser a melhor, mas é sincera, eu penso que essa atitude discriminatória do ser humano, está introjetada na natureza do ser humano. Porque a discriminação nasce da necessidade de exercício de espaço, de exercício de poder, então eu preciso negar as qualidades do outro para que eu me afirme, me parece que isso infelizmente é da natureza humana. Então digamos, o branco racista nega ao negro sua condição de humanidade, a sua condição de adquirir padrões de dignidade idênticos, porque ele fazendo isso ele se sente mais poderoso, e torna o outro inferior. Isso vale para o homem com relação a mulher, vale com relação ao não deficiente com relação ao deficiente, vale com relação ao não índio com relação ao índio. Então eu acho que pensar em dez anos é ser muito otimista, oxalá nós tenhamos atingido padrões melhores, por exemplo no próprio ensino que eu me referi tantas vezes ao longo desta entrevista. Agora o meu sonho que me permita parodiar Luter King, que em seu ontológico discurso diante do memorial de Abraham Lincon, ele declarou que tinha um sonho de que chegaria um momento em que crianças negras e brancas seriam vistas como iguais, e as pessoas não se distinguiriam na sociedade americana e no mundo de modo geral pelo padrão da sua cor. Peço que o sonho de Luter King, no sentido pleno está longe de ser alcançado, mas as circunstâncias de Barak Obama estar hoje como provável presidente dos Estados Unidos, é fruto de toda militância sintetizada nesse sonho de Luter King que morreu assassinado por um racista, e é um dos mártires da luta contra a discriminação racial. Esse... a eleição de Barak Obama é um ato simbólico que concretiza essa esperança, não só de Luter King, mas de todos aqueles que lutam contra discriminação. Entrando na universidade, porque a maioria dos negros é de classe pobre, não tem condições de ter um cursinho, pra conseguir entrar nas melhores universidades, ou seja, na particular, e fica complicado para o negro, então eu concordo com as cotas.
- E13-A: — Que todos possam ter educação, ter uma moradia, que ele possa ser respeitado nessa sociedade, tenha saúde, e seja tratado com dignidade por todos em qualquer departamento público e seja respeitado independente da sua cor.
- E14-A: — Que deem a volta por cima.

- E15-A: — Eu espero que todos procurem uma posição melhor que estejam bem.
- E16-A: — Ter um sonho de ser sempre livre de qualquer preconceito.
- E17-A: — Não ter diferença de cor e raça.
- E18-A: — Que se liberte da discriminação em sua mente e na mente dos que não são afrodescendentes.
- E19-A: — Que ele possa competir em igualdade de condições com qualquer grupo social, em todos os setores de nossa sociedade. E que ele respeite e seja respeitado.
- E20-A: — Igualdade social e principalmente respeito.

PÓS BARACK OBAMA

Pesquisadora: — [Q01-P] Qual o curso superior que você conclui?

- E01-P: — Eu concluí Serviço Social e Direito e trabalhei nas duas profissões, muito mais em Serviço Social eu me considero muito mais como Assistente Social do que Advogada eu me encontro mais como Assistente Social.
- E02-P: — É Comunicação Social e Jornalismo.
- E03-P: — Primeiro em 88 o Curso de Filosofia na antiga FUCMAT e atualmente... Universidade Católica de Mato Grosso do Sul... depois em 2006 o Curso de Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no final de... 2008 o Curso de Pós-Graduação em Administração.
- E04-P: — Eu sou graduada em Administração de Empresa.
- E05-P: — Administração com especialização em Administração Hospitalar e Direito.
- E06-P: — Letras.
- E07-P: — Artes plásticas.
- E08-P: — Conclui a primeira faculdade, Graduação de Professores na Universidade Católica Dom Bosco, comecei a segunda faculdade na Universidade Federal no curso de Matemática e conclui na Uniderp e sou Pós-graduado em Matemática pela Universidade de Cuiabá.
- E09-P: — Matemática.
- E10-P: — História.
- E11-P: — Hotelaria.
- E12-P: — Publicidade Propaganda.
- E13-P: — Direito.
- E14-P: — Enfermagem.

Pesquisadora: — [Q02-P] Qual a importância de cursar a educação superior?

- E01-P: — Olha como criança negra eu fui uma criança discriminada aos nove anos na... de idade na escola todo mundo me chamava de macaca chita porque o filme de Tarzan estava em alta e a escola inteira me chamava de macaca chita isso para mim foi um tormento e só não abandonei a escola como a maioria das crianças negras como elas fazem, porque meu avô por parte da minha mãe, já tinha uma consciência crítica e ele me fez ver que eu não era macaca chita e que eu me chamava [inaudível] e que eu não tinha que dar atenção as... gozações. Porque na escola era assim, do faxineiro até a Diretora da escola tudo me chamavam de chita. E só agora muitos anos mais tarde, depois dos meus 50 anos, vou fazer 71 semana que vem e depois dos meus 50 anos eu dei conta que naquela época eu já incomodava, porque eu tinha uma voz bonita e não era nem possante, mas um vozeirão que enchia uma sala e em festa eu sempre participava, estava cantando estava dançando. Quando estava fazendo monólogos e isso incomodava as outras crianças e alguns professores que não aceitavam que negro, uma criança negra fizesse isso, mas eu só me dei conta disso agora, porque naquela época a gente não discutia isso, não discutia esses valores, então a importância de se fazer o curso superior, é que você não fica rico fazendo o curso superior, mas você passa a ser mais respeitada.
- E02-P: — No meu modo de ver além de ampliar os conhecimentos, se bem que conhecimentos teóricos é os traz maiores oportunidades para ocupar espaço no mercado de trabalho.
- E03-P: — Ah, para mim foi muito importante, para conhecimento na minha área, que hoje já estou como Jornalista, no Curso no caso de Filosofia também abriu caminho pra minha área, até meu raciocínio lógico, meu desempenho, na área que hoje estou atuando na área do Jornalismo e a Pós-Graduação em Administração até pelo serviço que eu presto também no Estado do Mato Grosso do Sul em Administração Pública.
- E04-P: — É fundamental para o conhecimento, para o currículo, para a vida pessoal, profissional, enfim, abre portas para todas as áreas.
- E05-P: — No meu caso foi fundamental porque eu nas duas áreas que eu me graduei, coincidiu de exercer a profissão que eu havia me graduado; tanto na Administração e Direito.
- E06-P: — É um crescimento pessoal eu tinha que ter um nível superior a vida toda morei na fazenda, por acreditar só com nível superior que você alcançaria no mercado de trabalho um melhor rendimento.
- E07-P: — Tanto melhorar a questão financeira dar alegria aos meus pais e uma realização mesmo.
- E08-P: — Pra mim foi um desafio, eu não gostava de estudar, foi um desafio muito grande com a minha família porque éramos três filhos e depois com determinado tempo minha mãe teve mais três filho, mas com a década de dez anos minha mãe começou tudo de novo, meu pai sempre brigava comigo no sentido que eu tinha que estudar eu não gostava de estudar eu queria jogar bola queria ser jogador e em casa tinha dois irmão que já estava na universidade um fazia Ciências Contábil e outro fazia Serviço Social e eu fazendo isto daí e passei agraciado na Graduação de Professores, mas no intuito pra passar a Ciências Contábil, ai me apaixonei pelo curso e fui ficando e ficando e ai eu tive a oportunidade de

terminar essa Faculdade onde eu fui crescendo, dos dois irmãos que falei anteriormente eu fui o primeiro de casa a terminar o curso superior.

E09-P: — Ascensão pessoal e financeira.

E10-P: — Foi um sonho uma realização profissional mesmo.

E11-P: — É importante porque dá mais chance, você consegue se destacar um pouco mais.

E12-P: — Interessante que na mesma função trabalhando tantos anos no poder judiciário a mudança foi imensa, de ter segurança, de confiança pessoal, confiança da minha pessoa, conhecimento com outras pessoas, passar de relacionamento, perceptiva de vida também, além da formação profissional as mudanças são imensas tanto no nível de amizade, da minha valorização pessoal e todos esses fatores importantes eu não vejo só a qualificação, a própria formação mesmo como Publicitária não na perceptiva de ganho financeiro mais o que me permitiu crescer como pessoa, mais de mil por cento.

E13-P: — É a melhor maneira de ascensão social.

E14-P: — Ter uma profissão, qualificação no mercado de trabalho e realização pessoal.

Pesquisadora: — [Q03-P] Quais as dificuldades encontradas na trajetória do curso superior?

E01-P: — O primeiro curso eu fiz em Goiânia, eu ganhei uma bolsa passei por uma seleção aqui e ganhei uma bolsa, fui para Goiânia fiz vestibular e passei eu nem sabia o que era vestibular que eu vim de uma família muito pobre e, mas eu fiquei lá só a metade do ano porque era muito chique e eles queriam exigir de mim que eu respondesse dentro daquele padrão de sociedade e chiqueza que eu não tinha eu morava numa casa de tábuas que era tão baixinha que quando eu ia entrar na porta tinha que me abaixar e meu pai e meu irmão todo mundo se abaixava e só mamãe que era um pouco menor que passava direto então dá para você ver que eu tive em junho no pensionato que eu fiquei que era o mais chique de Goiânia eu tive colega que não tinha repetido roupa e eu só tinha duas e que não combinava nada, hoje eu sei que não combinava, naquela época eu não tinha noção disso, porque era uma saia listrada com uma blusa xadrez que uma coisa com a outra não batia de jeito nenhum mas era roupa... que eu ganhei dos amigos quando eu passei no vestibular e ia mudar para Goiânia. E eu ia feliz da vida, eu não sabia que estavam rindo porque minha roupa não combinava, eu só fui descobrir mais tarde essas coisas, mas também me fez verificar e acentuar, mas as pessoas falam que você é inteligente, mas talvez fosse um pouco, mas eu era estudiosa.

E02-P: — Todas, venho de família humilde, é... decidi por Comunicação durante... Comunicação, na realidade até porque me frustrei em outra área, na realidade, eu pretendi fazer Medicina, me frustrei por algumas razões, e terminei fazendo Comunicação sendo uma segunda opção. Como nos Cursos de Comunicação aqui, aqui no Estado são muito concorridos e não conseguindo vaga em Universidade Pública, a gente tentou fazer uma Universidade Particular e aí a dificuldade para a gente se manter...

- E03-P: — Bom, as dificuldades... principais na época da minha formação na UCDB era o recurso financeiro, porque uma faculdade particular e devido o meu ganho que era pouco então eu tive essas dificuldades para conclusão do curso, devido a falta de recurso, mas consegui concluí o curso com bolsa, pois fazia parte até da... pois eu tinha meia bolsa porque fazia parte do coral da FUCMAT, e no Curso de Jornalismo algumas... orçamentos assim eu fazia... entre os colegas, mas isso foi superado.
- E04-P: — Muitas dificuldades a gente tem de superar, além dos nossos limites... quanto a questão econômica que pega, é a questão de estrutura comprar material, a gente precisa de bolsa, a gente precisa de li..., a gente precisa de apoio, principalmente na ordem material, porque a gente tem que está instrumentalizado, tem que ter livros, tem que ter material, tem que tá estudando, temo que está acompanhando, temo que tá atualizando, então essa parte é muito complicado, muito difícil.
- E05-P: — É trabalhar muito assim, bom, Administração eu tive que recorrer ao crédito educativo, em Direito eu não tive nenhum tipo, porque eu já tinha, eu já era profissional eu já ganhava o suficiente, mas em Direito tive que recorrer ao crédito educativo.
- E06-P: — Muitas inúmeras, quem estuda na zona rural não tem como comparar com quem estuda na zona urbana a falta de muitas matéria como arte que da um bom desempenho, em outras áreas como química, física, biologia, eu vim com o básico dos básicos para cidade foi uma as maiores dificuldades eu só fiz Letras porque eu não consegui passar em medicina veterinária por conta da biologia e da química.
- E07-P: — A própria discriminação, a falta do dinheiro porque agente na verdade é que desembolsa pra poder estudar se agente quer ser alguma coisa de melhor agente tem que desembolsar mesmo. [Com quantos anos você terminou a educação superior?] Vinte e um anos.
- E08-P: — Olha foram muitas foram vários momentos que pensamos em desistência de querer lagar tudo porque tinha que levantar cinco horas da manhã, pegar o ônibus, sou de uma família simples mais foi a persistência aquele desejo de realmente querer vencer.
- E09-P: — Conciliar trabalho e estudo.
- E10-P: — Na época foi à cor, questão racial mesmo.
- E11-P: — Muita dificuldade.
- E12-P: — Eu tive muitas dificuldades, como: o trabalho, idade, financeiro, o físico porque fiquei doente, o familiar porque influenciou muito as filhas que foram embora e nessa época me senti sozinha e estudando direto e elas ficaram desfalcadas da minha presença simplesmente uma foi embora para São Paulo e a outra casou-se eu não acompanhei esse processo então essas coisas ocorreram na época da minha formação.
- E13-P: — Tinha que estudar e trabalhar ao mesmo tempo.
- E14-P: — Nenhuma.

Pesquisadora: — [Q04-P] Você recebeu algum apoio financeiro para efetivar este curso?

E01-P: — E ganhei bolsa, eu ganhei bolsa do SESC primeiro e aí eu vim embora, porque eu não podia vir embora em junho, mas eu vim embora porque não podia vir, mas eu vim, mas aí veio gente do Rio, veio técnico do Rio para saber porque eu não voltei eu tinha dito que mamãe estava doente, mamãe era muito doente e parece que Deus abençoou eu não voltar para lá naquela época e havia chegado num dia que mamãe estava em crise e estava muito mal e a técnica falou assim, nossa não tem condição dela sair de casa e deixar a mãe daquele jeito primeiro ela se assombrou com o padrão da casa e depois a mamãe que estava lá, não mexia e nem nada hoje a gente fala que é convulsão, antigamente dava acesso [ataque] cada vez que a mamãe tem uma crise ela ficava muitos dias deitada passando mal, mas eu não fiquei porque eu não me adaptei ao padrão que o SESC queria para mim, tinha um questionário com uma folha como essa que a senhora me trouxe, frente e verso eu me lembro que as perguntas, algumas perguntas né era um pensionato de freira e que o questionário era do pensionato: pode ir ao cinema, sim com minha ordem por escrito e a ordem por escrito era o Diretor Regional do SESC que não era uma pessoa que eu tinha acesso livre, pode dormir fora, sim com a minha ordem por escrito, tudo que era para fazer, tinha que ter a ordem dele por escrito, resultado eu não podia fazer nada, porque as outras duas meninas de Cuiabá, porque aqui em Campo Grande só eu que passei, porque em Cuiabá passaram duas aliás, aqui em Campo Grande passaram duas e em Cuiabá passaram duas mas uma aqui... o pai dela era da alta sociedade ela nem ficou em pensionato ela foi direto para casa de amigos; a outra ficou em pensionato um pouco mas depois deixou porque o pai dela era um mestre da maçonaria lá em Cuiabá então com isso aí ela já tinha assim todo um respeito maior e a única plebéia era eu né e então tudo quanto é coisa descarregava em cima de mim, tudo quanto é coisa, sim com minha ordem por escrito... olha era terrível.

E02-P: — Na época que eu fiz me preparei pra... exercer a profissão não existia nenhuma entidade que pudesse oferecer incentivo.

E03-P: — A Pós-graduação assim foi tudo financiado pelo Governo do Estado, que a ideia era preparar profissionais e servidores públicos para estar atuando na Gestão Pública do Governo do Estado. Esse foi o curso, foi todo financiado a Pós-graduação pelo Governo Estadual.

E04-P: — Sim eu recebi, eu recebi apoio até porque eu peguei numa época que tinha aquele financiamento que eu esqueci o nome, mas tinha um financiamento da... da Caixa Econômica. Existia um financiamento que eu fiz uma faculdade particular, então eu não tinha condição, então eu tinha que fazer por esse, financiamento. Ajudou muito, ajuda muito.

E05-P: — Eu estando casado eu não tinha como fazer, na primeira vez que eu fiz vestibular... eu não consegui fazer, mas foi só momentânea as dificuldades financeira. [crédito educativo].

E06-P: — Não ao contrario eu tive que desembolsar.

E07-P: — Não.

E08-P: — No ensino médio eu tive a oportunidade de ser agraciado por mim mesmo, tenho uma escola boa porque, agente por ser negro já era aquela discriminação

talvez muito maior então nos conseguirmos mas foi esforço meu, porque eu na oitava serie fui o terceiro melhor aluno e o Dom Bosco premiava aqueles alunos que fossem os melhores e fui contemplado no primeiro e segundo ano estudando gratuitamente mais mérito meu mesmo.

E09-P: — Não.

E10-P: — Sim.

E11-P: — Sempre estudei em escola publica meu curso técnico na faculdade, mais quem pagou foi eu trabalhando.

E12-P: — Meus estudos quem pagava era eu mesmo.

E13-P: — Sim.

E14-P: — Somente dos pais e descontos da universidade devido a ter boas notas.

Pesquisadora: — [Q05-P] Qual a ocupação e escolaridade de seus pais?

E01-P: — Mamãe do lar, mas ficou cega menina e papai trabalhador rural era analfabeto e meu avô que... escrevia um pouco, mas ele veio do Ceará ele tinha assim a cabeça um pouco mais aberta. Vovô lia e escrevia eu acredito que ele não teria passado do terceiro ano e meu pai nem isso.

E02-P: — Minha mãe doméstica era praticamente analfabeta e meu pai trabalhador rural era alfabetizado, mas autodidata.

E03-P: — Pai trabalhador rural, mãe doméstica a escolaridade de meus pais é a escolaridade é... basicamente assim né Primeiro Grau hoje o ensino fundamental, então hoje o conhecimento assim pra na área mesmo... pouca, devido às condições financeiras e também pela situação mesmo econômica nossa que era baixa.

E04-P: — Meus pais funcionários públicos, graças a Deus eu posso dizer que eu venho de uma família que tem o espírito da educação, todos são graduados, e meu pai desde pequeno ele fomentou muito e colocava muito na nossa cabeça, desde pequenininho ele nos educou, para estudar, estudar e estudar; e ser alguém na vida, pra superar todo e qualquer tropeço, todo e qualquer impedimento que possa a vir; então que a gente só vai vencer através dos estudos. Porque pode levar nossas coisas materiais, pode levar nossos bens, mas o conhecimento, o que a gente adquiriu o que vai para a parte intelectual, isso aí ninguém pode tira.

E05-P: — Minha mãe do lar, meu pai curso técnico de Contabilidade e também curso técnico para Estrangeiro, ele era Professor da Cultura Inglesa, era Professor em Literatura Inglesa e fez técnico em Contabilidade. Praticamente o Segundo Grau, minha mãe era completamente analfabeta.

E06-P: — Pai trabalhador rural e mãe do lar, quarto ano os dois.

E07-P: — Pai motorista e mãe do lar, pai tem o fundamental completo e outro médio.

E08-P: — Minha mãe era do lar, de uma família muito simples, porém ela estudou até o quarto ano, em dois mil e cinco eu tive a graça, da minha mãe terminar o ensino

médio com sessenta e cinco anos, o meu pai carpinteiro tem só o ginásio que seria o técnico simplifica mente.

- E09-P: — Meus pais são alfabetizados, pai trabalhador rural, mãe doméstica.
E10-P: — Funcionário público pai e mãe professora.
E11-P: — Minha mãe empregada doméstica e completou agora faz pouco tempo o ensino médio e o meu pai braçal e fez o ensino médio.
E12-P: — Pai pedreiro, mãe domestica e ambos analfabetos.
E13-P: — Ambos, funcionários públicos e com superior completo.
E14-P: — Pais funcionários públicos e segundo grau completo os dois.

Pesquisadora: — [Q06-P] Qual foi sua primeira ocupação e como você ingressou no cargo ou na função que ocupa atualmente?

- E01-P: — Aqui foi um convite do Governador, é Coordenadora Especial de Políticas para Promoção da Igualdade Racial... ouve muito pedido mais a coisa eu sou do PMDB desde que o partido foi criado e aí o Governador me convidou e eu aceitei e estou aqui. Já estou aposentada, mas... valeria a pena é a gente colocar para o seu trabalho eu trabalhei na Camargo Correa lá na Ilha Solteira eu era Assistente Social da Camargo Correa e foi um aprendizado. Dizem que a cadeia é a universidade do crime... a barragem é a universidade do povo, porque você muda seus conceitos, passa a ver as pessoas de outra dimensão, você passa a sentir mais o valor do seu trabalho. E eu fiquei lá quase quatro anos e valeu a pena. Porque, primeiro que lá é assim: nível 1, 2, 3, 4, 5 e 6 e na Camargo Correa mulher só chegava ao nível 5 porque achavam que mulher não podia ser nível 6, porque nível 6 é só para homem é só machoxo né! Já na CESP tinha mulher nível 6. A Assistente Social da CESP era nível 6 e eu era 5 porque eu era da Camargo Correa, apesar de ganhar mais...o que a gente tinha é funcionário do Brasil inteiro trabalhando, tinha gente que era barrakeira que já acompanhou a Camargo não sei quantas barragens e ia, ia... porque você já entrava ganhando 52 horas ao invés de ganhar as 44 a gente já entrava com 52, porque a gente tinha 2 horas extras, já sagrada, todo dia você tinha que trabalhar essas 2 horas extras e cada hora extra que você trabalhava mais você ganhava mais, já o pessoal já começava, melhorava o padrão de vida. Mas tinha muito problema de família, então eu comecei a ter uma outra visão da mulher, do homem porque às vezes a gente quer chegar quanto técnica, enquanto mais novo criticando aí não,... o homem a mulher aquela circunstâncias, até o homem que pegava e traia a mulher então a gente ia atrás e eu sempre ia a favor da mulher sempre brigando pela mulher. A primeira vez que uma mulher deu uma surra num homem foi um escândalo né, aí me chamaram de madrugada e eu cheguei lá e disse oba, até que em fim alguém... eu bati palma e ficaram todos me olhando até que enfim só vocês que podem bater em mulher e elas nunca podem, é para vocês verem que nós também podemos e é a mulher que tem que saber que ela tem esse papel e essa função e tem que ser respeitada e se o homem não respeita ela tem que se fazer respeitar. Agora a gente passou 6 meses sem ter nem uma briga de casal. Cada vez que o homem ia brigar ele lembrava né que podia apanhar e a que bateu era magrinha, pequenininha, mas ela disse um dia eu pego ele, mais eu disse se

prepara antes, eu disse, não vai pegar assim que você vai apanha. Então essa coisa eu comecei a ver as pessoas de modo diferente, a ver aqueles homens machões e um ficou muito marcado que ele conversou comigo numa semana e eu falando para ele, não o senhor tem que fazer sua mulher participar imagina que ela não comprava nem calcinha nem soutien tudo ele que comprava, porque mulher dele era para ficar dentro de casa e só saia se fosse com ele e segurando no braço dele e ele conversou comigo mais ou menos numa terça-feira ou quarta e na sexta-feira à noite eu viajei vim para Campo Grande, quando eu volto no domingo de madrugada ele tinha morrido no sábado lá na... num acidente lá na barragem e me marcou, algumas coisas marcam né e me marcou porque eu tinha conversado com ele, eu já tinha conversado algumas vezes, mas aquela vez eu havia dado o ultimato. O senhor tem que ensinar sua mulher, e se o senhor morre como é que fica, como que ela vai fazer e aí eu... na outra semana o homem tá morto e eu fiquei muito assim abalada e aí eu tive que ensinar para ela comprachinelo, sapato, calcinha, soutien, arroz e feijão. Tinha uma filharada que eu nem me lembro quanto era e aí eu tive... ligar para São Paulo e pedir para a Nutricionista mandar uma tabela para mim, para eu calcular quanto de arroz e feijão que se comprava, porque a cooperativa ficava aberta até ela receber o seguro. Aí teve um outro senhor também que ele foi fazer o trabalho e caiu e não foi de um lugar alto e caiu e quebrou a coluna bem no pescoço e ficou paraplégico e esse homem as pessoas iam lá e uns querendo, a vou lá porque coitadinho não, você chegava e ele dava para você uma lição de autoastral que você saia de lá revigorada. Então tinha assim umas coisas, o respeito que a gente conseguiu ter com os homens que a primeira vez que um me peitou e... era muito homem, 10.210 empregados... comigo e a gente tinha que fazer respeitar, a primeira vez que um me peitou, eu havia dito que os filhos dele estavam mal encaminhados e falou que eu nunca tinha parido e eu não sabia o que era educa filho. Eu falei Senhor me ajuda e aí a resposta veio na hora, interessante o Dr. Rubens que eu saiba é homem né e eu nunca vi nenhum desvio de conduta dele e ele é... vocês dizem que ele é o melhor parteiro daqui e ele é também nunca pariu, como ele é um bom parteiro, mas ele estudou para isso, ah eu não estudei para isso não. Então só ele que estudou, então o senhor tem que perceber que eu estudei para orientá-lo na educação de seus filhos. Então a gente passava por esses caminhos, foi uma escola valiosa, esses anos que eu passei valeram a pena. Depois eu voltei para cá né, fui trabalhar na Planoeste que era Cooperativa Habitacional com o plano antes de mora né, na hora... que você vai mora e depois de morar então tinha o estágio com o pessoal e eu já lecionava no curso de Assistência Social e então assim... foi muito bom. Agora tem uma coisa que eu tenho, eu gosto muito de ler e leio de tudo. Eu costumo dizer que eu leio de pornografia a ciência.

E02-P: — Bom eu desde que trabalho... Jornalista desde que venho trabalhando no Governo do Estado eu venho praticamente trabalhando todas as Administração que já passaram pelo Estado apesar de entrado e saído é eu trabalho num cargo de Jornalista sendo comissionado ou seja, trabalho a convite do administrador.

E03-P: — Primeiro Jornalista eu ingressei através de concurso, concurso do Estado, eu sou concursada Jornalista no Estado e nos cursos da faculdade, através de vestibular.

- E04-P: — Olha eu tentei na faculdade pública, eu tentei, eu gostaria de fazer Psicologia, como não tinha, eu tentei no Dom Bosco não consegui, tentei também na Universidade Federal, aí como a gente tem que trabalha e estuda tem que manter e ajuda na família, a gente fica o dia inteiro, vai a noite para a escola, quer dizer que estuda quando, o espírito de superação ele é além do que a gente imagina, a gente chega a noite na escola, fazer cursinho a gente tem que superar, e aí eu não consegui entra na escola pública e eu fui para a particular. Porque eu tinha um sonho, eu tinha uma meta, era entra na faculdade e conclui, terminei, eu fui CDF de escola que não tinha essa, eu nunca soube o que é reprova. Então isso era muito maior que os cinco sentidos. [Então como você entrou no cargo ou na função que ocupa?] Não eu não desempenhei... especificamente na função, eu era da época que eu trabalhava na EMPAER – Auxiliar Administrativo, também tive a oportunidade de ingressar no Estado, e eu entrei onde eu mais pude pegar experiência e também aplica na minha área, foi quando eu trabalhei no planejamento e trabalhei nos Recursos Humanos.
- E05-P: — Trabalhei como Administradora Hospitalar e agora ingressei como Delegada de Polícia por concurso público.
- E06-P: — Primeira empregada doméstica e agora Professora passei em Concurso público.
- E07-P: — Fui doméstica e agora sou Coordenadora de Escola fiz Concurso público.
- E08-P: — Através de concurso público sou Diretor de Escola, mas primeiro fui Professor.
- E09-P: — Fui Professor e depois fiz concurso público.
- E10-P: — Sempre fui Artista Plástico Pelo edital.
- E11-P: — Sempre tive dentro da área Agente de Turismo eu fiz o meu curso e o estagio na área, companhias aéreas e também trabalhei numa agência em São Paulo, estou aqui em Campo Grande faz três anos e consegui ingressar aqui.
- E12-P: — Primeiro Serviços Gerais e agora por concurso, eu já fiz três concursos de Oficial de Justiça.
- E13-P: — Fui Auxiliar de Escritório e hoje Sub-Chefe contratado.
- E14-P: — Fui e sou Enfermeira e através de seleção pública e análise curricular.

Pesquisadora: — [Q07-P] Quais as diferenças econômicas e financeiras em relação a você e seus pais quando seus pais tinham a sua idade hoje?

E01-P: — Ah! Quanto aos meus pais, na minha idade hoje por exemplo eu já... quando meus pais tinham essa idade eu já ganhava para ajudá-los né, eu vou fazer 71 a semana que vem, mas os meus pais foram crianças sem nada para você ter uma ideia, eu fiz escola primária com os meus pés no chão né, era o padrão que a gente tinha em casa e a gente não podia... achar ruim e nem nada, porque todo mundo não tinha. E a minha sorte era que a minha avó era benzedeira, nega veia benzedeira, raizeira, eu aprendi a conhecer muitas raízes e... aí a gente ganhava muita roupa usada e essas roupas usadas salvavam a pátria. Eu aprendi a costurar em cima de roupa usada, a gente tinha uma máquina de costura que vocês são mais jovem não deve ter conhecido, máquina de mão né, e aquela maquininha era

ótima ela só funcionava comigo e minha avó. Qualquer outra pessoa, ah! Empresta, a minha avó emprestava e ela não funcionava.

- E02-P: — São incalculáveis, e meu pai sempre foi trabalhador braçal desde criança, minha mãe vindo de família também humilde inclui não de família daqui no Estado e a gente veio do Piauí e passou por inúmeras dificuldades e até porque, quando meu pai tinha a minha idade, a região que ele morava, não existia praticamente oferta de trabalho.
- E03-P: — Ah, muito diferente, muito grande as diferenças primeiro porque meus pais veio da área rural né, então eles não tinham assim os recursos mesmo eram pouquíssimos né era só através mesmo do trabalho braçal principalmente meu pai, e hoje, a minha diferença hoje é por causa até eu ter conseguido é... por eu ter conseguido... cursar a faculdade então melhorou bastante pra mim e até isso proporcionou eu estar podendo ajudar minha família hoje.
- E04-P: — Olha as diferenças... eu sou de uma família pobre e nós esperamos através do trabalho e da boa vontade tudo, mas a minha mãe tinha o Fundamental incompleto, mas tinha muito sabedoria, por quê? Porque o povo antigo eles tinha... tinha grande... diferencial, eles liam muito, lia jornal, lia enciclopédia..., revista... eram livros, eles pegavam livros, lia demais, tinha conhecimento, sabedoria, então conhecimento não é só banco de escola, né, você tem que pega, você tem que lê, discuti, conversa com as pessoas, isso é conhecimento. É ter a sabedoria em prática, então aí... incentivavam muito, então meus avôs incentivavam seus filhos, e eu venho de uma família, com essa vertente.
- E05-P: — Meu pai era melhor que eu, bom meu pai era Gerente do Banco do Brasil... ele faleceu antes da minha idade atual, mas quando ele faleceu, ele já era Gerente do Banco do Brasil. Ele entrou no Banco do Brasil com 25 anos e morreu com 74, ele exercia esse cargo, na época não tinha o Banco Central, o Banco do Brasil tinha status muito bom e nós tínhamos um nível classe média alta em São Paulo.
- E06-P: — Bem quando meus pais tinham a minha idade hoje havia grande diferença financeira porque mamãe nunca teve um emprego como eu tenho ainda o papai teve a sorte de ter um gado, ele nasceu em berço de ouro e depois ele optou a trabalhar no campo mais mesmo assim a diferença é muito grande em relação com a minha idade, era bastante grande.
- E07-P: — E uma diferença grande porque eles mal completaram o ensino superior eles dependiam de salário e dos pais e eu não.
- E08-P: — Meu pai era de trinta e sete então nem tenho uma noção porque eu nem estava no protótipo mais eu acho que era muito mais difícil naquela época tanto para meus pais, meu pai é Corumbaense de uma família de quatorze irmão e minha mãe era oito irmãos então era muito mais difícil a vida naquela época muito mais difícil hoje não na década, vou pensar assim eu sou da década de 1970, então lógico houve uns contra tempo também tivemos momentos difíceis, mas eu vejo hoje nessa nova geração tudo mais fácil, mas cada família consegue assimilar tudo aquilo que necessita.
- E09-P: — Era muito grande.
- E10-P: — Eu não posso nem dizer era bem diferente não tem como analisar na época era sofrido.

E11-P: — As diferenças eram muitas, porque eles não tiveram oportunidade e não tinha incentivo dos pais nem da família.

E12-P: — A necessidade de aprender a utilizar o dinheiro, pelo costume, pela continuidade que a minha mãe chegou até certo ponto a parti dali eu aprendi mais nesse sentido pela convivência e pela capacidade de assimilação, apesar de ter o mesmo nível financeiro eu aprendi mais e então como decorrência disso eu utilizo pouco melhor a situação financeira, o dinheiro do que ela não vou dizer que é cem por cento não.

E13-P: — Eu tenho 29 anos e meus pais na minha idade tinham uma vida muito difícil, pois ambos eram servidores públicos e o salário atrasava com frequência. Passavam até fome.

E14-P: — Tiveram muita dificuldade, lembrando que na época a situação financeira da família era precária, não tinha acesso a boas escolas, bons cursos e não havia motivação para o estudo superior.

Pesquisadora: — [Q08-P] Você já sofreu alguma discriminação? Como foi e como você reagiu?

E01-P: — Eu comecei dizendo que eu com nove anos a escola inteira me chamavam de macaca chita; e eu reagia com pedra e eu era boa de briga e nunca consegui jogar pedra assim, eu jogava assim, mas se você tivesse lá na sala do Governador lá do outro lado e eu marcava em sua testa, podia ter certeza que a pedra ia lá, macaca burra arrebentava até os dentes. Aí foi o vovô que me fez ver que eu chamava R. a e não chita e um dia ele, nosso sofá, era assim, tinha aquelas latas de querosene falavam que era de 20 litros e hoje eu sei que eram de 18... mas eu sei que eram de 20, então punham uma lata aqui e outra aqui e uma tábua e a gente sentava e isso era o sofá da gente. O vovô sentou e me, pois sentada ali e me pois a minha cabeça no colo dele e disse assim: olha minha filha, você chama chita? E eu disse assim o vovô está ficando lelé, aí eu falei não vovô, eu chamo R., aí... então quando alguém chama chita, não é você... isso aí fez com que a partir do outro dia, muita vontade de brigar, mas também eu era obediente, eu deixei de brigar e eles deixaram de me chamar de chita. O vovô falou, se você briga, vai ficar chita a vida inteira. E falando, e contando esse fato num dia num dos seminários da ACP, no Sindicato dos Professores daqui de Campo Grande, e a L. ela pegou e disse assim, foi a primeira ação rebatida que ela ouvia falar que isso aí é uma ação afirmativa, mas naquela época ninguém tinha noção de que isso fosse ação afirmativa. Então hoje eu sei que os que sobreviveram mais... eu tentei fazer o possível de dar para eles uma velhice um pouco mais tranquila de ter condições de poder comprar remédio de poder não entrar num hospital como indigente de... dar um pouco de respeitabilidade para a família né. E hoje eu agradeço muito a Deus o lugar em que eu estou e dizer assim que... tem um mundo de negro e que o negro não aprendeu essa coisa que se chama respeito um pelo outro, quando alguém tá um pouco mais acima o outro ao invés de ajudar você, porque você ajudando está fortalecendo ele e tá podendo ajudá-lo também eles querem puxar o tapete da gente. Aí eu entrego tudo na mão de Deus. Eu digo: Senhor foi você que me deu, me dê forças prá... suporta. Mas cheguei aqui,

tinha um mundo de gente pedindo o cargo, eu era a única que não havia pedido nada e fui surpreendida com o convite do Governador. E aí o pessoal pensa que eu ganho cinco, e tem gente que pensa que eu ganho dez mil, é nada...

- E02-P: — Olha... discriminação em relação a mim, que ocorreram foram veladas, a gente eu nunca sofri, até pelo fato de trabalhar em imprensa a muito tempo, quando os órgãos de Comunicação em Campo Grande ainda eram poucos e eram os profissionais eram bastante respeitados e eu nunca sofri assim abertamente nenhuma discriminação. Agora que a gente sentiu e notou algumas... reações de pessoas que não nos aceitavam exercendo o trabalho que a gente exercia, mais nunca teve e precisou demonstrar reação não.
- E03-P: — Sim, discriminação acho que todos nós que é negro a gente sofre, não é aquela discriminação é... direta, mas é velada, a maioria de nós negro sofre não só eu mas a gente sofre algum tipo de discriminação, mas as grandes discriminação que hoje eu percebo é a igualdade salarial. A gente vê que há uma discrepância muito grande com relação a o salário.
- E04-P: — Olha hoje eu faço essa leitura como discriminação, mas quando eu estava na empresa que citei a EMPAER, eu brigava muito porque eu já tenho esse instinto de guerreira mesmo, então eu ia lá eu requisitava, eu queria ser enquadrada no nível superior. Aí tinha um monte de porém, ah não porque tem que fazer seleção interna, ah não tem não sei o que, ah não esse cargo não foi... não tem ainda, só tem um cargo, então tinha sempre, um monte de obstáculo; mas quando a gente está fora da militância a gente não tem essa leitura, então quando a gente começa pratica e exercita aí que a gente vai ver como é essa sutileza do racismo que perpetua até hoje.
- E05-P: — Na verdade eu só tomei conhecimento das discriminações que eu sofri, quando eu fui para o Conselho de... Público, até aí, eu não tinha assim, prestado muita atenção, mas lá são relatados vários casos, eu comecei a verifica que alguns casos que eu não tomava nenhum conhecimento, eram na verdade discriminação. Então uma que eu lembro muito bem, foi quando eu... para o ginásio na época, nós fomos no Colégio Auxiliadora em São Paulo, minha amiga que era loira, ela falou: “vamos para o Auxiliadora né”, ela gostava do Auxiliadora em São Paulo, eu disse: “então tá”, ela fez a matrícula e meu pai foi de tarde... não, meu pai foi um dia antes eles disseram que não havia mais matrícula e aí ela foi no dia seguinte e fez a matrícula. Então você vai estudar no Auxiliadora? Eu disse não, papai foi lá e disseram que não tinha mais matrícula então eu vou para o... e ela falou que tinha, meu pai foi lá no Auxiliadora e entrou com uma ação, né. Mas eu na época eu sempre fui muito orgulhosa, eu desde os meus 12 e 13 anos, eu disse eu não vou pra lá. Eu para o... mas não fui pra lá. Mas foi uma discriminação com certeza. E também minha filha, no Objetivo, eu tive um fato de minha filha uma filha ser mais clara e outra mais escura, como o... e a... ser bem clara, então começou... os mais negros e os mais brancos. Quando... no objetivo, as crianças falavam pra minha filha: porque a sua irmã é neguinha e você não é? E eu tive que ir ao colégio, tomar uma... pedir que eles tomassem uma providências... não quis ir mas a escola, também ela reclamava que a Professora passava a mão na cabeça das outras meninas e não passava a mão na cabeça dela. E ela achava que é porque ela era negrinha. Isso teve que ir num Psicólogo... pelo fato de ser mais negra, eu nunca me deixei ser humilhada, eu sempre fui muito prepotente,

muito assim, uma autoestima muito alta. Então eu nunca me deixei, se alguém tentou, não conseguiu. Eu quando eu era Administradora Hospitalar, um Médico um dia falou: ...aqui está transformando o Pronto Socorro em senzala. Eu pus ele prá fora, mas não me atingiu, eu simplesmente escrevi para o dono do hospital, ele me desacatou, tá fora. Era Diretor Público, era importantíssimo, ele desacatou tá fora, não, não me atingiu. Mas se ele tivesse me chamado de boba de idiota, eu teria procurado os meus direitos, então eu nunca me deixei ser discriminada. Agora em dezembro realmente sofri, mas também a pessoa que me tenta me discriminar não se dá muito bem. Porque eu fui no Extra, eu comprei umas mesas pro meu filho, fechadas, quando eu fui passar no caixa, a pessoa que saiu de lá, abriu as caixas, desconhecidamente, olhou... tirou tudo tal, diz que tinha... as caixas lacradas e tinha que verificar o que tinha dentro das caixas. Na mesma roleta, passado um segundo, na caixa do lado a pessoa passou com uma TV de 42 polegadas e uma fechada e ele chegou assim, ele assinou a nota. Eu fiz um escândalo, eu fiz um escândalo na mesma hora, eu chamei o dono e exigi que tomasse providência contra aquela discriminação, eu não me preocupo muito com isso, mas eu... na minha família todas as vezes que houve essa tentativa foi colocada no seu devido lugar.

E06-P: — Sofreu discriminação a gente sofre até hoje, sofre discriminação pela cor da pele, pelo peso, se sair um pouco do padrão você é discriminada, mas tirei de letra até por conta da escolaridade, a gente aprende muito na escola, na universidade, com a vida mesmo, não tive problema por assumir, posso só melhorar.

E07-P: — Na verdade sofro até hoje, até ao entrar num supermercado numa loja as pessoas ficam perseguindo dentro da loja que você está comprando se você vai pagar, simplesmente terminei a compra e sai da loja, mais não voltaria mais lá.

E08-P: — Olha, na época posso dizer assim que agente talvez nem deparava pra isso porque chamava de o pretinho, o neguinho então eu não nunca deixei me levar por isso porque naquela época agente não tinha entendimento talvez era mais difícil mais nós temos buscados nossos espaços né mas gradativamente nós temos alcançando aquilo que nós deveríamos ter feito naquela época lá no Brasil Colônia talvez era nossos espaços.

E09-P: — Mais social.

E10-P: — Sim, foi coisa natural mais eu não me descabelei não.

E11-P: — Sim, discriminação muito pouco mais eu tenho que reagir da melhor forma possível, graças a Deus eu não tive tanto problema assim.

E12-P: — Se eu já sofri, eu não percebi o que deu para perceber todos eram estatística normais da mulher ganhar menos que o homem e a mulher ter menos valorização do que o homem também a discriminação assim como houve fato que ocorreu comigo não foram só comigo mais com outras pessoas com o mesmo padrão vamos conceder assim perseguição no trabalho várias pessoas perseguida eram cinco pessoas tinha essa perceptiva de ser mandada embora dar condições ou motivo ou não motivo cinco pessoas das quais o chefe se voltou a atenção para mandar embora pelo menos pelo menos dois ou três mando embora eu só vou sossegar quando eu mandar dois ou três embora ele fez todo possível para uma dessas pessoa ser eu a escolhida os outro se conseguiram se safar a mim ele consegui desviar de função por quatro anos eu penso para mim que foi positivo

porque eu tive condições de formar com tranquilidade se eu fosse estudar e trabalhar como Oficial de Justiça não conseguiria para mim foi positivo em termo de cargo o assédio moral ganhou nesse aspecto a função eu como a única pessoa de cor ele consegui lesar em alguma forma e as outras conseguiram se safar de alguma forma eu fui a única que levei a penalidade também fui a última ele perdeu.

E13-P: — Sim. Vou contar apenas a penúltima: fui chamado de nego de bosta e que eu tinha vergonha da minha raça por uma cliente do cartório na qual eu trabalho, sendo que eu disse que isto era racismo e eu lhe autuaria em flagrante. Chamei a polícia, porém não apareceram. Compareci na delegacia com a qualificação da ofensora e registrei boletim de ocorrência.

E14-P: — Sim. A reação foi de tristeza e sem reação.

Pesquisadora: — [Q09-P] O que é ser racista em uma sociedade moderna?

E01-P: — Acho que todo mundo tem um pouco de racismo, um é contra o negro e a gente sente mais isso aí, e o outro é contra o gordo, contra o magro, contra o gay, contra a lésbica, contra tudo, sempre tem algum tipo né, mas a gente sente muito mais porque a pessoa fala ah eu não sou racista, e o ser racista não precisa falar. Um dia uma pessoa disse assim: não eu nunca fui discriminado, ninguém nunca me xingou no serviço. Eu falei: espera aí, você para se sentir discriminado alguém tem que te xingá-lo? Não, me discrimina quando me olha, a maneira de me olhar. Eu sempre digo assim: a mulher sabe muito bem quando um homem olha para ela com um olhar de desejo que ela se sente nua, na frente dele, é mesma coisa quando alguém olha prá gente com olhar de que o negro é inferior a gente se sente um verme, parece que a gente vai desmanchando, desmanchando... Agora aprendi, quando me dão um olhar desses, eu ti juro, eu retruco com um olhar de gelo maior do que ele me deu.

E02-P: — Em uma sociedade moderna é praticar discriminação deixar de dar oportunidade as pessoas que são minorias quer seja de etnia branca ou índio, as faixas mais humildes da sociedade, eu acho que essas três, esses três itens que eu citei é que o racismo existe em maiores proporção.

E03-P: — Ser racista é você não... proporcionar a igualdade de direito e de fato que consta na Constituição, tanto Estadual como Federal ao indivíduo, devido a cor, devido a cor dele, não por capacidade, mas devido a preconceito social. Então é esse que eu vejo que é o racismo, a discriminação pior. Pro ser humano.

E04-P: — Olha, nessa sociedade moderna que estou vendo aí, tudo isso aí é racismo. Por quê? Porque hoje tem uma preocupação muito maior. Porque tai a globalização, a comunicação, a informação e tudo, e esses meios que estão criando aí você pode observa, não tá, não tá, havendo igualdade, tá havendo uma desigualdade. Então aqueles que tiverem aquela elite que tiverem, aquele que tiverem a sua, os seus instrumentos, os seus meios de adquirir, adquirir todos esses aparatos que estão colocando aí, estão a gente vai ter o que? Uma sociedade onde muitos estarão lá na margem vendo a caixinha de televisão, não sei o que... digital e outros querendo tê todos esses recursos tudo isso que estão colocando aí. Então

isso é o que? Vamos fazer uma leitura, é um racismo institucional, racismo econômico, racismo moderno. Na minha visão é essa.

E05-P: — É achar que determinado grupo é inferior a outro. Pode ser judeu, japonês, pode ser qualquer outro, ele acha que o outro é inferior a ele.

E06-P: — Não ter uma visão boa da vida, eu vejo que ser racista é falta de conhecimento.

E07-P: — É ser desumano.

E08-P: — Olha ser racista agente se for falar tem varias maneiras da gente falar sobre racismo, preconceito da cor até pra trabalho enfim até pra você buscar seu espaço na sociedade. As pessoas têm muito ainda, mas muitas campanhas estão sendo feita e ainda o racismo certamente exista bastante, mais os movimentos tem colocado esse entendimento. Eu principalmente tenho entendimento por ser negro que é crime e que você tem que lutar por aquilo que você acha que é racismo.

E09-P: — É um assunto longo de se falar, tem que estudar o acesso a tudo, as condições de crescer profissionalmente e pessoalmente, acesso a moradia, a saúde enfim a tudo.

E10-P: — A pessoa é racista e simula que não é tudo fica entre linha.

E11-P: — É uma pessoa não ter um pensamento expandido não dar oportunidade para as pessoas, é não ter conhecimento.

E12-P: — O racismo é uma ignorância voltada para sociedade, isso não deve existir, ficar preso na cor de uma pessoa, fica perdendo tempo, não cresce, por melhor que seja a questão financeira, a posição social ou boa saúde, se ela se prende a isso fatalmente essa pessoa não cresceu, digamos assim como um tripé se cresce de um lado e não cresce do outro não vai subir vai ficar com defeito não vai se desenvolver de forma alguma vai ficar preso por aquele defeito de um desvio de caráter.

E13-P: — É não enxergar que o negro tem capacidade de ser e ter. A sociedade moderna utiliza o racismo velado. É como um campo minado, na qual você não sabe quando e onde o negro será discriminado.

E14-P: — Uma pessoa sem caráter, sem conhecimento histórico e científico, lembrando que negros, brancos, amarelos são indivíduos semelhantes apenas com cores diferentes, porem nada disso influencia em sua capacidade cognitiva e intelectual.

Pesquisadora: — [Q10-P] O que você acha sobre as cotas para os alunos afro-brasileiros?

E01-P: — Eu acho maravilhoso, porque aí as pessoas falam, ainda esses dias eu ouvi no Youtube, uma Professora da USP dizendo e falando mau, e que o negro é que tinha que crescer, o negro é que tinha que querer e não é bem assim, nós fomos expulsos da escola o escravo ele não tinha direito a... a frequentar a escola e si tivesse pegado um fazendeiro ou a mulher do fazendeiro uma sinhá que fosse melhor e que tivesse um coração melhor, mas se a justiça pegasse eles eram multados porque deixaram o escravo estudar, então isso ai era por lei, não podia estudar. São essas coisas, que as pessoas que falam hoje, e esse cidadão que

estava falando e ainda na internet, diz assim: ele acha que não que a gente está querendo demais. Então que se pinte de preto e saia na rua, para ver como as pessoas vão olhar de maneira diferente. É verdade, porque quando você entra na universidade, está na academia, você sabe disso, o olhar que as pessoas dá para a gente, achando que a gente não devia estar lá; e outros é... e pra você fazer alguma coisa, estão sempre perguntando, sempre perguntando pra ver se você sabe se você está lá e... se tem competência de estar lá, eles sempre acham que a gente não tem. Então as cotas são esses espaços que nós fomos proibidos de ir a escola e até hoje nós somos proibidos de ir a escola; a escola não é pra negro não, porque esses apelidos que eu tive, quanto eu tinha nove anos e agora já tenho sessenta e dois anos isso, continua tendo, porque a gente continua indo nas escolas pra fazer palestras, para professores e alunos a respeito de discriminação, de criança que são discriminadas; e o professor ainda fala assim isso aí é manha. Eu falei porque aquele branquinho quando fez a mesma coisa a senhora ou o senhor não disse que era manha, já foi logo porque foi um negro que bateu nele ou que brigou com ele, já foi logo penalizando o negro e achando que o branquinho tinha que ser... paparicado, porque quando o branquinho bate no negro é manha. Então tudo isso, e outra coisa que o professor faz muito e não se dá conta, ai meus aluninhos, não existe, quem é mãe sabe que nem os dedos da mão é igual quanto mais os filhos, tem um filho que é mais apegado a mãe, tem um filho que é mais apegado ao pai, é claro que esse filho que é mais apegado a mãe ou mais ao apegado ao pai, a mãe ou pai tem que ter um carinho diferente com ele, porque até porque ele está sempre ali junto, falando abraçando e falando as coisas que a mãe quer ouvi, na hora que a mãe está nervosa ele chega e agrada e tem o outro que está lá do lado, olha e não faz nada e não se mexe e aí, na hora que a mãe tem que verbaliza ou mostra alguma coisa é em cima desse filho que está mais ao redor dela, que vai, então às vezes esse... essa visão da Psicologia, às vezes falta até um Psicólogo quando você faz terapia e ele não se apercebe. Então quando eu fiz, quando mamãe faleceu que eu fiz terapia eu discutia isso com minha Psicóloga e ela ficava parada olhando e dizendo assim: você sabe que eu não tinha pensado nisso e não tem nenhuma teoria que fale sobre isso. Então eu disse: então crie uma teoria, cria porque a gente tá aí para isso, você está terminando seu doutorado para criar teorias novas é aí que a gente pretende estar estudando.

E02-P: — Para ser franco, eu sou contra. Eu sou contra por uma razão muito simples, eu acho que o estabelecimento de cotas seria no meu modo de ver a demonstração de quem estabelece a cota acha que o negro é menos inteligente.

E03-P: — Eu acho ótimo, eu sei que tem algumas pessoas que são contra, mas eu acho que através das cotas é que proporcione e vai ajudar principalmente os negros a ele ter uma ascensão social melhor e conseguir o melhor emprego e participa da sociedade como indivíduo esse direito teu.

E04-P: — Defendo de unha e dente. Cota é necessária sim tá ela tem que existir, porque ela é um instrumento para superar esse sutil racismo que existe, nós não vamos tomar vaga de ninguém. Cota ela não veio para perpetua, ela é um mecanismo de superação, ela é uma ação afirmativa, tem que existi e aqui são todas as universidades adotasse, entrasse e incorporasse essa ideia. A gente sabe que isso aí é uma luta também, porque eles acham que nós vamos lá para tomar

vaga. Nós não vamos tomar vaga de ninguém, nós vamos disputar, porque cota é o que, é disputar entre os nossos irmãos negros no campo do conhecimento e temos que vê o que? Que quem é melhor vai passar. Então se é reservado 20% desses 20% nós negros e negras é que vamos competir entre nós para ver quem é que vai entrar, quem é que tem melhor conhecimento, quem estudou mais e quem sabe mais. Então não tem dois peso e uma medida não é nós mesmos e dois pesos e duas medida.

- E05-P: — Eu tinha uma opinião, mas meu filho mudou a minha opinião. Eu acho, eu sempre achei que você tem que acabar com a discriminação através da competência. Ser a primeira colocada no concurso. Demonstra que nenhuma raça, não tem a ver com a inteligência. A inteligência não tem nada a ver com a raça. Então eu sempre achei que: os negros tinham que brigar para que seus filhos tivessem melhor escola que o pai. Mas... me fez eu repensar meus os meus conceitos e de que na verdade, muitos não tem condições de ter esse posicionamento. Então é disto que o governo auxilia as famílias a dar o melhor condições aos seus filhos no estudo.
- E06-P: — Não concordo eu acho que negro tem capacidade tanto quanto os outros.
- E07-P: — Eu não sou a favor a cota nós temos a mesma capacidade e todos nós somos todos iguais só estudar.
- E08-P: — Eu acho positiva alguma parte, mas em outras partes eu não concordo mas aquela pessoa que esta no outro local e muito mais difícil . Aqui nós temos o Instituto do Luther King, é bom que tenha a cota para esses afros poder ter a oportunidade talvez não terem condições sócia econômica para estar num banco de uma universidade fazendo aquilo que realmente gostaria de fazer eu vejo essa cota uma cota positiva mas agora essa cota tem que ser acompanhada de uma maneira para que de repente nós que somos por ser um pais seja ele democrático mais não a alguma coisa voltada para o negro ele tem que lutar por seus direitos isso ainda tem uma certa discriminação.
- E09-P: — Não consegui ter uma decisão direta eu acho que não só as etnias mais agravantes então eu acho que sou ao contrario a cotas especifica e sim a social.
- E10-P: — Eu acho ótimo desde que seja de acordo com a lei não só para beneficio mais às vezes as pessoas fala que é negro só para adquirir o direito e outra ocasião são brancas.
- E11-P: — Eu acredito que é interessante, mas entendo que todos têm que lutar de uma forma igual.
- E12-P: — Eu acho como tem cotas para negro tem que ter para índio para mulher, eu acho que deve mudar a política educacional do país deve abrir mais Universidade mais escolas de tal forma que não seja necessária seleção por cotas ter seleção pela capacidade de assimilação de ensino das pessoas isso ai não é analisado por teste por exame por seleção, deve dar acesso a todos igualmente não deve ser dessa forma de discriminação por isso e aquilo para facilidade de educação.
- E13-P: — Entendo que é espécie de reparação de danos causados no decorrer da história do Brasil, que deixou o negro em uma situação inferior quanto ao acesso ao ensino superior.

E14-P: — Acho valido sim, pois talvez seja a única forma de conseguirmos atingir a meta de aumento da população negra brasileira nas universidades e concursos públicos.

Pesquisadora: — [Q11-P] Que conselho você daria para o afro-brasileiro (a) que pretenderia estudar e que está desanimado e com o pensamento que o negro não tem vez e nem voz?

E01-P: — Olha Dra. Joanna D'Arc eu vou dizer o seguinte: porque eu estou fazendo doutorado com setenta anos? Doutorado acadêmico, porque eu entendo que o jovem negro hoje, está precisando de exemplo, do que falta para nossa juventude é referência, para eles poder mirar em alguém. E eu quero lhe fazer um convite: você precisa aparecer mais, se mostra mais, para as crianças poderem ver, tem fulana também. Porque senão eles ficam naquela: Zézão, Aleixo, Raimunda e tá... tem horizonte maior, mas este horizonte maior não vai até ele, então a gente tem que ir para ser referência, para eles pensarem quando a gente liga a televisão, a você vê: Xuxa, você vê Angélica, antigamente tinha Mara Maravilha tinha um mundo de gente; qual a apresentadora negra, que tem um programa TV aberta e que as crianças possam ta vendo e estar assistindo, ainda não tem, então a gente tem que estar com isso aí. Essa menina que está com você, acho que é sua filha... belíssima... que tem de aparecer de vez enquanto nas comunidades, para as crianças ver que negro bonito, porque senão fica assim. Aí me perguntaram porque você gasta com tanto dinheiro comprando boneca preta para distribui. Dou para minhas crianças negras e dou para crianças brancas também. Porque as crianças brancas tem que aprenderem respeitar as negras e começarem ver as negras como mulheres bonitas. Então eu compro todo ano, esse ano não pude comprar a quantidade que compro 50 até 60 bonecas e distribuo bonecas né, aí esse ano com o doutorado aí com a tese então é muita despesa e aí não deu. Então isso aí para criar referência; eu tenho uma criança lá no São Benedito que disse assim que ela detestava boneca preta, aí minha sobrinha neta já foi criada com boneca preta, boneca branca todo mundo dá de presente, boneca preta é mais difícil, então ele saia com a mãe ou com a tia dela e ia lá e... tia lá no Extra tem uma boneca preta que é uma graça cê compra pra mim? Aí era um bonequinho assim com bercinho tudo. Aí eu comprei para ela e comprei e levei para essa criança;... ela disse assim: boneca preta não quero, eu disse: você já abriu o pacote, não, então abre, se você não quiser eu levo e dou para outra criança. Quando ela abriu ela disse pondo a mão na cabecinha: nossa que beleza, que lindinha, eu quero tia, ah! eu quero, eu quero. Então eu dei e essa criança hoje está com treze anos e ela deve ter umas oito bonecas pretas que eu dei. Mas a gente também deve dar um brinquedo bonito, porque aí vem, mesmo a família negra... a boneca preta, aí vai nesses 1,50 e dois reais e compra esses negócios de massa mau feita, com aqueles pescoço deste tamanho, aí a criança não quer, aí compra. Eu não posso, não podia comprar assim... dessas no Extra, e tem uma fábrica, mas eu não achei ninguém que deixasse eu comprar com o ...CGC da ONG para eu poder comprar as bonecas e eles não vendem para pessoas individuais, é pessoa física, porque lá eu compraria bem mais barato porque não me lembro agora... lá em São Paulo e as bonecas lá são bonitas são baratas e dá

para você comprar assim, 3 caixa de cada uma e a gente distribui assim e leva e mostra essa beleza. Isso aí eu entendo que estou fazendo uma ação afirmativa. E o pessoal quando fala de ação afirmativa fala a cota, quando eu vou fazer palestra eu falo: cota tá aqui, no meu roteiro, mas é o último item, se eu abrir com cota, eu não falo mais nada, que aí começa a briga, um fala: isso, aquilo e aquilo outro, então ai já lá no fim, até porque lá no fim já estão meio cansados e não vão incomodar tanto a gente e aí a gente vai e... com ele também.

E02-P: — O meu conselho é que o negro supere esse tipo de... manifestação que o negro é igual ou melhor que qualquer branco.

E03-P: — Eu acho que ele deve persisti, ele deve continua... eu posso dizer pelo exemplo meu mesmo quando fui fazer o Curso de Filosofia na época teve pessoas que chegaram pedir para eu desistir, por eu ser... negra, por eu ser de classe baixa, por a maioria de quem cursava Filosofia na época era o seminarista e tinha condições de estudar né, condições de comprar os livros, então não deve desistir, eu não desisti, eu segui enfrente e não fiquei ouvindo essas pessoas, pessoas que tem pensamentos negativos em relação ao negro não deve ficar ouvindo eles, tem que ergue a cabeça e continua porque ele vai encontra todo tipo de dificuldade, mas ele tem que enfrentar e continua.

E04-P: — Se falar que conselho se fosse bom a gente vendia né, então a gente pode estar orientando o seguinte: ficar com pensamento a gente tem que superar esse pensamento também obsoleto, por quê? Estudar gente é aquilo que eu disse, estudar é um ato de... fundamental, você entendeu, ah vai lá eu estou cansado, não tem isso, vai lá estuda a noite tem tanta facilidade hoje de curso aí, você pode tirar o fundamental, você pode tira o nível médio, tudo, tem um monte de facilidade. O tempo que fica aí sentando perdendo tempo com a carinha na televisão, pega um livro, vai estudar, vai pesquisar, vai discutir, vai troca ideia, vai enriquece tá. Por quê? Se tá achando que o enriquecimento é bens, tai um bem de riqueza que ninguém tira da gente.

E05-P: — Que tome um banho de autoestima, que procure o Psicólogo, que... corra atrás do prejuízo, eu não consigo, eu não posso nem... eu não consigo imaginar-me nessa situação nessa situação e nem alguém, nesse tipo de situação. Tem mesmo que, luta pelo que quer. Não é o negro, qualquer um. Se eu vou ficar: ah, não posso, não tenho, não é o negro, é qualquer pessoa, tem que ter um objetivo e correr atrás da melhor forma possível.

E06-P: — Pra mim não existe isso, ele tem que estudar, ele é igual a todo mundo e só através do estudo se o branco também não estudar ele não avança.

E07-P: — Que ele observe bem o que está ao seu redor já que nós percebemos que nós não somos a maioria e temos condições de realmente vencer.

E08-P: — Tem que ser forte, basta ele se impor a qualquer momento não importante ele ser branco negro amarelo raça vermelha e os índio tem seus espaço eu digo pra eles negros queira ingressar basta correr atrás e lutar e buscar que você consegue tudo aquilo que eu tive, talvez de uma maneira diferente, é possível e tem espaço pra cada um.

E09-P: — Tem vários exemplos mais eu posso ser como um exemplo.

E10-P: — Eu falaria para eles ir em frente não pensar que não vai ter solução para os problemas.

E11-P: — Não pode desanimar, esse pensamento eu não concordo, tem que correr atrás dificuldade para gente é um pouco maior mais tem que ultrapassar esses desafios e correr atrás não adianta esperar ficar achando que dessa forma tem mostrar que é diferente.

E12-P: — Nisso eu acredito o que eu puder falar eu falo para o negro ou qualquer pessoa que seja, tem que estudar e tem que começar já e tem que esquecer essa história que está sendo discriminado porque eu tenho cor se ficar pensando nisso não vai sair do lugar se ficar se rendendo a discriminação. É como entrar numa roda d'água e não vai sair dali nunca e se começar a girar a roda, deve correr e estudar e não vai ficar pensando na discriminação não vai perder seu tempo com isso não vai ficar com raiva e não ficar se desgastando tem que estudar correr atrás se o homem vence, a mulher tem que lutar duas vezes mais que o homem, o homem negro três vezes mais e a mulher negra quatro vezes e a mulher negra sozinha com filho, cinco vezes mais, então tem que lutar muito mais de acordo e independente da circunstância que a pessoa tiver tem que lutar muito mais para chegar num mesmo nível igual de outra pessoa.

E13-P: — Diria que talvez esta seja a única maneira de ascensão social que o negro encontraria nos dias atuais.

E14-P: — Daria o maior apoio e suporte a ele, para que não desista dos seus sonhos, que com o estudo se tem uma posição social, respeito e qualidade de vida.

Pesquisadora: — [Q12-P] Como você se sente na posição que ocupa: se sente respeitada (o) ou discriminada (o)?

E01-P: — As duas coisas, Respeitada sim, porque uma vez que o Governador me convidou eles são obrigado a respeita, porque tem até uns Secretário aí que eu passo por eles e faço do mesmo jeito, não deixo por menos e quando a gente tem assim, um exemplo eu participo dessa área assim e não ganho nem o salário e nem a posição de Secretário do Estado mas eu sou Coordenadora é uma área afim então eu participo no Secretariado a tarde participo na área no Inmetro, aí a gente no mesmo dia que eu cheguei lá, aí todos ficaram me olhando e aí eu até me senti meio mal, aí eu disse assim, oi R., onde você tá? Então tá querendo disminingui aí por quê? Disminingui é quando você vai desmanchando, aí eu falei, eu ergui a cabeça e passei. Tinha uns que não queriam me cumprimentar e tinha outros que vieram me abraçaram e aí que bom que estava fazendo falta aqui você..., até porque eu falo né... e eu tava lá e a gente sabe eu estou aqui neste cargo pelo poder e status que eu tenho aqui, você vê que não é prioridade, mas eu vou a luta, eu falo, eu faço. Nem que seja no dia do meu curso eu vou e faço, quando tem que fazer alguma coisa eu vou lá e faço, então o que tem, tem. Mas eles têm um dia tem... vive dizendo que não tem tudo quanto é coisa, quando é para negro, e agora pra cota pra negro né,... aí, eu cheguei e falei: olha eu quero dizer o seguinte: eu desafio o secretariado aqui, que tenha mais título do que eu, vocês tudo não pare, tem que me respeitar, como intelectual, como pesquisadora, dentro do partido eles tem que me respeitar eu não nunca quero passar por cima de ninguém, porque eu vou direto ao Presidente e falo olha eu não admito.

- E02-P: — A gente se sete respeitado por uma razão muito simples, todas as pessoas com quem a gente tem relação, é talvez não nos respeite em função de raça, em função de etnia, o coisa equivale, mas respeita a gente em função da capacidade que demonstramos.
- E03-P: — Em parte sim eu sinto respeitada e em parte a discriminação com relação a... ao salário porque, veja vem, hoje o salário de um Jornalista, o piso salarial é o máximo chega aí em torno de pelo... os cursos que eu tenho eu... a minha avaliação é que eu poderia estar ganhando o mínimo é em torno de chegar até R\$ 2.500 e R\$ 3.000 e como o salário de hoje chega a R\$ 2.000, então eu acho que isso é a maior parte. E não, tem a discriminação velada também, por parte de muitas vezes as pessoas não reconhecerem o seu valor... a sua escolaridade, as vezes acaba com até com inferioridade em relação aos demais colegas.
- E04-P: — Respeitada.
- E05-P: — Respeitadíssima, se desrespeitar o Delegado de Polícia, vai ter consequências grave... não há discriminação na polícia... contra os negros, não há; ou talvez porque quando eu entrei já o Dr. Aleixo Paraguassu era o Secretário, então não tinha como discriminar se o Secretário era negro, então eu sempre... e se tinha era muito por baixo do pano, mas na ocupação dos cargos lá não existe.
- E06-P: — Sou respeitada eu faço respeitar e tenho conhecimento e faço isso.
- E07-P: — Respeitada.
- E08-P: — De maneira alguma sinto feliz podia ser um branco.
- E09-P: — Respeitado.
- E10-P: — Eu sinto respeitado pelos amigos e colegas e no trabalho e tudo.
- E11-P: — Sim, muito respeitada eu me sinto muito orgulhosa de mim mesma.
- E12-P: — Eu sinto um respeito grande, porque eu venci ainda hoje eu estava agradecendo por tudo que eu tenho não é qualquer pessoa que consegue com a comparação dos meus colegas eu tenho menos, menos vitória para contar, mas antes as minhas vitórias tem um sabor indescritível pelo tanto que lutei para conseguir não tenho tudo que precisa ser conquistado, mas, tudo tem muito mais valor para mim, esse valor eu devolvo em forma de carinho, esqueço tudo que foi feito de negativo contra mim como eu fui bem recebida pelos meus colega quando eu voltei para função de Oficial de Justiça, esse carinho que todos me deram eu procuro devolver também em forma carinho para cada um dos colegas, todos do judiciário e devolver para todas as pessoas não procuro guardar mais mágoas, cortei de mim toda raiva, toda revolta, de qualquer coisa que ocorreu.
- E13-P: — As duas coisas. Respeitado pelo status que é trabalhar no cartório, todavia somos discriminados com frequência, pois o racista não aceito o lugar que ocupo, visto que pelos por estes o lugar do negro sempre é em serviços braçais.
- E14-P: — Em cima do muro.

Pesquisadora: — [Q13-P] Qual a sua relação com os seus parentes atualmente?

E01-P: — Um amor, não tenho mais meus pais, mas minhas sobrinhas brigam comigo, como toda família, mas elas tem... elas reconhecem que eu abri caminho pra elas.

O que eu sempre falava, eu quero abrir caminho para minha família, porque eu não tive abrisse para mim.

- E02-P: — A minha relação com os parentes ainda permanece a mesma de quando eu não exercia qualquer cargo; a gente procura ter contatos diretos, a gente procura estar sempre unidos juntos aos parentes até porque se isso não acontecesse eles iriam achar que a gente melhorou de vida e passou a desrespeitá-los a não procurá-los como acontecia anteriormente.
- E03-P: — A minha relação com os meus parentes são boas, graças a Deus, com a família também, são boas, eu acho que... é fundamental o bom relacionamento principalmente com a família e com os meus parentes. Eu tenho um bom relacionamento.
- E04-P: — Ah nossa relação com meus parentes, principalmente com meus irmãos e de família são mais amigáveis possível, a gente tem uma ligação muito forte, né, é de afeto, é de amizade, é de respeito, porque eu venho de uma educação que a dizia o seguinte: você tinha liberdade, mas tinha que ter responsabilidade.
- E05-P: — Da melhor possível, todos, eu me dou muito bem, com meus irmãos, com minhas irmãs, com meus filhos, com todo mundo, não existe nem um tipo de... entre minha família.
- E06-P: — É boa, tenho contato sempre tenho um bom relacionamento.
- E07-P: — É muito boa convivemos todos juntos sempre.
- E08-P: — Ótima.
- E09-P: — Tenho contato e convivo bastante.
- E10-P: — Ótima.
- E11-P: — Muito boa.
- E12-P: — Boa.
- E13-P: — Boa.
- E14-P: — Relação boa, porem ainda há pessoas na família que tem preconceito pelo fato da minha cor.

Pesquisadora: — [Q14-P] O que já fez, faz ou tem a intenção de fazer para ajudar a sua etnia?

- E01-P: — A minha vida é dedicada a ajudar a minha etnia, sou militante do Movimento Negro.
- E02-P: — No desenvolvimento da minha profissão a gente tá fazendo... tomando atitude que eu creio que venha em auxílio à etnia. Porque o fato que a gente procura sempre divulgar em igualdade o que acontece de... com os integrantes da raça negra, diferentemente o que ocorre com muitos outros profissionais, eu acho que já é uma maneira de a gente ajuda aqui, os integrantes da raça sejam, ou aproveitar as oportunidades vezes não oferecidas.

- E03-P: — Eu já fiz, já trabalhei né no Movimento Negro do Mato Grosso do Sul, e... até assim em projeto já, já fiz um vídeo que tenho um vídeo, o homem invisível que tem uma relação que a discriminação se ela é social ou se ela é através da cor ou se é através... do meio social. Então já tenho esse vídeo, é através... da TV... Educativa do Mato Grosso do Sul, a TVE Pantanal de Mato Grosso do Sul, então nós temos, então nós fizemos, em parceria com meu colega. E sempre, através também da comunicação as matérias né que são divulgadas, que da maioria das vezes eu dou prioridade também, meu relacionamento, meu trabalho pra dá e está destacando e divulgando as ações voltadas para o negro, as políticas sociais voltadas para o negro...
- E04-P: — Tenho a intenção de fazer.
- E05-P: — Eu faço parte do Conselho do Negro e estou me conscientizando de algumas coisas que eu não tinha percebido. Eu, uso da minha condição de ter sido assim uma pessoa que teve o pai que achava importantíssimo, a bisavô que mesmo sendo escrava achava absolutamente importante que a filha dela estudasse, pedia pra... que os patrões dela deixassem a filha dela estudar, que brigou para que o meu pai, a filha dela acabou morrendo, teve muitas discriminações com a minha avô, apesar dela ter estudado, ela morreu de depressão de tristeza por não conseguir a... fazer o que ela tinha estudado, mas a minha bisavô fez tudo para que meu pai o meu... tio estudasse, eles estudaram, meu tio chegou a... ser um Advogado famoso em Campinas, e Coronel do Exército. Então essa ideia que através do estudo você impõe a sua competência, vem depois da minha bisavô. Então isso, passa de pai para filho. Eu sempre trabalhei muito, pra que os meus filhos tivesse o melhor colégio, o meu filho e minha filha trazem isso para que o meu neto tenha o melhor colégio. Sempre, através da educação você consegue ser competente e isso...
- E06-P: — A eu faço dentro da escola, agente tem que fazer né, você trabalha na função diariamente.
- E07-P: — Pelo meu cargo pela função que eu ocupo agente faz isso todo dia agente ajuda no que pode através do projeto da aula diversificada.
- E08-P: — Já tive oportunidade participar de algum movimento aqui no grupo dos quilombolas já tive oportunidade, mais falta ainda àquela coisa, você tem que estar lá para saber, sobre sua etnia, saber o processo.
- E09-P: — Pouco que eu já li eu conheço ela é um pouco mais agravante que a nossa, então de repente tem um efeito muito pouco agente participa né, mais com uma forma meio desinibida, independente de etnia e classe social é possível reverter qualquer situação.
- E10-P: — Não fiz, não sei se eu estou com tempo não parei para pensar ainda.
- E11-P: — Eu nunca fiz e gostaria, eu nunca tive oportunidade de estar conhecendo de perto ou conhecer alguém.
- E12-P: — Até me sinto com a consciência pesada, porque eu não ajudo e como eu não sinto essa discriminação no meu dia a dia eu não sinto a necessidade de correr atrás, penso que vou dizer que não é arrogância não, é a minha realidade, minha percepção como não tem ideia eu não tenho como resolver. Eu não vejo pela etnia como eu tenho um genro Índio e um neto Índio eu não vejo a etnia negra, eu

tento me aproximar mais como eu tenho outras ações sociais de transformação social tenho ainda a questão específica da cor.

E13-P: — Tenho sim, mas por hora ajudo dando meu depoimento de vida e fazendo valer os meus direitos e divulgando.

E14-P: — Tenho intenção.

Pesquisadora: — [Q15-P] Qual o seu sonho para o futuro do afrodescendente?

E01-P: — É isso, quero que todos nós, sejamos respeitados como pessoa humana, que os espaços não nos sejam fechados e que quando você chegar num órgão como esse aqui que eu trabalho, você encontre, bastante cara preta sendo: chefe de setor, sendo diretor, coordenador e nós não chegamos lá ainda, eu espero que nós temos condição de chegar.

E02-P: — Meu sonho na realidade é que... não haja mais discriminação mesmo, a discriminação velada que a gente vê, em muitos casos que ocorrem no país. Enquanto é ladeado que não existe a discriminação. Eu acho que o afrodescendente deve ser tratado com igualdade com qualquer outra raça.

E03-P: — A gente dizer que não vai haver discriminação, sempre há, porque é uma coisa, uma questão social, mas que os afrodescendentes hoje ele já tem uma posição muito melhor que antes, então, hoje já temos, é já temos vários negros... de boas situações, já temos o exemplo do presidente né dos Estados Unidos que é negro, então é das melhores possível, cada vez mais o negro está ascendendo mais e a posição dele está melhorando cada vez mais. Então no futuro isso vai lógico que a tendência é melhora.

E04-P: — Que fique nas melhores posições.

E05-P: — Olha, é que tenha a autoestima dos americanos. Porque exatamente isso que eu quero.

E06-P: — Todos consigam ter uma universidade.

E07-P: — Que seja o melhor possível que todos tenham o ensino superior e que estejam dentro de funções que os brancos dizem que nós não devemos ter.

E08-P: — Que todos possam ter uma educação, ter uma moradia, que ele possa ser respeitado nessa sociedade, ter saúde, ser tratado com dignidade por todos em qualquer departamento público e seja respeitado independente da sua cor.

E09-P: — Que estude e faça a diferença.

E10-P: — É um sonho de ser sempre livre de qualquer preconceito.

E11-P: — Eu espero que todos procurem uma posição melhor que estejam bem.

E12-P: — Não ter diferença de cor, raça o negro não pode se sentir negros ou deficientes, se sentir deficiente não deve existir essa sensação, hoje vejo os meus colegas de serviço como se fosse os mesmo de vinte anos atrás eu olho não vejo a barriga, rugas, não vejo cabelos brancos, vejo todos eles quando eram todos mocinhos com carinho a convivência eu não vejo de outra forma que transcende a pureza de coração e todas as diferenças mais a gente não vê mais isso.

E13-P: — Que ele seja visto ou julgado pelo seu caráter e não pela sua cor.

E14-P: — Que haja respeito e igualdade a todos.

Pesquisadora: — [Q16-P] O que significa a vitória de Barack Obama para você?

E01-P: — Olha pra mim..., é mostrar que o negro pode, em qualquer parte do planeta. Quando ele ganhou, eu tive algumas discussões e algumas pessoas que vieram e achavam e disseram agora vai melhorar pro negro no Brasil, eu disse: gente, não! ele é Presidente dos Estados Unidos da América e não é Presidente da... República Federativa do Brasil, então eu não tenho que esperar nada dele, agora ele é uma referência. Então eu tenho como referência, o maior país do mundo, governado por um negro, o atleta do século passado, um negro que é o Pelé foi escolhido pelo mundo inteiro, então você começa a ver que você tem essas referências. Que você vai lutando para que apareçam. E a gente tem que continuar lutando por isso. E o que às vezes me dá muita..., me deu tristeza quando cheguei lá em Moçambique é ver como o pessoal aceitou a subordinação, não sei se é porque eu brigo, porque eu me rebelo, eu vou a luta e cheguei lá eu encontrei isso. Então eu disse para o povo, vamos lutar, lá o pessoal não tem Previdência Social. Uma senhora que eu visitei o marido dela era de dinheiro, mas ela era só dona de casa, porque o homem negro é muito machista, e o africano é terrível. Aí eu peguei, ele morreu e ela ficou ao deus dará, sabe, ficou assim, sem eira e nem beira, ficou uma pessoa assim, pobre, eu entrei na casa dela e a casa dela, querendo cai em cima, e um mundo de filho e de neto e todo mundo mora no mesmo espaço, mas ninguém tem comprometimento com a mãe, não tem comprometimento com a mulher, e olha que a maioria dos Ministros lá de Moçambique naquela época em 2004, eram mulheres. A Primeira Ministra era mulher, Ministra da Educação, Ministra de não sei o que era mulher, mas elas não sabem ainda botar para fora essa voz ativa. Eu falei que eu queria fazer um trabalho lá, e tenho uma amiga lá, Ministra e ela falou assim: que era capaz de te botarem para correr a aí considerar persona não grata. Então você não pode nem estar falando muito senão você corre o risco de não poder voltar lá no país.

E02-P: — Evolução... desmedida, em um país completamente racista, onde há segregação, um negro assumir a presidência? Um país que é considerado a base do mundo, eu acho que não tem como se medir essa evolução.

E03-P: — Foi ótimo, eu achei maravilhosa, eu acho que foi assim, melhorou muito na autoestima de todos, dos negros em nível, nacional e internacional... em todo Estado. Então a... precisamos de referência de pessoas que tenham alto escalão pra tá dando é... autoestima pra população negra.

E04-P: — Tem uma importância simbólica muito importante, mais eu acredito que, muito deles, americano né isto está comprometido com todas as classes americanas, não vai influenciar para as pessoas do ser pelo mundo, porque os Estados Unidos continuam sedentos naquela ala política internacional que é mais de 16 explorações que qualquer coisa, com... uma vitória simbólica, assim de combate ao preconceito, mas em relação aos países pobres de terceiro mundo e a população pobre desses países, não altera muito.

E05-P: — Eu achei assim muito importante, porque no Brasil, muitos negros que não tinham autoestima, começaram a entender, que pelo estudo, pela busca do conhecimento, poderia a chega, numa situação melhor.

- E06-P: — Uma boa significa que o mundo está tendo outra visão em relação ao negro.
- E07-P: — Pra mim foi mais da questão da pele, mais o conhecimento.
- E08-P: — Isso é bom onde isso o negro jamais, ao pensar assim Mandela negro também né conseguiu fazer o apartheid naquela época com toda aquela situação foi preso, depois voltou porque ele acreditava no seu povo na sua crença e como uma pessoa poderia mudar, acredito nisso também.
- E09-P: — Barack Obama a sim a sociedade Americana eu acho que a questão racial, pouco que eu li e conheço ela é mais agravante que a nossa então de repente pra nós temos um efeito muito pouco mais eu acho que a concepção do Americano tem outro aspecto.
- E10-P: — Olha essa vitória dele, para mim mesmo foi como uma vitória de Lula não porque ele é negro por uma trajetória política que começou por ele mesmo não teve um que indicasse ele é um sonho pessoal dele qualquer um pode chegar a aonde ele chegou.
- E11-P: — A muita satisfeita porque ele é um presidente negro ele teve oportunidade.
- E12-P: — Um americano, para mim o Barack Obama não representa um negro no poder para mim ele é um branco eu vejo assim branco não por branco as posição da política dele é as posições de todos os brancos ele não chegou lá para mudar para favorecer o negro ele chegou porque é um americano.
- E13-P: — Significa a convergência de esforços das notórias figuras negras que lutaram pelos direito civis do negro como Martin Luther King Junior, Nelson Mandela, Rosa Parks e inúmeros outros anônimos para que enfim uma pessoa negra ocupasse o cargo da potência mais poderosa do mundo.
- E14-P: — Um grande avanço para o respeito a todos, com esta vitória pode-se ver que um negro pode realizar conquistas grandiosas tanto quanto um branco, e ele provou isso, estando em um país preconceituoso, rico, onde se tem a visibilidade mundial.

Pesquisadora: — [Q17-P] Quais as dificuldades que você imagina que ele teve para ser Presidente dos EUA?

- E01-P: — É só pode ser imaginária, eu não conheço o Estados Unidos, não gosto de lá e espero nunca precisa de ir lá. Mas num país... extremamente racista, mas que também é democrático, ele discuti e ele aceita, o Brasil não aceita. Aliás, uma coisa que acho que você, tem que se colocar no seu trabalho, é que o brasileiro tem que aprende a dizer não as coisas que lhe pisão [sic], porque ficou para mim muito evidenciado, porque lá só tem 13% hoje de negro, e em 2004 era 12,5 ou 6. Na década de 90, a Coca Cola deixou de, deixou não, não quis indicar negros para gerente e tinha que ser branco, e os 12, qualquer coisa lá %,os negros deixaram de comprar qualquer produto Coca-Cola; não demorou um mês tinha cinco negros até de cargo de diretoria, ninguém mais comprou. É isso aí que o Brasil tem que aprender, sabe, Assolan, eu não compro produto Assolan, mas somos poucos negros conscientes que não compramos produto Assolan, por causa daquela propaganda que ela fez no começo do lançamento dela, daquelas menininhos, bebezinhos tudo com cabelo de bombril na cabeça, de

cabelinho de Assolan na cabeça engatinhando. Então mas aí, quando eu falo isso no supermercado tem gente, ... tem negro que me olha assim, mas nós precisamos nos aprender a nos respeitar para sermos respeitado, e quando um negro compra um produto desse, produto esse que...a sua propaganda pisa na sua raça, ele deixa de se dar valor, e eu não compro, aí pode chegar lá, e aí já teve supermercado que me testou, mas ah, nós queremos dar um presente para senhora, ...posso olhar, pode, então tudo que era Assolan eu tirei, tudo que era Parmalat eu tirei, e falaram porque? Porque eu não uso produto que faz propaganda contra o negro e tinham negro... e olharam assim, eles não tenham nem noção do que seja cidadania.

E02-P: — Bom a primeira foi enfrentar uns políticos que são de outras raças que são abertamente racistas, a segunda foi conseguir convence os integrantes da própria raça que ele era capaz de assumir o comando de uma nação tão importante como os Estados Unidos. E depois de eleito conseguir colocar em prática, o plano de governo que ele elaborou, tão bom de conseguir convencer os eleitores, e que ele servia para ser presidente.

E03-P: — Preconceito.

E04-P: — Ele teve uma condição muito peculiar, ele teve acesso a... ao estudo né, então estas dificuldades dele foi um pouco menor, é o que eu falo: a questão de lá da discriminação eu acredito que está muito ligada a questão social né, ele como ele teve...uma situação um pouco melhor, teve acesso aos estudos e pode apesar de ter que se esforçar um pouco mais eu acredito que ele não teve tantas dificuldades assim, como se tivesse vindo mesmo de condições bem mais desfavoráveis.

E05-P: — Muitas, ainda mais que ele estava brigando com uma mulher, que também é uma... categoria discriminada. Então ele teve que demonstra a... que ele tinha: tolerância com os brancos, porque ele precisava dos votos dos brancos, então ele não podia se declara: racista, contra os brancos. Então ele tinha que demonstra: tolerância com os brancos, humildade com os negros pra não se sentir assim, que as pessoas não pensassem que ele era superior, ele teve que: ouvir e falar com os eleitores, no mesmo nível. Não se nivelando a eles, deve ter sido muito difícil.

E06-P: — Eu acredito que ele teve inúmeras dificuldades, ele venceu com sabedoria, pesquisador que ele deve ter sido e é, ele deve ter tido oportunidade através da escola.

E07-P: — Ele teve com certeza muito preconceito.

E08-P: — Inúmeras, com certeza ele não foi criado em berço de ouro, ele teve dificuldades ele faz parte do continente Africano, e estudou e hoje ele tem essa representatividade, aonde ele é visto como a maior potência que ele esta dirigindo, onde ele tem que interferir em quase todo momento e quase em todos os países eu acho que não e para qualquer um não.

E09-P: — Eu acho que foi a questão racial e a questão religiosa.

E10-P: — Mais para ele eu acho que ele não teve muita dificuldade.

E11-P: — Muita dificuldade ate chegar a aonde ele chegou hoje mais ele foi forte mais ele conseguiu.

E12-P: — Não imagino é uma realidade que eu não vivi.

E13-P: — Imagino que ele teve que ter quatro vezes mais capacidade do que qualquer outro presidente já teve para se qualificar ao cargo na qual ele tomou posse.

E14-P: — Creio que deve ter passado por várias provas, obstáculos devido a sua cor, talvez alguns deveriam ter pensado que ele não seria capaz de representar um país como os EUA.

Pesquisadora: — [Q18-P] Você acha que a vitória de Obama acabará com o racismo?

E01-P: — Não, de jeito nenhum, até porque é foi uma vitória acho que eu não respondi bem sua pergunta anterior, acha que foi uma vitória de revanche... injuriado já com Bush, com tanto de coisa... você sabe que o segundo nome do Bush que ele põe W. Bush é guerra, que ele só põe Jorge War Bush então ele não usa War, ele só usa W., eu se fosse ele eu já tinha mandado tira, aquilo ali, porque não vai fazer falta. Mais não vai, tanto que já começaram as cobranças, mais cobram e ele tira de letra, e ele nem se importa com que estão fazendo ou falando ele vai fazendo. Agora não vai acabar, porque quantas pessoas não aceitam que ele não seja racista, e que colocou agora um, não sei se é travesti ou gay, mas colocou lá. Mas colocou lá, uma transsexual lá no autcargo do Governo, no Brasil tem alguns? Só se for muito inrustido. Aqueles caras lá que eram só Sargento o Exército colocou botou para fora, imagine num alto cargo se alguém que tenha alguma diferença se o Brasil aceita, então eu entendo que melhora muito, porque melhorou a autoestima do americano negro e melhorou a autoestima do negro do mundo todo, principalmente do continente africano e isso sim, na medida que ele empodera negro, então vai diminuindo a concepção de racista que o americano tem, mas não só o fato dele ter sido eleito que já acabou, não, mas ai na medida que a gente tiver um Presidente da República que chega ou que seja negro ou de preferência uma mulher negra, que chegue lá, então vai empodera muito os negros, homens e mulheres do Brasil. Então eu vejo nesse sentido.

E02-P: — Sinceramente não.

E03-P: — Não.

E04-P: — Não, de jeito nenhum, nem com o racismo e aí é uma posição mais política e nem com a exploração dos Estados Unidos e os países que são países de terceiro mundo.

E05-P: — Não. De jeito nenhum, pode dar um passo, mas nunca vai acabar nè.

E06-P: — Não mais é um começo.

E07-P: — Não, talvez seja o começo.

E08-P: — Não, ainda precisamos mudar muito, o país precisa mudar, o mundo precisa mudar, as pessoas racistas precisam mudar. Já é uma forma que nós já estamos conquistando devagarzinho gradativamente, desde que nós não deixamos aquilo que nós conquistamos. Porque só podemos colocar a mão onde o braço alcança e com os pés no chão.

E09-P: — Não.

E10-P: — Não.

E11-P: — Não acabará.

E12-P: — Não.

E13-P: — Não acabará com o racismo, porém já foi um grande passo nesta longa caminhada.

E14-P: — Creio que não acabara porem o pensamento de algumas pessoas quanto as pessoas negras podem ter mudado.

Pesquisadora: — [Q19-P] Você se candidataria a um cargo eletivo?

E01-P: — Não porque eu já passei da idade, eu tinha essa pretensão quando eu era mais nova, mais aí faltou chão, né, eu tinha até quem patrocinasse tudo, mas eu fui pensar mais, raciocinar mais, eu vi... que eles me queriam como massa de manobra porque eu sempre tive assim, liderança, eu participo dos lugares que eu chegava e depois com 16 anos eu comecei a descobrir que sabia fazer discurso, então eu falava bem e eles queriam aproveitar isso e mandar em mim e pena que a minha sobrinha neta não tem as mesmas ideias que eu tenho.

E02-P: — Não..., eu acho que para a pessoa para se candidatar a um cargo eletivo ele tem que ter é carisma suficiente para isso, não é o meu caso.

E03-P: — Sim.

E04-P: — Desde que, tivesse as condições né... desse jeito eu não tenho.

E05-P: — Não, porque eu já tive uma experiência na última eleição trabalhando com um candidato e esse ambiente não é o que eu gosto na minha vida, você tem que fazer muitas concessões, tem que... passar por cima de alguns valores... meus que eu não abro mão.

E06-P: — Sim, eu me candidataria, eu tive oportunidade de me candidatar cargo na época de eleição não tenho esse medo.

E07-P: — Não, não gostaria de fazer parte desse tipo de serviço não.

E08-P: — Se eu tivesse respaldo sim, mais isso não é pretensão.

E09-P: — Sim candidataria.

E10-P: — Sim.

E11-P: — Sim.

E12-P: — Se eu tivesse as condições especifica, eu me candidataria, eu acabei de ter uma vitória nas eleições dos sindicatos, até fiquei surpresa em Campo Grande eu tive um ponto a menos foi praticamente um empate técnico a diferença do outro candidato foi de um ponto a menos foi de um voto então fiquei surpresa de ver isso com isso girou uma vontade grande de corresponder a essas pessoas que me deram votos e trabalhar por eles, trabalhar pelo sindicato, trabalhar para os servidores de alguma forma eu não vejo que a posição política seja critério para lutar pelas pessoas. Agente luta independente de posição quando nós somos capazes disso.

E13-P: — Não tenho interesse.

E14-P: — Não, porque não tenho perfil.

Pesquisadora: — [Q20-P] Você desistiria dos seus objetivos porque sofreu discriminação racial?

E01-P: — Não... porque se eu fosse desistir eu já teria desistido antes, eu já passei da idade de desistir das coisas, agora eu continuo fazendo as coisas porque eu acredito, que eu seja e que esteja sendo uma referência para a... os negros, porque quando eu chego nessa idade e eu ainda estudando e as pessoas falam: ah eu estou velha para estudar, mas eu falo, eu estou com 70 anos e estou aí estudando e daqui uns dias eu vou estar com 71 e estou estudando, então você que tem 45 e 50 está aí em pleno viço da vida, e tem mais é que continuar estudando, porque só assim a gente vai abrindo caminho e vai abrindo estrada e eu a parabenizo por nem precisar financeiramente mas por estar estudando independente diz assim eu estudo porque preciso ganhar mais, qualquer coisa, não é o seu caso, por isso eu a cumprimento.

E02-P: — Jamais, eu lutaria até as últimas consequências para demonstrar que é... eu sou capaz e é... e galga todos os degraus para chegar aos objetivos que tracei.

E03-P: — Não.

E04-P: — Nunca, seria um estímulo a mais.

E05-P: — Estou duvidando, nem morta, pode ter certeza que a pessoa que me discriminou ia passar a ser defensor dos negros.

E06-P: — De jeito nenhum, jamais acho que isso só me daria força.

E07-P: — Nunca.

E08-P: — Jamais eu desistiria de lutar. Somos capazes de reverter essa situação não podemos simplesmente por uma situação que você sofreu em algum momento ficar chateado, mais se tiver uma preferência perceberia com certeza com isso você consegue chegar lá.

E09-P: — Não jamais.

E10-P: — Nunca.

E11-P: — Jamais.

E12-P: — Não.

E13-P: — Jamais.

E14-P: — Nunca.